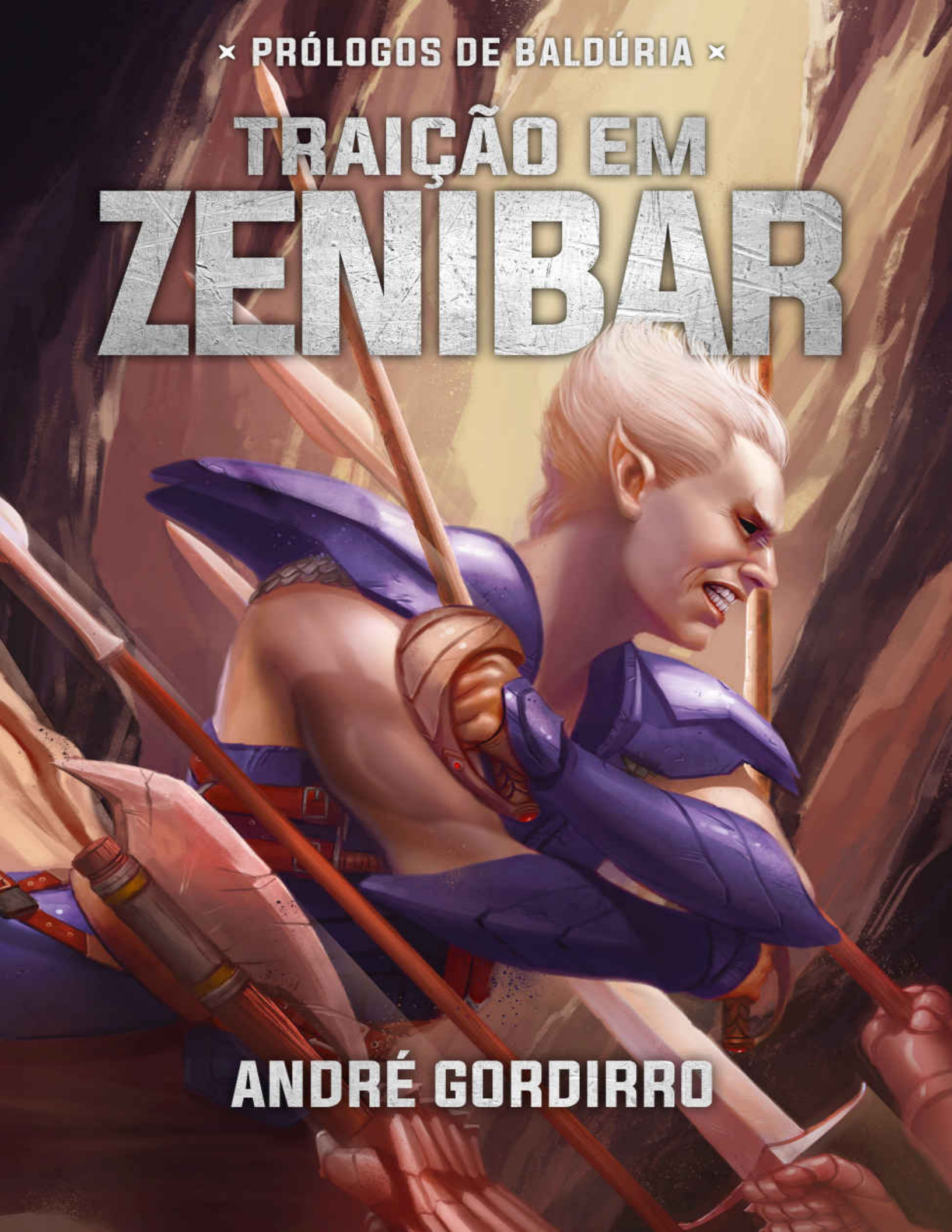


× PRÓLOGOS DE BALDÚRIA ×

TRAICÃO EM ZENIBAR

ANDRÉ GORDIRRO





PRÓLOGOS DE BALDÚRIA

TRAIÇÃO EM ZENIBAR

André Gordinho

Copyright © 2019 André Gordirro
Todos os direitos reservados.

Nenhum trecho deste livro poderá ser reproduzido sem a autorização formal do autor.

Edição digital.

Capa: Daniel de Almeida e Silva

Ilustrações: Daniel Lustosa, Manoel Magalhães e André Gordirro

Fechamento da versão digital: Leticia Zumaeta

Agenciamento: Authoria Agência Literária & Studio

www.authoriastudio.com.br

[NOTA DO AUTOR](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[APÊNDICE](#)

[PÓS-FÁCIO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

NOTA DO AUTOR

Os eventos a seguir ocorrem ao longo de três décadas, entre o Ano Seis e o Ano Trinta do Reinado do Grande Rei Krispinus, o Deus-Rei. Eles representam um grande *spoiler* para quem não leu *Os Portões do Inferno*, o Livro Um das **Lendas de Baldúria**.

Para manter as surpresas intactas, a ordem **sugerida** de leitura seria:

Os Portões do Inferno (Fábrica 231, Editora Rocco, 2015)

Traição em Zenibar

Um Chamado do Inferno (Fábrica 231, Editora Rocco, 2015)

O Despertar dos Dragões (Fábrica 231, Editora Rocco, 2018)

A ordem **cronológica** dos acontecimentos é a seguinte:

Traição em Zenibar

Um Chamado do Inferno

Os Portões do Inferno

O Despertar dos Dragões

Boa leitura!

*Para Barbara Bieites Dawes, que insistiu que o Kalannar tivesse uma
companheira.*

HURANGAR

KORANGAR

TOLGAR-E-KOL



GRANDE REINO DE
KRISPÍNIA

CARAMÉSIA



ZENIBAR



FNYAR-HOLL

ERMO DE
BRAL-TOR



PORTÕES DO INFERNO

DALÍNIA

CAPÍTULO 1

Ano Seis do Reinado do Grande Rei Krispinus, o Deus-Rei

Muzluk, Zenibar

A luz do sol não era um elemento bem-vindo em Zenibar. A grande maioria dos habitantes svaltares morreria em instantes se expostos a ela. Apenas a casta de nobres dos elfos das profundezas tinha resistência aos raios solares, ainda que ficassem incomodados se vissem a claridade que era tão estranha ao mundo de trevas eternas que habitavam. Eram raros os pontos de luz na cidade que se espalhava pelas entranhas da Cordilheira dos Vizeus — apenas braseiros, incensos e velas eram acesos por motivos místicos, para marcar a passagem das horas e permitir a leitura. De resto, os svaltares viviam mergulhados no breu que seus olhos viam em estranhos matizes azulados que se intrometiam na uniformidade de preto e branco.

Nessa escuridão um vulto se deslocava habilmente como uma mancha em movimento, indo de rocha em rocha, evitando fazer som ao pisar em pedras soltas e cascalho no chão, encolhendo o corpo para se confundir com o negrume.

Desprovido dos trajes extravagantes do posto de *rajar*, o primogênito da Casa Alunnar, e das proteções mágicas que resguardavam o corpo e mantinham sua condição física sempre na plenitude, Kalannar se sentia nu com apenas uma capa preta sobre roupas simplórias igualmente escuras — e também se sentia livre como nunca antes na vida. O ambiente em volta era desconhecido, não se parecia em nada com os saguões onde morava, a ampla série de cavernas conectadas que abrigava sua linhagem nobre. Ele estava nos arredores de Zenibar, na área reservada para os escravos kobolds, o *muzluk* na língua svaltar — uma palavra que significava alguma coisa entre uma pocilga e um local miserável, também usada para o buraco no chão onde os elfos das profundezas faziam suas necessidades. O odor era forte e nauseabundo, uma mistura da carniça que alimentava a diminuta raça reptiliana, do próprio fedor das criaturas e dos dejetos de toda Zenibar, que eram desovados no rio subterrâneo que cortava o muzluk. Kalannar amarrou um pano sobre o rosto extremamente branco para melhor se camuflar na escuridão e também tentar conter os efeitos do mau cheiro. Se ele ficasse tonto — ou pior, vomitasse —, a prova perderia todo o sentido.

Atrás de Kalannar, vinha uma sombra sempre atenta, sempre à espreita. O vulto era difícil de ser visto mesmo com o svaltar sabendo que ele estava presente

— e às vezes a sombra sumia ainda que estivesse sendo observada, num ponto onde Kalannar tinha absoluta certeza de que ela se encontrava. Aquilo lhe dava nos nervos, mas também aumentava a admiração por Gizar, a *desuayfar*, sua instrutora nas artes do assassinato.

Gizar era diferente de Kalannar em vários aspectos, a começar pelo gênero. Ela não era da nobreza, mas ainda assim tinha alguma autoridade sobre o primogênito no papel de *desuayfar*. Ela não possuía o sangue puro da elite *svaltar*, mas ainda assim atraía Kalannar, que não deveria se envolver com a *ralé*. Ela era uma assassina experiente, mortal e silenciosa, e Kalannar ainda dava os primeiros passos no ofício. Porém, uma coisa os dois tinham em comum — uma vontade de matar que deixava todos os sentidos em alerta e gerava uma sensação prazerosa na conclusão do ato. Gizar e Kalannar vinham falando sobre a primeira vítima do *rajar* da Casa Alunnar há semanas como se estivessem antecipando um ato sexual entre os dois — e ele tinha certeza de que esse era *exatamente* o subtexto das conversas.

Era impossível não pensar em sexo ao vê-la. Gizar não tinha a postura frígida das fêmeas *svaltares*, aquele ar superior e distante que era tão inerentemente *élfico* — seja *alfar* ou *svaltar* — e que provocava, em contrapartida, a mesma reação apática dos machos. A simples presença de Gizar no ambiente aticava Kalannar em uma onda que começava pela linguagem corporal dela e arrebentava na paixão com que a instrutora ensinava a atividade de matar.

O devaneio quase fez Kalannar ser visto por um grupo de kobolds que vinha trazendo uma carcaça podre retirada do rio. O *svaltar* precisou corrigir o posicionamento no último instante e encolheu o corpo esguio dentro de uma reentrância rochosa. Em algum lugar ali, tão invisível quanto ele estava agora, Gizar teria observado o deslize — Kalannar tinha certeza disso. Ele tirou da mente os pensamentos sobre o corpo curvilíneo e provocante da instrutora e se concentrou na tarefa.

A missão era simples: penetrar no *muzluk*, localizar um kobold específico designado pela instrutora e matá-lo sem ser visto pelos demais. Como *svaltar*, Kalannar tinha livre passe pela área, mas o exercício envolvia não ser detectado pelas criaturas, como se elas fossem vigias capazes de soar um alarme e inviabilizar o assassinato. Identificar o alvo também fazia parte do teste — como kobolds eram todos iguais, Kalannar teria que demonstrar sua capacidade de detectar minúcias e reconhecer detalhes. Diante de raças com feições semelhantes, como os anões vizinhos de *Fnyar-Holl*, era fundamental saber diferenciar um alvo de outro. A vítima em questão era um kobold com uma cicatriz comprida que ia da lateral da boca ao topo do focinho, um elemento difícil de perceber na pequena cabeça escamosa. Se fosse visto ou se matasse o kobold errado, Kalannar não passaria na prova.

E ele quase tinha estragado tudo por se distrair cobiçando Gizar.

A navegação pelo muzluk era complicada; os túneis eram estreitos e levavam a grutas pequenas onde os kobolds se amontoavam. Kalannar teria que vasculhá-las até encontrar o alvo, isso se ele não estivesse se deslocando. O svaltar já tinha vistoriado alguns locais em que as criaturas estavam dormindo, comendo ou se distraindo com algum jogo primitivo. Até agora, nenhum sinal do kobold que Kalannar havia apelidado mentalmente de Cicatriz — ainda que ele tivesse visto vários seres com marcas de tortura e mutilação nas mãos dos algozes svaltares, mas nenhuma correspondia à descrita por Gizar.

De repente, uma luz surgiu no ambiente, um elemento tão estranho àquele mundo subterrâneo que teria provocado o mesmo efeito chamativo de um berro. Falando em algozes, surgiu em uma curva adiante de Kalannar dois svaltares portando uma tocha e acompanhados por um orc. Kalannar avistou uma saliência no teto do túnel, ativou o poder de flutuação de sua linhagem nobre e se escondeu ali, sem ser notado pelos recém-chegados. Os dois svaltares eram escravagistas da Casa Dasannar, a linhagem responsável pela gerência do muzluk; kobolds tinham os péssimos hábitos de procriar descontroladamente e se rebelar, então alguém tinha que refrear essas atitudes, e isso cabia aos dasannares. Eles traziam uma fonte de luz por causa do orc; apesar de terem boa visão noturna, orcs não conseguiam enxergar no breu absoluto como svaltares e kobolds. Aquele espécime era velho, apresentava marcas de tortura e obviamente estava enfeitiçado para ser dócil, mas ainda assim impressionava pelo tamanho e força, postos a serviço de carregar grilhões e correntes para levar kobolds para as grandes casas de Zenibar em si. Além da tocha, os svaltares vestiam lorigas de couro leve e portavam *roperas*, flagelos e redes. A Casa Dasannar era conhecida pelos apetrechos encantados para captura, tortura e detenção. Kalannar, por sua vez, tinha recebido a permissão de portar apenas uma adaga; sua desuayfar havia proibido que ele levasse roperas, a espada fina e curta usada tradicionalmente pelos svaltares, pois o primeiro assassinato tinha que ser íntimo e pessoal, com a proximidade que só uma adaga permitiria. Depois o futuro *ayfar*, o mestre dos assassinos, passaria a usar outras armas maiores, mas sempre saberia que a arma por excelência de um matador profissional era sua adaga.

Kalannar foi obrigado a permanecer um bom tempo oculto na saliência, enquanto os dasannares cumpriam os afazeres naquele túnel do muzluk. Sem muita pressa, eles apreenderam oito kobolds — nenhum era o Cicatriz, felizmente — de uma gruta que Kalannar ainda não havia inspecionado. O primogênito da Casa Alunnar teve que colocar em prática outra ferramenta básica do arsenal de qualquer aspirante a assassino: a paciência. Ele sabia que Gizar estaria em algum ponto da mesma passagem subterrânea, sendo igualmente paciente enquanto avaliava o

comportamento do aluno. Praguejando contra os conterrâneos lá embaixo, cuja demora em capturar os escravos provocou dormência nas pernas pela posição em que se encontrava, Kalannar jurou matá-los algum dia. A cada instante de demora, as execuções se tornavam mais criativas e dolorosas em sua imaginação.

Felizmente, após o que pareceu ser uma eternidade, os escravagistas foram embora com a leva de kobolds que vieram pegar. A captura provocou um agito nas criaturas que ficaram para trás, e a algazarra ecoou pelo túnel inteiro. Kalannar se aproximou da entrada da toca e se recolheu rapidamente quanto um kobold foi olhar se os algozes realmente haviam ido embora — um ser reptiliano diminuto que ostentava um corte que ia da lateral da boca ao topo do focinho.

Cicatriz.

Kalannar abriu um sorriso cruel por trás do pano que o protegia do fedor do lugar. Finalmente um pouco de sorte naquela prova ingrata. Por instinto, a mão branca foi em direção ao cabo da adaga, mas se deteve no meio do movimento. Matar o alvo ali, à vista dos outros kobolds no interior da gruta, colocaria a missão a perder. Ademais, a criatura já não estava mais na boca da caverna; assim que verificou que tudo estava tranquilo, Cicatriz voltou para comunicar aos demais. Os kobolds se encolheram no interior e continuaram agitados, lamentando o destino de quem tinha sido levado. Kalannar praguejou em silêncio novamente — os dasannares haviam ouriçado aquele bando, e não havia como saber quando os kobolds se aquietariam e dormiriam para permitir o assassinato. Só lhe restava esperar escondido outra vez. Na mente dele veio outra série de suplícios a serem infligidos aos dois escravagistas.

Algumas marcas de incenso depois, o silêncio tomou conta do túnel. Kalannar arriscou uma olhada no interior de gruta e viu que os kobolds — 27, no total — estavam dormindo. Ele teria que desviar de vários amontados de criaturas até chegar a Cicatriz, que dormia aninhado com outro kobold, aparentemente ovado pelo inchaço na barriga. Kalannar levou a mão ao rosto em um gesto de sofrimento e indignação. As histórias fabulosas sobre os grandes ayafares — os mestres-assassinos dos svaltares — ocultavam o início de carreira tão complicado e degradante.

O cheiro dentro da cova era ainda pior do que o ar fétido dos túneis. Excrementos, restos de comida e o odor dos kobolds provocaram um assalto ao olfato refinado de Kalannar, acostumado aos incensos dos saguões da Casa Alunnar. As criaturas no chão formavam uma pista de obstáculos que Kalannar considerou contornar, até ter a ideia de se lançar ao ar e descer flutuando calmamente ao lado do alvo. O teto baixo da gruta azedou o plano que durou menos do que um instante na sua mente. Ele seguiu desviando dos pequenos seres, até travar quando sentiu um repuxão na capa preta. A borda do pano havia se prendido à garra da pata de um

kobold, que começara a despertar. Desesperado, Kalannar sacou a adaga e cravou a lâmina na garganta macia e pouco escamosa daquela criatura desprezível antes que ela guinchasse e acordasse a gruta inteira. Parte da prova era *não ser visto*; o svaltar podia garantir que o kobold havia morrido antes de abrir os olhos imensos. Ele sabia que Gizar tinha testemunhado a reação rápida, podia apostar a vida que ela estava dentro daquela toca, ainda que não tivesse conseguido vê-la nos esconderijos óbvios. Talvez houvesse esconderijos não tão óbvios que só a experiência lhe ajudaria a descobrir futuramente. A possibilidade de estar sendo observado pela instrutora e ter acabado de matar um kobold provocaram uma sensação que novamente distraiu Kalannar. Ele se viu parado no meio do caverna tendo devaneios, com uma adaga sangrando na mão, e então sacudiu a cabeça e retomou o caminho tortuoso até o alvo.

Kalannar finalmente chegou diante de Cicatriz, tendo pouco espaço para apoiar os pés entre os outros kobolds que dormiam ao redor. Seu equilíbrio era precário, e a estocada tinha que ser bem dada para matá-lo de uma vez, como havia acontecido com a outra criatura. Ele avaliou a posição do alvo, acomodado nos braços de outro kobold, e escolheu a melhor forma de executá-lo sem perturbar a segunda criatura. A mão esquerda conteve o focinho alongado do kobold e a direita enfiou lentamente a adaga no olho de Cicatriz, que não se mexeu ou guinchou — e sequer se mexeria ou guincharia novamente. Kalannar ficou observando se o companheiro abraçado esboçaria alguma reação, mas não houve movimento. Ele recolheu a arma com a mesma cautela, notou um leve tremor no corpo da vítima, mas o segundo kobold apenas respondeu da mesma forma, sem despertar. Kalannar ainda aguardou um pouco mais e depois refez a rota até a boca da gruta, sendo cuidadoso com a capa desta vez. Ao chegar lá, foi tomado por uma grande euforia.

Ele havia cumprido sua primeira missão de assassinato.

Certo, tinha sido um kobold, mas isso não diminuía o feito. Ou pelo menos Kalannar quis se convencer disso. Ele teria preferido que fosse um alfar em uma aldeia dos elfos da superfície, ao ar livre, mas essa oportunidade chegaria em breve. A mão apertou o cabo da adaga com força para dar vazão à sensação prazerosa de poder e realização. Um ruído no corredor tirou o rajar da Casa Alunnar do devaneio — a missão *ainda* não tinha sido cumprida. Ele precisava voltar às grandes cavernas que abrigavam sua linhagem nobre sem ser notado, e alguns kobolds estavam vindo pela ponta do túnel. Kalannar aproveitou o terreno livre à frente e tomou o rumo de casa se esgueirando novamente pelas rochas, enquanto a mente fantasiava o reencontro com Gizar.

No meio do *desuydo*, uma das cavernas usadas para treinamento marcial da Casa Alunnar, Kalannar aguardava pelo surgimento de Gizar. O ar estava tomado pelo aroma de incensos de efeito revigorante e pelos vapores da piscina natural que servia para banho, relaxamento e cura dos alunos. Bancadas de pedra apoiavam um arsenal completo de instrumentos de morte. Grades fechavam reentrâncias nas paredes rochosas que serviam de jaula para espécimes usados nas aulas; não havia nenhuma pobre criatura presente no momento, mas o cheiro de sangue de vítimas antigas persistia mesmo sob o aroma dos incensos.

— Rajar.

A voz de Gizar surgiu por trás de Kalannar, de um ponto em que ele não esperava, pois a distância até o próximo esconderijo era grande demais para ser cruzada sem revelar a presença dela. Ou *seria* longe demais, mas não para uma assassina treinada como Gizar.

— Desuayfar — respondeu Kalannar ao se virar com a melhor expressão possível de desinteresse e naturalidade, como se não tivesse se surpreendido pela chegada dela.

Gizar vestia uma loriga de couro leve, cheia de adagas, e uma capa preta similar à de Kalannar. O rosto branco estava pintado de preto — o indicativo de que, de fato, ela havia seguido o aluno na missão no muzluk. Ele não teve direito àquela camuflagem perfeita, apenas ao pano preto improvisado para deter o efeito do mau cheiro e diminuir as chances de a face fantasmagórica ser vista no escuro.

Mesmo com o rosto sujo daquele jeito, Gizar continuava linda.

— O Jasnar se saiu melhor que você — disse ela.

Kalannar já estava acostumado a não ser tratado como "senhor" ali no *desuydo*; Gizar no máximo reconhecia o status dele de primogênito, e só. Fosse outra plebeia, ela já estaria morta, mas a instrutora era uma peça fundamental na hegemonia da Casa Alunnar sobre as demais de Zenibar. Ela não estava treinando apenas o rajar, como também seu primo, Jasnar, que tinha a mesma vontade de se tornar o mestre dos assassinos da família. Assim que um deles se formasse, o novo ayfar por sua vez seria responsável pelo treinamento dos noguiris, a tropa especial com ênfase em infiltração e assassinato, uma das peças mais devastadoras do poder militar dos alunnares.

— O Jasnar já conhecia o muzluk — retrucou Kalannar secamente, evitando devorá-la com os olhos, ao mesmo tempo em que continha a raiva pela comparação do desempenho dos dois. — Ele tinha essa vantagem. Foi a primeira vez na vida que fui até lá.

— Eu avisaria se quisesse uma desculpa. Você estava nitidamente distraído. Até um kobold teria notado.

Distraído pensando em você, Kalannar quis dizer, mas conteve a língua.

— Nenhum kobold me notou, por falar nisso.

— Por pouco — falou Gizar. — Você foi descuidado com sua capa e parecia estar com a cabeça em qualquer outra coisa, menos na missão. Um assassino distraído é uma vítima, não um executor.

Kalannar permaneceu calado, novamente sem verbalizar o que sentia vontade de dizer, o que o corpo exigia que falasse.

— *Mas* eu notei que você estava tentando me achar pelo caminho — continuou a desuayfar. — Infelizmente, você olhou em todos os pontos óbvios, mas um ayfar *nunca* se encontra em um esconderijo evidente. Às vezes, um assassino está...

Ela se deslocou incrivelmente rápido e foi parar atrás de Kalannar, com uma adaga pressionando o tecido frágil do saio e da capa que ele usava — e que não seriam proteção alguma contra o aço.

— ... onde menos se espera. Eu passei praticamente todo o tempo no muzluk à distância de um golpe, e você nem me notou.

O corpo de Kalannar travou, enquanto a mente analítica disparou. Será que Gizar tinha recebido ordens para matá-lo? Assassinato era considerado uma forma legítima de ascensão social e solução de conflitos na sociedade svaltar, mas, tirando o cobiçado posto de rajar, Kalannar não oferecia motivos para ser morto. Até hoje não tinha feito nenhum inimigo e o resto da família não parecia interessado no posto de sucessor de Fernnar, seu pai e líder da Casa Alunnar. Regnar, o irmão caçula, seria o beneficiário imediato caso Kalannar morresse, mas ele se mostrava mais afeito à carreira militar do que à função de chefe da linhagem. Jasnar, então? O primo que disputava com ele o cargo de mestre dos assassinos? Não, o próprio Jasnar teria tido o prazer de cometer o ato em pessoa, para sair legitimado como ayfar. Ou será que não?

Foi então que Kalannar percebeu, pela leve hesitação da lâmina pressionada contra as costas, do que se tratava aquilo. Não era uma tentativa de assassinato. Gizar poderia tê-lo matado em qualquer ponto do muzluk e ter feito parecer como um fracasso da missão perante a nobreza da Casa Alunnar.

Aquilo era um *convite*.

Kalannar girou o corpo e se afastou de Gizar — que reagiu com uma estocada leve, para manter as aparências —, mas não tão longe a ponto de não conseguir revidar. A adaga, ainda com o sangue imundo do kobold, surgiu na mão dele e foi parar no pescoço dela, tocando na pele suja de camuflagem preta. A arma

de Gizar foi reposicionada para o meio das pernas de Kalannar, para o volume que já se fazia evidente.

— Ainda assim — disse a instrutora, como se nada daquilo estivesse acontecendo —, devo-lhe os parabéns pela conclusão de seu primeiro assassinato.

— Agora que ganhei o merecido reconhecimento — sibilou Kalannar, com os olhos negros mergulhados nos dela, fazendo pressão com a adaga no pescoço e sentindo a mesma reação perigosa da parte de Gizar —, devo confessar que estava distraído... pensando em você.

— Eu sei.

Ela soltou a adaga, e ele também, quase ao mesmo tempo. Antes de as armas caírem fazendo barulho, Kalannar e Gizar já estavam se beijando selvagemente. As duas adagas sobre o chão rochoso logo ganharam a companhia dos dois assassinos que as empunharam.

CAPÍTULO 2

Zenibar, Cordilheira dos Vizeus

De todas as cavernas que compunham o complexo da Casa Alunnar em Zenibar, a ocupada pelo *imar*, o mestre-alquimista da família, era a mais iluminada e quente. O espaço comandado por Devenar era repleto de caldeirões e braseiros acesos, que fumegavam em meio às bancadas de trabalho com uma coleção aparentemente infinita de jarros e potes em cima. No meio desse caos, os assistentes do imar tiravam e guardavam ingredientes e apetrechos de grandes baús para manter sempre em estoque a produção de poções, unguentos e óleos que a Casa Alunnar consumia em grandes proporções.

O cheiro ali era tão forte quanto no muzluk, mas a sensação era pior — quem não estivesse acostumado certamente ficava enebriado pelas substâncias desconhecidas ou sofreria algum efeito mágico, ainda que leve e temporário. Era recomendado que o visitante tomasse uma dose combinada de fortificante e antídoto geral, e foi o que Kalannar fez assim que entrou, acompanhado por Gizar. Àquela altura, toda Zenibar sabia que os dois eram amantes. O rajar e sua instrutora (e agora concubina) eram presenças constantes no laboratório do imar nos últimos tempos, pois Kalannar vinha tendo uma série de aulas sobre venenos com Devenar e Gizar; os tópicos anteriores envolveram noções básicas de preparo e aplicação de substâncias tóxicas nas armas. Naquele dia, a lição seria mais prática — o efeito do veneno certo em cada tipo de vítima.

Essa era a aula que Kalannar mais ansiava para ter.

Devenar conduziu os dois a uma câmara reservada, ligada por um túnel à caverna principal, com alguns prisioneiros amordaçados e acorrentados ao paredão rochoso e sob vigília de guardas alunnares.

Kalannar ficou intrigado ao ver as boas condições físicas dos cativos: um elfo da superfície, um humano, um anão e um orc. Nenhum deles apresentava sinais de maus tratos e pareciam vigorosos.

— Por acaso estamos no ramo de receber bem nossos prisioneiros? — reclamou Kalannar.

— Meu caro rajar — disse Devenar —, não podemos testar a potência de um veneno em espécimes em condições precárias de saúde. O resultado não será exato. Ainda que estejam abalados pelo cativeiro, o organismo deles reagirá de maneira similar como se fossem alvos em liberdade.

— É bom também que estejam fortes para o senhor testar a resistência contra facas — falou Gizar, usando o tratamento respeitoso por estar diante de

Devenar, outro svaltar nobre como Kalannar. — Lembre-se, por exemplo, que um anão tem a pele muito mais rígida do que um alfar. É preciso aplicar mais força para o veneno entrar.

Kalannar observou os prisioneiros; o humano, o anão e o orc não tinham como entender o que estava sendo conversado, mas o alfar compreendia nitidamente. O elfo da superfície encarou o svaltar com um olhar suplicante e nervoso. Kalannar deu um sorriso cruel e decidiu deixá-lo por último.

Devenar apontou para um aparador de pedra onde havia três potes e falou:

— Cada veneno tem sua validade específica, dependendo da composição, feita caso a caso para cada espécime. É importante ter noção de quando um veneno está prestes a expirar e, se necessário, testá-lo regularmente para verificar a validade. Não há nada mais frustrante, e perigoso, devo salientar, do que depender de um veneno e ele ter perdido a potência.

Kalannar começou a se dirigir ao aparador quando uma figura entrou esbaforida e meio cambaleante na câmara dos prisioneiros. Era Dolonar, o *skalki* (senescal) da Casa Alunnar. Pela aparência um pouco azulada, ele não havia tomado nenhum antídoto ao entrar no laboratório do imar.

— Rajar — disse Dolonar, ofegante —, seus pais exigem a sua presença.

— Eles não podem esperar...? — perguntou Kalannar, lançando um olhar frustrado para o elfo da superfície, mas já ciente da resposta pela urgência na atitude e no tom de voz do *skalki*.

— Infelizmente, não, rajar.

Com um aceno de cabeça para Devenar e uma expressão preocupada para Gizar, Kalannar deixou o local acompanhado por Dolonar.

Furnas do Salar, Zenibar

Confrontar os pais era sempre desagradável para Kalannar. O primogênito svaltar não gostava de autoridades, a não ser que *ele* fosse a autoridade. Para Kalannar, as decisões dos outros costumavam ser impensadas; era fácil descartar ou consertar as atitudes tomadas por inferiores, mas era muito difícil se submeter às decisões desajuizadas impostas por superiores. Talvez fosse por isso que ele gostava tanto de ser um assassino — agir sozinho, sem a interferência de alguém com ideias irrefletidas, era melhor do que atuar em grupo e ter que conviver com a incompetência dos outros.

Não que seus pais, Fernnar e Noimar, fossem incompetentes. Sob a liderança dos dois, a Casa Alunnar ainda era a mais poderosa de Zenibar. Porém,

eles detinham *poder* sobre Kalannar, e nem sempre concordavam com as atitudes do filho. Ter que acatar determinações que ele julgava equivocadas lhe corroía por dentro.

Kalannar adentrou a caverna que servia como sala do trono da Casa Alunnar, dentro do complexo conhecido como Furnas do *Salar*, o líder da família. Uma chaminé comprida levava à superfície, e graças a uma série de cristais estrategicamente posicionados, o luar era direcionado para o interior da grande câmara subterrânea. Mesmo com a resistência dos nobres à luz do sol, aquela câmara só era utilizada durante o período da noite fora dos Vizeus. A lua era venerada pela Casa Alunnar e servia como seu símbolo ancestral.

Banhados pelo luar, sentados em tronos de pedra entalhados com imagens arcanas que guardavam grande poder e proteção, Fernnar e Noimar receberam o primogênito.

— Meu filho — disse Noimar, uma svaltara muito magra e pequenina, com os cabelos brancos tingidos de vermelho, como cabia às sacerdotisas da linhagem. — O tempo de seu pai como *salar* chegou ao fim.

Fernnar, um svaltara de cabelos ralos e corpo flácido, mas que indicava ter tido um passado vigoroso e atlético, se movimentou no trono. Cheia de símbolos e inscrições arcanas em volta da imagem de uma lua prateada, a túnica negra com tons de cinza era sóbria em contraste com os vários badulaques mágicos e decorativos que a esposa usava em excesso.

— É verdade, Kalannar. As poções do Devenar já não me sustentam como antes. — O pai fez uma pausa antes de falar o que certamente lhe doía verbalizar. — Eu tenho que abdicar do posto de líder da Casa Alunnar e me preparar para o inevitável *kifili*. Já adiei demais essa decisão.

Apesar da imortalidade, certos svaltares perdiam parte da consciência com o passar dos séculos, ainda que o corpo permanecesse vivo. Há décadas Fernnar lutava contra a senilidade, e entrar no *kifili* — o Sono Sagrado dos elfos anciões, tanto svaltares quanto alfares — era a única maneira de restaurar as faculdades mentais.

— É uma pena que essa decisão tenha demorado tanto — sibilou Noimar. — Não teríamos perdido a oportunidade do Brasseitan...

O termo intrigou Kalannar. Brasseitan queria dizer, literalmente, os Portões do Inferno, mas ele não era chegado a misticismos como a mãe. Kalannar era pragmático e, ainda que reconhecesse o valor e o poder da magia, achava tudo aquilo pouco confiável. Eram elementos que fugiam ao seu controle, e, para Kalannar, *tudo* deveria estar sob seu controle.

— O Brasseitan? — perguntou ele.

— A passagem para a dimensão dos demônios — respondeu a mãe. — *Alguém* não prestou atenção aos meus ensinamentos. Vejo que você tem a quem puxar, Kalannar.

— O que o Brasseitan tem que a ver com meu pai?

— Eu deixei de notar sua importância estratégica — falou Fernnar antes que a esposa respondesse com mais veneno na língua. — Ou melhor, notei tarde demais. De alguma forma, os humanos abriram o Brasseitan. Quando me dei conta, infelizmente, eles já haviam conseguido fechá-lo.

O salar deu um longo suspiro, fez uma pausa sob o olhar repreensivo de Noimar, e concluiu:

— Eu culpo nosso isolamento aqui embaixo.

— Você sempre foi bom em encontrar culpados que não fossem você, Fernnar — interrompeu a esposa.

— Se eu tivesse paz de espírito ao seu lado, talvez...

— *Alguém pode me dizer o que o Brasseitan tem a ver com a história?* — explodiu Kalannar, que tinha paciência zero para as picuinhas dos pais.

— A abertura do portal demoníaco espalhou trevas pela superfície — explicou a mãe. — Permanentemente aberto, o Brasseitan teria estabelecido uma noite eterna sobre o mundo lá fora. O sol não brilharia mais.

— E com isso — completou Kalannar, unindo os pontos —, poderíamos ter voltado para a superfície e nos vingado dos alfares.

— Teoricamente... sim — disse Fernnar, hesitante. — Sua mãe falou em "oportunidade perdida", mas nada garante que as trevas seriam eternas e que os demônios aceitariam nossa presença no mundo exterior.

— As trevas *seriam* eternas — retrucou Noimar. — Todos os estudos místicos que fiz concordam com isso. E quanto aos demônios, teríamos que ter feito um pacto. E demônios *adoram* pactos.

— E como os humanos fecharam o Brasseitan? — perguntou Kalannar, novamente querendo ser prático.

— Segundo o *zavar*, eles usaram uma antiga magia adamar — respondeu Noimar, evitando citar o nome do arquimago da Casa Alunnar; até mesmo ela temia citar Vagnar em voz alta.

Kalannar, porém, não era dado a essas superstições.

— E o Vagnar não acredita que essa magia possa ser desfeita? Um feitiço não é como uma facada, que uma vez dada, não há como voltar atrás.

— É possível, filho — falou Noimar. — Minha mãe sempre dizia que a magia é como um jogo de *yigin*, em que a retirada ou a colocação de um simples bloco pode desmoronar toda a torre. Sua avó foi a sacerdotisa mais inteligente e poderosa que já vi. Infelizmente, ela teve que se sacrificar para salvar você.

Kalannar fez uma expressão de raiva. A mãe sempre encontrava um jeito de jogar aquilo na cara dele. O rajar havia nascido com uma saúde frágil e dificuldade de respirar, vivia acometido por crises violentas de tosse, até que a avó, Hebrear, decidiu fazer um ritual complexo para salvar o neto — à custa da própria vida. Desde então, Kalannar estava curado, ainda que a mãe o obrigasse a se encher de penduricalhos mágicos para, nas palavras dela, "honrar o sacrifício da avó" e se manter saudável. Sempre que possível, ele deixava as proteções de lado, apenas para irritá-la. E Noimar respondia com provocações como aquela.

— Então, sejamos práticos — disse Kalannar, impaciente. — Se "é possível" desfazer a magia adamar implementada pelos humanos, como a senhora mesmo diz, devemos consultar o Vragnar para revertermos o fechamento do Brasseitan. Se ele e os outros feiticeiros disserem que não há jeito, é perda de tempo lamentar a oportunidade perdida.

— Falando em perda de tempo — disse Fernnar, já cansado daquele assunto que, para ele, estava encerrado —, como vai seu treinamento como assassino?

— Melhor, impossível. Eu estava prestes a ter uma ótima aula de venenos até ser interrompido — respondeu secamente Kalannar, sabendo onde o pai levaria o assunto.

Fernnar sempre foi contra a decisão do primogênito de se tornar o mestre dos assassinos da família. Especialmente agora, que era sabido que Kalannar estava envolvido com a desuayfar, uma reles svaltar inferior. Enquanto isso, argumentava o pai, Regnar, seu irmão mais novo, já havia estreitado laços com outra casa nobre e até gerado um filho, Zeknar. O salar voltou a insistir na ladainha:

— Você não deveria acumular postos: você é o rajar e meu sucessor direto. Não precisa se tornar o ayfar, justamente agora que pretendo abdicar da liderança de nossa família. Seu primo Jasnar está aí para isso. Você deveria procriar e fortalecer nossa linhagem, como fez o Regnar.

— O Regnar está seguindo treinamento militar e liderando escaramuças contra Fnyar-Holl — retrucou Kalannar. — E meu primo é um bom assassino, mas não como eu. Não quero ser uma peça decorativa. E se o Brasseitan for reaberto e invadirmos a superfície, agora sob *meu* comando como salar da Casa Alunnar, é melhor ainda que eu saiba como matar alfares. Quem sabe o próprio Salim Arel não cai pela minha adaga?

Fernnar finalmente perdeu a paciência — também, como uma esposa e um filho daqueles, não era difícil perdê-la. Ele ansiava pelo kifili para, por fim, ter paz de espírito e ficar longe de tanto desrespeito, teimosia e insolência.

— *Você não está interessado em nada disso, e sim naquela plebeia de sangue ralo!* — explodiu o velho svaltar. — Sua desuayfar. Eu deveria sangrá-la e jogá-la aos kobolds para vê-la ser devorada viva.

Foi a vez de Kalannar ficar tão furioso quanto o pai. Ao contrário do berro colérico, ele se expressou com uma frieza mortal.

— O senhor não fará nada disso ou terá um kifili *bem curto*. Aprender a matar mantém minha mente focada. E ela precisa estar focada no objetivo adiante: reabrir o Brasseitan e retomar a superfície.

— Deixe o Kalannar em paz, Fernnar — disse a mãe e, em seguida, se voltou para o filho: — Vá até o zavar; se for mesmo possível reabrir o Brasseitan, você comandará essa operação. Mas mostre *resultados*, ou meu apoio não vai durar para sempre. Eu também não gosto que você se envolva com a ralé. Já passou da hora de você, meu filho, assumir suas responsabilidades como rajar e procriar.

— Muito bem — falou o pai, tentando dar a última palavra. — Eu vou aguentar um pouco mais e só entrar no kifili quando essa situação estiver definida. Terei um sono sagrado revigorante sabendo que a vingança contras os alfares finalmente aconteceu e foi implementada pela minha linhagem.

Sem ter mais o que dizer, e antes que os pais retomassem as discussões de sempre, Kalannar se ausentou. A mente fervilhava com hipóteses e planos, e ele precisava externá-los para Gizar, antes de se encontrar com Vragnar, o arquimago da família. Se toda aquela baboseira mística do Brasseitan fosse verdade, Kalannar teria muitos alfares para matar. Mais do que apenas um prisioneiro que servisse de cobaia para venenos.

E com Gizar ao seu lado, livre para andar pela superfície como ele.

CAPÍTULO 3

Cordilheira dos Vizeus, Zândia

Ser imune aos efeitos mortais dos raios do sol não era o mesmo que ficar à vontade sob eles. Incomodado e com a mão tentando proteger os olhos da claridade intensa, Kalannar estava do lado de fora de Zenibar, em um morro na Cordilheira dos Vizeus, olhando para a direção onde ficava o Brasseitan. Muito ao longe no céu, uma mancha negro-arroxeadada indicava o ponto onde a passagem infernal tinha sido aberta há anos e formado um vórtice no firmamento. Era a cicatriz de uma ferida que estava se fechando depois de muito tempo, o último sinal de um imenso véu escuro que havia consumido os reinos humanos de Blakenheim e Reddenheim e que chegou a se alastrar pelos Vizeus, na área onde Zenibar se encontrava. Foi assim que Fernnar, o líder svaltar, descobriu a abertura do portal dimensional — quando o luar que incidia sobre seu trono nas profundezas desapareceu por meses a fio, um sumiço muito mais longo do que um simples mau tempo teria provocado. Infelizmente para a Casa Alunnar, pensou Kalannar, seu pai realmente havia hesitado e perdido a oportunidade. Agora cabia a ele reabrir o Brasseitan, e, sob aquela claridade lá fora, a tarefa parecia muito ingrata.

Desde a convocação perante os pais, Kalannar vinha se reunindo regularmente com os dois — o projeto estava estreitando os laços do primogênito com Fernnar e Noimar. Ele perguntou se as outras linhagens sabiam do ocorrido e qual seria o posicionamento delas, mas os pais afirmaram que nenhuma das casas nobres de Zenibar teria como ter percebido o rompimento dimensional sem possuir uma chaminé que as conectasse diretamente ao mundo exterior, nem tampouco teriam compreendido o que se passou no céu; a Casa Alunnar detinha o maior conhecimento místico daquela cidade svaltar, e se porventura os caçadores da Casa Dasannar houvessem incursionado na superfície para capturar escravos e tivessem visto as trevas que apagaram o sol, aqueles ignorantes não teriam como reconhecer a ruptura da barreira entre os planos. Mesmo assim, Kalannar sugeriu que fossem feitas sondagens discretas sobre o assunto com os nobres das outras famílias — uma ideia que a mãe abraçou na hora. Noimar fazia várias reuniões constantes com as sacerdotisas de todas as casas de Zenibar, encontros que invariavelmente acabavam em uma animada troca de fofocas. Ela abriu um sorriso cruel quando o filho deu a ideia de manter o plano em sigilo; se nenhuma das linhagens soubesse algo sobre o Brasseitan, o projeto de reabri-lo e conduzir a nação svaltar para a superfície após séculos de maldição seria levado a cabo apenas pela Casa Alunnar, que colheria

todas as glórias. Fernnar se mostrou um pouco cético, mas não chegou a dizer nada diante do olhar fulminante da esposa.

Porém, todo esse planejamento preliminar não teria sequer começado se não tivesse havido uma consulta com Vagnar. Visitar o zavar foi a primeira medida tomada por Kalannar assim que deixou a sala do trono ao ser informado sobre o Brasseitan. O arquimago da Casa Alunnar despertava temor em Zenibar pelo domínio da fisiomancia — magia que controlava os corpos vivos — e pelos rumores de que era filho de um demônio. Diziam que ele cegava os inimigos com uma simples palavra e que seus assistentes se sacrificavam de bom grado para a realização de rituais de demonologia, sua segunda especialidade mágica. Kalannar era avesso a crenças exageradas, mas sempre que encontrava o sujeito tinha que admitir que Vagnar era excêntrico e cruel até para os padrões da sociedade svaltar. Ele dispensava roupas extravagantes, estava sempre de torso nu e portava um cajado estranho feito de osso. Mesmo sendo o rajar, Kalannar não teve acesso imediato à caverna do arquimago — foi preciso chamar um assistente, aguardar e aí sim ser recebido por Vagnar em outra câmara. Talvez tenha sido melhor assim; se de fato acreditasse nos rumores, Kalannar teria sido virado do avesso ao passar pelas proteções místicas do zavar.

Toda aquela cena dramática ao menos valeu a pena: Vagnar afirmou, com uma arrogância irritante, que de fato havia sentido um grande influxo de forças demoníacas há alguns anos e que, em teoria, um portal dimensional fechado poderia ser reaberto. Muitas luas depois, após alegar ter feito pesquisas e rituais de contato extraplanar, o zavar confirmou que o feitiço adamar que fechou o Brasseitan poderia mesmo ser desfeito — e informou também que havia conseguido um *aliado* entre os demônios que o guiaria na melhor forma de anular o encantamento realizado pelos humanos. Só havia duas questões de ordem mística: primeiro, era preciso esperar um novo ciclo de proximidade entre a dimensão demoníaca e a dimensão dos svaltares. Kalannar não achou de todo ruim a espera, que seria de mais de uma década, pois um plano ambicioso de reconquista da superfície com a ajuda de uma hoste de demônios certamente levaria tempo para ser idealizado e implementado sem margem de erro.

A segunda questão, porém, era problemática: Vagnar teria que estar diante do selo mágico para rompê-lo. Não era um ritual capaz de ser feito a longa distância, das profundezas da Cordilheira dos Vizeus, no ambiente controlado de Zenibar.

Seria necessária uma incursão na superfície *antes* de as trevas esconderem o sol.

Apenas os nobres svaltares conseguiriam realizar tal feito, mas, mesmo assim, Kalannar sabia que seria um deslocamento longo e difícil. Há séculos

confinados embaixo da terra pela maldição imposta pelos alfares, os svaltares tinham perdido o contato e o costume com a superfície. Incursões breves eram realizadas com certa constância, obviamente, mas apenas em áreas próximas a Zenibar, sem envolver uma jornada tão complexa. Os elfos das profundezas sabiam muito pouco sobre o mundo exterior.

Era o momento de mudar isso para realizar a empreitada, pensou Kalannar. Ele estava encarando a questão como uma longa missão de assassinato.

Era o momento de estudar a vítima, para depois executá-la.

Kalannar novamente arriscou uma olhada para a mancha no céu. O firmamento havia se tornado um conceito estranho para os elfos das profundezas, acostumados a sempre ter um teto rochoso sobre as cabeças. Um poeta svaltar chamou o céu de *bezjaskinia*, "a grande caverna sem fim", e o termo simplesmente substituiu a palavra usada anteriormente quando eles ainda viviam na superfície. Kalannar foi obrigado a concordar com o sujeito enquanto tentava absorver a imensidão da abóboda azulada e irritantemente ofuscante.

— Será uma longa viagem, rajar — falou uma voz feminina ao lado dele.

Kalannar se voltou para Velinar, que compunha com o marido Fallar a dupla de batedores que ele havia selecionado para a incursão. Os dois eram os melhores no ofício que a Casa Alunnar tinha a oferecer — e por acaso eram nobres, ou não sobreviveriam à empreitada —, mas não se comparavam aos batedores da linhagem Dasannar. Era o preço a pagar pela discrição, pela vontade de Kalannar de não trabalhar com as outras casas. A glória seria apenas dos alunnares.

— O ideal é viajarmos à noite, rajar — disse Fallar —, enquanto evitamos passar por aldeias humanas e alfares e garantimos um abrigo para passar o dia escondidos.

— Temos provisões suficientes conosco, rajar — falou a batedora. — E nos reabasteceremos com os inimigos, em incursões discretas.

Kalannar assentiu com a cabeça e apontou para a mancha no céu.

— Temos que traçar a melhor rota segura até aquilo *ali*, antes que desapareça de vez. — Ele então se voltou para o quarto elemento presente naquele ponto alto da Cordilheira dos Vizeus. — E aí *você* faz o que deve ser feito.

O sujeito se chamava Zomar, era um primo e assistente enviado por Vragnar, que não se dignou a participar da incursão. O zavar simplesmente teve o descaramento de afirmar que não era dado a missões de reconhecimento e que Zomar era instruído o suficiente para reconhecer o selo místico, analisá-lo e fazer um relatório para ele. Kalannar nem perdeu tempo discutindo; até seria melhor não contar com a presença esquisita e arrogante de Vragnar durante aquela jornada complicada. Ademais, havia o sério risco de a Casa Alunnar perder seu místico

mais poderoso caso a paciência de Kalannar se esgotasse no meio do caminho. Não seria bom para o plano matar o sujeito que sabia como abrir o Brasseitan.

— Sim, senhor, rajar — respondeu Zomar, que, assim como seu mestre, não parecia muito afeito a sair do conforto das grutas escuras de Zenibar para incursionar com a "grande caverna sem fim" sobre a cabeça.

Kalannar acenou com o rosto para os dois batedores, que imediatamente puxaram a descida para o pé da morro. Os quatro chegariam ao nível do solo com o cair da noite e teriam todo o tempo de escuridão para avançar pelo que, inocentemente, acreditavam que fosse um território humano em estado normal, com cidades, estradas e florestas contendo aldeias de alfares.

Eles seriam apresentados, da pior maneira possível, ao Ermo de Bral-tor.

Ermo de Bral-tor, Zândia

A estranheza veio algumas marcas de incenso depois de os quatro elfos das profundezas deixarem a grande muralha rochosa da Cordilheira dos Vizeus para trás. O cenário em volta era desprovido de vida, como se alguém tivesse se esquecido de incluir fauna e flora na região. Não havia relva, arbustos, árvores, cursos d'água, animais de qualquer espécie, e sim apenas uma extensão infinita de terra batida, com marcas de devastação, rasgos e escombros aqui e ali.

O casal de batedores se entreolhava durante o avanço; Velinar se esforçava para representar em um mapa o caminho que eles seguiam sem ter elementos de destaque no terreno para orientá-los, enquanto o marido ia à frente e voltava com uma expressão consternada, que indicava que a situação permanecia imutável. Eles passaram a se guiar pelas estrelas, mas o céu, mesmo noturno, com a lua que era símbolo da Casa Alunnar, era um elemento estranho para os svaltares. Durante o dia, o quarteto se abrigava nas fendas escuras que cortavam o terreno plano.

Com o passar do tempo, os batedores pareciam perdidos, a navegação ficava cada vez mais difícil, o avanço se arrastava — e Kalannar começou a se preocupar com a duração das provisões. E, a não ser que eles considerassem comer pedras, como era dito que os anões de Fnyar-Holl faziam, a expedição não teria como sobreviver dentro de poucas noites. Finalmente convencido de que aquilo não era um deserto comum, o rajar se dirigiu para o mago:

— O que houve aqui?.

Zomar iniciou um gestual complexo que abrangeu o ar em volta e terminou tocando no solo. O corpo deu alguns espasmos, como se tivesse recebido uma onda de energia mística, e ele finalmente se recompôs para responder.

— O ambiente está tomado por resíduos intensos de forças infernais. Tudo aqui... — Ele esticou o braço e aproveitou o movimento para tomar fôlego. — Tudo aqui foi devastado por descargas de poder demoníaco.

Kalannar ponderou a explicação e teve uma ideia a partir da imagem da mancha no céu, que naquele momento à noite era praticamente imperceptível. Certamente ela representava o epicentro dessas forças.

— Seria possível usar esses "resíduos" como uma trilha até o Brasseitan?

— Seria, rajar, se a natureza das forças infernais não fosse o próprio caos. Mas se elas emanaram do portal, creio ser possível segui-las, ainda que eu antecipe algumas dificuldades.

Não era a melhor das respostas, mas havia uma esperança. Kalannar se voltou para os dois batedores e disse:

— Concentrem os esforços na aquisição de víveres e na anotação do mapa de acordo com o rumo que o Zomar nos indicar. Não percam mais tempo tentando nos guiar nesse ermo desgraçado.

Enquanto o assistente do zavar retomava os encantamentos e os dois batedores se afastavam dali, Kalannar praguejou pela oportunidade perdida por Fernnar quando o Brasseitan esteve aberto. Por outro lado, vendo a devastação ao redor, ele se perguntou se os svaltares teriam resistido à destruição, uma vez que os alfares e humanos da região *certamente* não conseguiram. Qualquer traço de ambas as civilizações tinha virado pó. Talvez a hesitação do pai não fosse tão condenável quanto a mãe achava. Kalannar tomou uma nota mental: garantir que o acordo travado com os demônios fosse bem feito para evitar um destino similar para os svaltares.

Ou aquele plano de libertação dos svaltares levaria à extinção da própria raça.

Eles tinham feito um bom avanço, guiados pelos feitiços de Zomar, mas a situação das provisões se tornou crítica. Fallar e Velinar alertaram que, dali em diante, eles não teriam água e comida suficientes para retornar para Zenibar; Kalannar se martirizou em silêncio por não ter trazido escravos kobolds com mais suprimentos. Mas quem adivinharia que a terra ao sul da Cordilheira dos Vizeus estaria deserta, sem vida alguma? Kobolds só teriam dificultado o avanço sigiloso por um território *teoricamente* ocupado por alfares e humanos. Foi uma decisão correta tomada a partir de dados incorretos. Ele se lembrou da lição de Gizar sobre

planejamento de missões: uma informação errada a respeito de um alvo era mais eficaz contra um matador do que um grupo de guarda-costas.

E, para piorar, Zomar informou que as forças demoníacas haviam se dispersado e perdido a potência — o que coincidiu com o sumiço da mancha mística no céu.

A expedição estava perdida e sem ter como sobreviver.

Kalannar começou a considerar matar os companheiros, retornar para casa com as poucas provisões saqueadas dos outros e montar uma expedição maior com kobolds até achar o maldito Brasseitan... quando uma cantoria inconfundível ecoou naquele ambiente até então vazio.

Anões.

Fallar e Velinar prontamente foram na direção do barulho, com o corpo encolhido para diminuir a silhueta naquela planície quase sem abrigos, enquanto Kalannar se jogou no chão e indicou que Zomar fizesse o mesmo. Pouco depois, os batedores retornaram com informações. O que Kalannar escutou da boca da dupla de batedores não fez sentido: havia um grande deslocamento de anões, seguido por um generoso comboio de provisões, que se dirigia para o interior daquela desolação. E não eram soldados, ainda que todo anão tivesse o delírio de se considerar um guerreiro, mas *pedreiros e mineiros*, pelas ferramentas que levavam.

— Vamos segui-los — comandou Kalannar.

A ordem era ousada, mas podia significar uma chance de sobrevivência ou uma forma de se achar naquele local desgraçado. Talvez as duas coisas ao mesmo tempo, se a sorte sorrisse para eles.

Como abutres brancos, os svaltares acompanharam o grupo de anões e, se valendo da cantoria deles e do clima festivo da viagem, conseguiram subtrair víveres aos poucos, sem serem notados. A expedição de Fnyar-Holl certamente não esperava encontrar com os adversários ancestrais fora das estranhas dos Vizeus, e assim sendo, os anões deixavam o comboio de suprimentos desguarnecido toda vez que paravam para comer — e eram *várias* refeições no mesmo dia. A comida anã era muito pesada para a fisiologia delicada dos svaltares (que sabiamente evitaram os queijos), mas isso significava que poucas porções já alimentavam os quatro elfos das profundezas.

Subitamente, ficou muito claro para onde eles estavam se dirigindo: no horizonte monótono começou a surgir os indícios de uma silhueta enorme, talvez

um cadeia de morros ao longe, mas pouco depois o vulto ficou nítido e assumiu a forma de uma construção. Os quatro svaltares se entreolharam; diante de um aceno de Kalannar, Zomar executou o mesmo encantamento que havia parado de fazer e, após se recuperar do esforço físico, respondeu entre suspiros.

— Há uma leve... manifestação demoníaca... no horizonte. É apenas... um fiapo místico, por assim dizer.

Kalannar considerou então que aquilo lá devia ser o Brasseitan e que, de alguma forma, possivelmente uma construção estava sendo erigida nele. Ou talvez o Brasseitan sempre tivesse sido um edifício de alguma espécie — Kalannar só sabia que era uma passagem dimensional, e nem seus pais ou Vagnar souberam descrevê-la. Sendo svaltar, acostumado a uma vida em cavernas, ele imaginou que os tais "Portões do Inferno" fossem um buraco no chão ou algo do gênero. Seja como for, a expedição de Zenibar estava com provisões reabastecidas e finalmente tinha um objetivo à vista, depois de tanta monotonia em termos de cenário. Os quatro eram mais rápidos que o deslocamento do grande grupo de anões. Empolgado, Kalannar mandou que os batedores fossem à frente e os conduzisse em direção à construção no horizonte, desviando da rota dos anões. Porém, junto com a empolgação, veio uma preocupação: se o Brasseitan fosse mesmo uma construção, ainda mais feita por anões e possivelmente guarnecida por eles, o plano inicial de conduzir Vagnar até lá para abrir a passagem não seria mais uma missão de infiltração.

Seria uma missão de guerra.

CAPÍTULO 4

Fortim do Pentáculo, Ermo de Bral-tor

Engolidos pela escuridão da noite naquele terreno inóspito, quatro svaltares observavam, um tanto estupefatos, uma grande muralha branca em forma de pentagrama, ainda em construção, se agigantar naquela planície sem fim. Do interior, no que deveria ser o meio de toda a estrutura, subia uma torre inacabada de grandes proporções. Tudo parecia estar pela metade, havia muitos andaimes e pilhas de material ao redor, porém nem a mais colossal das cavernas da Cordilheira dos Vizeus conseguiria conter aquele edifício incompleto; de fato, a bezjaskinia — a grande caverna sem fim, a palavra para "céu" no idioma svaltar — seria o limite para aquela fortaleza.

O formato da construção intrigou Kalannar, pois a arquitetura anã costumava privilegiar formas circulares, até ele notar outro elemento presente naquele cenário inacreditável: um grande acampamento humano — ou melhor, *três* acampamentos, a julgar pelos estandartes que tremulavam e pelos estilos diferentes de tendas — se espalhava pelo entorno da fortaleza. Uma cantoria típica de anões ecoava por trás da muralha incompleta; certamente eles estavam abrigados dentro da estrutura para não incomodar os humanos com a algazarra noite adentro.

Anões e humanos aliados na construção de uma grande estrutura sobre o Brasseitan, pensou Kalannar. Ele ainda não tinha certeza absoluta de que ali estava a passagem para a dimensão demoníaca; era preciso verificar urgentemente essa informação para o prosseguimento do plano.

— Fiquem aqui — ordenou Kalannar para os demais. — Eu vou interrogar um anão.

— Rajar... — falou Velinar, um pouco sem jeito. — Deixe isso conosco. Somos seus batedores, essa é a nossa função.

Kalannar torceu a cara e encarou a svaltar com arrogância.

— *Vocês* entendem de sobrevivência e trilhamento. *Eu* sou um assassino treinado. Essa é a minha função. Fiquem aqui — repetiu e fez uma pausa. — E não questione minhas ordens de novo, Velinar.

Dito isso, o primogênito da Casa Alunnar partiu em direção à fortaleza, sob os olhares incrédulos dos svaltares que ficaram para trás.

Com a cobertura da noite, Kalannar chegou às muralhas sem ser visto. Não havia ninguém nas ameias vigiando. Faltando alguns passos para colar o corpo ao paredão de pedra, ele começou a se sentir mal. Inicialmente, culpou a comida dos anões pelo calafrio e tontura. Havia algo de errado com ele, como se uma parte

tivesse sido subtraída — não parecia ser uma indigestão, na verdade. Kalannar respirou fundo contra o grande muro e invocou o *bayaba*, o poder ancestral de flutuação para transpô-lo. Nada aconteceu. Isso jamais havia ocorrido antes. Suando frio, tentou novamente. Mesmo resultado. Os pés continuavam presos com firmeza ao chão. Será que o mal-estar não estava permitindo a concentração?

Subitamente, Kalannar compreendeu: ele não conseguia flutuar porque o poder estava sendo negado.

Aquela noção o apavorou por alguns instantes; uma magia poderosa estava em ação. E parecia emanar da estrutura. Ele ergueu os olhos e viu que a escalada seria impossível — a muralha era lisa, sem apoios, justamente para conter invasores. E Kalannar não havia trazido *nesheras*, as garras de escalada dos svaltares, porque nunca na vida precisara usá-las. Aquilo era a ferramenta de um assassino plebeu, não de um nobre capaz de levitar. Entre o desespero e as lamentações, o rajar finalmente se lembrou dos andaimes espalhados pelos paredões em trechos inacabados. Ele avançou de mansinho, com o corpo encolhido e grudado ao paredão, até achar um andaime que facilitasse sua entrada. O primeiro que Kalannar encontrou não serviu aos seus propósitos, mas o segundo, diante de um trecho de muro ainda sendo construído, permitiu que ele entrasse no interior da fortaleza.

Havia poucos vigias humanos patrulhando a imensidão do pátio com tochas na mão. O papel deles parecia mais direcionado a conter algum mau comportamento por parte dos colegas e dos anões do que proteger a fortaleza de uma invasão. O isolamento naquele descampado inóspito era a maior proteção da estrutura. Qualquer inimigo seria visto chegando à distância. Escondido atrás de uma pilha de material de construção, Kalannar considerou esse detalhe, caso ali fosse mesmo o Brasseitan. Uma fortaleza daquele tamanho, naquela região plana, devastada e isolada, seria muito difícil de ser tomada por uma ação militar direta. Ele avaliou as estruturas internas, também inacabadas; havia pelo menos dois prédios baixos ali cuja função Kalannar não conseguia adivinhar. Do ponto onde estava, ele não via a entrada principal para a grande torre central, ainda construída pela metade e cercada por andaimes, mas notou um portão gradeado na lateral, que deveria exercer a mesma função de uma câmara de acesso paralelo nas cavernas de Zenibar. Seguindo a lógica, seria uma rota discreta e pouco frequentada, especialmente àquela hora da noite. Kalannar se aproximou, testou o portão — estava destrancado, felizmente — e entrou.

O ambiente estava tomado pela poeira de um local em construção e, assim como o pátio, havia muito material espalhado pelos corredores. Tudo estava mergulhado no breu — aquilo parecia um grande complexo de grutas artificiais, e Kalannar não teve dificuldades de avançar pelo interior da base da torre. Pela

disposição de algumas câmaras, aquela seção deveria servir futuramente como alojamento, mais provavelmente para guerreiros. Esse possível aspecto voltou a preocupar Kalannar. Ele precisava encontrar algum anão para interrogar, uma vez que não falava a língua dos humanos.

Distraído com os pensamentos, o svaltar chegou a um trecho bem finalizado do interior da torre, com corredores livres de entulho e poucos locais para se ocultar. Ele cogitou recuar e verificar uma porta que havia deixado para trás quando ouviu uma baderna vindo em sua direção. Felizmente, anões não eram nada discretos ou furtivos. Dois deles surgiram na curva adiante no corredor, claramente bêbados pelo passo cambaleante e pela voz alta e festiva, mas Kalannar sabia que seria notado se recuasse naquele instante. Decidiu avançar contra a dupla, ambos com aventais de pedreiros e cinturões de ferramentas típicos de anões trabalhadores. Não eram guerreiros, felizmente, e estavam embriagados.

Presas fáceis.

Kalannar disparou de encontro aos anões, com as roperas sacadas. Ele só precisava de um vivo para interrogar e tinha que encerrar o combate antes que o som atraísse mais gente. A surpresa surtiu efeito — nenhum dos dois esperava sofrer um ataque ali, quanto mais de um *svaltar*, tão longe assim dos Vizeus. Eles hesitaram pelo susto e pela embriaguez, e Kalannar aproveitou para estocar o primeiro anão na barriga enquanto chutava a cara do segundo, o escolhido para ficar vivo. A ropera varou o couro grosso do avental e a pele igualmente resistente do anão, mas não pegou em nada vital, e o anão acusou o golpe apenas dobrando o corpo e recuando — e aí surpreendentemente avançou para cima de Kalannar com uma cabeçada em seu peito que lhe tirou o fôlego. O sujeito então desmoronou, bufando e apertando a ferida com as mãos enormes e calejadas.

Desnortado, Kalannar cambaleou e viu a situação fugir do controle; o chute na cara do segundo anão pareceu anular seu estado de torpor e surpresa e imbuí-lo de sanha vingativa. Xingando o svaltar, o sujeito sacou uma marreta de obra do cinto e desceu com toda força no agressor; Kalannar tentou desviar, mas as pernas fraquejaram sem fôlego e o ombro esquerdo explodiu em dor quando o anão golpeou como se quisesse derrubar uma parede. O pedreiro ergueu o braço musculoso novamente para quebrar o svaltar de vez, mas Kalannar abandonou as roperas, sacou uma faca com a mão direita — a esquerda estava morta juntamente com o braço — e cravou na perna do anão. O sujeito também começou a desmoronar como o colega, mas não perdeu a viagem e deu o golpe assim mesmo, ainda que com menos ímpeto. Foi a sorte de Kalannar, que levou a martelada nas costas, mas não com força suficiente para matá-lo. Agora o assassino svaltar estava no chão junto com os alvos que havia considerado presas fáceis instantes antes.

O primeiro anão, babando sangue, largou a ferida provocada pela estocada da ropera e, como o amigo, também puxou uma marreta de obra do cinto e atacou Kalannar, que rolou no chão um momento antes de a lajota do pavimento explodir em uma nuvem de pó. O svaltar se ajoelhou, entrou na guarda do inimigo e esfaqueou o ponto sangrento no avental — e foi arrancado do lugar pelo segundo anão, que investiu contra ele. Kalannar se viu embaixo do pedreiro, que mais uma vez ergueu a marreta para pulverizar a cabeça do inimigo, e não conseguiu rolar com o peso e fúria do anão sobre ele. Desesperado, o svaltar tateou com a mão direita até encontrar o cabo da marreta que o primeiro anão deixara cair ao ser esfaqueado, e bateu de qualquer maneira no nariz bulboso do segundo adversário, que errou o golpe e acertou com violência o braço esquerdo já inutilizado de Kalannar.

A dor lancinante cegou Kalannar por alguns instantes; quando ele abriu os olhos negros, viu o anão desacordado em cima dele. O outro estava morto.

Ganindo baixinho, no limite das forças, o svaltar conseguiu rolar o inimigo inconsciente para o lado. A mão boa foi ao próprio cinto e pegou um cantil com uma bebida recuperativa preparada por Devenar, o alquimista da Casa Alunnar. Kalannar bebeu com sofreguidão, ansioso pelos efeitos mágicos... e não sentiu nenhuma recuperação. A poção estava tão inerte ali dentro quanto seu poder de levitação. O assassino desfiou uma série de impropérios e agradeceu por ter uma segunda dose, que claramente só poderia ser tomada fora dali. Com dificuldade, ele ficou de pé e avaliou o cenário: o combate tinha sido rápido e aparentemente não atraiu ninguém, mas era preciso recolher o morto e levar o inimigo desacordado para ser interrogado. Tarefa difícil com apenas um braço operante e um corpo quase sem forças. Kalannar decidiu então rolar o anão assassinado contra a parede, para simular uma soneca de embriaguez, e torcer que ele não sangrasse tanto a ponto de formar uma poça. Depois repensou a situação; a mente com certeza não estava afiada como sempre. Kalannar recolheu as roperas e facas usadas no combate, com design nitidamente svaltar, pegou um cinzel no cinto do anão e cravou a ferramenta no ferimento. Com sorte, talvez tudo aquilo parecesse uma briga entre bêbados. Tinha sido o melhor que conseguira fazer, nas presentes condições. Ele só tinha energia sobrando para cuidar de um único anão pesado, e essa energia seria bem aplicada no indivíduo a ser interrogado — exatamente o sujeito que arruinara seu braço esquerdo (e possivelmente algumas costelas também).

Kalannar começou a arrastá-lo pela alça do avental até a porta pela qual havia passado no início do corredor. Ele precisava de privacidade; caso fosse possível, devolveria o corpo do anão ao corredor para terminar de compor a cena. A cada movimento, o svaltar sentia a dor aumentar, assim como o ódio pelo inimigo e

a ansiedade para começar logo o interrogatório. Kalannar precisava sair dali, se recuperar e se juntar aos demais.

De preferência, com a informação que tinha sofrido tanto para tentar adquirir.

— Falar, ali — apontou Velinar para a silhueta que vinha cambaleando ao longe.

O trio de svaltares rapidamente se prontificou a receber o líder, que voltava com o aspecto de um sobrevivente de desmoronamento em Zenibar. A segunda bebida mágica tinha sido consumida ao sair da estranha fortaleza sem magia e havia devolvido o uso do braço esquerdo de Kalannar, mas não melhorou a situação das costelas e nem a aparência de surra. Ele veio arrastando os pés, sem conseguir encolher o corpo e diminuir a silhueta, confiando que a escuridão o esconderia.

Assim que chegou, Kalannar foi recebido por Zomar, que estendeu uma mão branca com três *sienis* — tipo de cogumelo amarelado que os humanos chamavam de prego-na-pedra — enquanto a outra lançava um encantamento sobre os fungos trazidos dos Vizeus. Sem se fazer de rogado, sabendo que deveria estar sendo julgado pela ideia de invadir sozinho a construção, o líder svaltar comeu os cogumelos enquanto o mago preparava outro sortilégio para curá-lo, esfregando nas mãos alguns ossos retirados da algibeira.

Quando finalmente se sentiu melhor, Kalannar contou o que tinha apurado — o que não era muita coisa, dada à limitação de conhecimento do pedreiro anão.

— Isso aqui é de fato o Brasseitan. Os humanos mandaram os anões construírem uma fortaleza em cima da passagem dimensional. Aquelas tropas lá — apontou na direção dos acampamentos — vão guarnecê-la quando estiver terminada. Eu vi os alojamentos prontos. São três reinos humanos diferentes, e mais Fnyar-Holl, aliados nessa empreitada.

Com as costelas ainda em chamas pelo esforço de falar, Kalannar tomou fôlego e se voltou para Zomar.

— Há algum encantamento poderoso na estrutura inteira que impede que outros efeitos mágicos funcionem. Inclusive o bayaba — disse ele.

— O zavar não vai ser capaz de reabrir o Brasseitan, então — concluiu Zomar.

— Isso eu deixo para o Vagnar dizer. — Kalannar apontou para a construção. — Vá em frente se quiser analisar magicamente a fortaleza, só ande

rápido. Partiremos enquanto ainda é noite.

Dito isso, Zomar tomou o rumo da grande silhueta naquela imensidão vazia, enquanto o casal de batedores começou os preparativos para o retorno para Zenibar. Kalannar finalmente se sentou para descansar e absorver os efeitos curativos.

E para dar conta do redemoinho de ideias, agora que o plano original de simplesmente levar Vagnar ao Brasseitan tinha que ser descartado.

CAPÍTULO 5

Muzluk, Zenibar

As luas seguintes à descoberta da fortaleza em cima do Brasseitan foram agitadas na Casa Alunnar. Houve muito debate sobre como prosseguir com o plano, e desta vez outros integrantes foram chamados para as reuniões com a liderança da linhagem, especialmente Regnar, o irmão mais novo de Kalannar, e Devenar, o mestre-alquimista. Aquilo tinha virado uma operação militar na superfície, mas o conceito esbarrava em alguns entraves que Kalannar estava sofrendo para resolver. A contragosto, ele teve que deixar o orgulho de lado e pedir a ajuda do resto dos nobres da família. O primeiro obstáculo estava na própria natureza do plano: uma operação *na superfície* era inviável para a infantaria composta por plebeus, e os poucos svaltares da nobreza não dariam conta de uma fortaleza cheia de soldados. Vagnar já tinha deixado claro que não havia solução mágica para reverter a maldição imposta pelos alfares — ou isso já teria sido feito há séculos, logicamente. Devenar, contudo, considerou uma solução *alquímica*, ou pelo menos, nas palavras dele, um paliativo que tornasse as tropas mais resistentes aos efeitos do sol. Kalannar salientou a longa duração da jornada que teria que ser empreendida no mundo exterior e que esse paliativo teria que ter uma duração igualmente longa. Nada ficou resolvido no item mais importante da questão, mas os encontros continuaram mesmo assim ao longo de meses, para cuidar de outros entraves. Um deles era a inexistência de magia no interior do Brasseitan, como demonstrado pela incapacidade de Kalannar flutuar e pela ineficácia da poção que ele havia bebido lá dentro. A análise feita à distância pelo assistente de Vagnar confirmou que havia um estranho efeito nulificante na fortaleza; neste caso, ao contrário da praga lançada pelos alfares, o zavar disse que haveria como reverter o encantamento, pois Zomar tinha identificado aquilo como uma magia humana — que era, em suas palavras, "pífia perante o conhecimento svaltar". Ele só precisaria de tempo para isso, mas não disse *quanto*.

O outro impasse era o próprio sigilo da operação. Se as tropas da Casa Alunnar saíssem pela rota principal de Zenibar, com todos os soldados e o comboio de suprimentos necessários para uma missão de guerra, as demais linhagens saberiam, alertou Regnar. Eles precisariam de uma rota discreta — e a única com tamanho suficiente para um deslocamento tão grande passava por Fnyar-Holl. Era usar esse caminho ou anunciar as intenções da linhagem para toda Zenibar. E Kalannar estava determinado que a glória da conquista da superfície recaísse apenas sobre a família — no que todos os demais concordavam, especialmente Regnar, que prontamente se ofereceu para ter um papel mais ativo no planejamento.

Como não tinha meios para resolver o problema da travessia da superfície, Kalannar voltou a mente para o deslocamento nas profundezas. Um acordo com os anões de Fnyar-Holl já seria impossível para início de conversa, isso sem levar em consideração que eles estavam ajudando os humanos na construção da fortaleza no deserto. A não ser, Kalannar começou a considerar, que os svaltares tivessem alguma vantagem. Talvez sequestrar alguém da família real, considerou, para garantir que os anões fizessem vista grossa à passagem das forças da Casa Alunnar. Porém em algum ponto da cadeia de comunicação alguém poderia alertar os humanos ou até mesmo uma linhagem svaltar rival só por pirraça. Tinha que haver outra solução...

A bronca de Gizar tirou Kalannar do devaneio. Ele estava diante de sua instrutora, mas a expressão no rosto em formato de cunha revelou que a mente se encontrava bem distante dali.

— Você não ouviu nada do que falei, não é? — ralhou Gizar.

Kalannar tinha que admitir que ela ficava ainda mais bonita e excitante quando se enfezava com ele. Algo na atitude da desuayfar o estimulava a lhe dar uns tapas e rasgar a roupa dela para colocá-la no devido lugar. Só que não era o momento, e muito menos o local, adequado para aquilo: ambos estavam em um túnel do muzluk que levava a uma câmara repleta de kobolds.

— Não — admitiu Kalannar. — Eu estava pensando na questão de Fnyar-Holl.

Ele vinha informando Gizar sobre os planos que envolviam o Brasseitan, embora ela fosse plebeia. Kalannar precisava de uma confidente que não pertencesse ao círculo da família, de alguém em quem confiasse e que oferecesse sugestões fora da mentalidade da nobreza.

— Falaremos sobre isso depois. Eu estava dizendo, e vou repetir, que um *assassinato* normalmente, mas nem sempre, tem que ser cometido a curta distância, corpo a corpo. Mas se tratando de *combate*, é preferível que ele que seja travado de longe, com armas de arremesso. — Gizar apontou para as facas presas à loriga de couro do pupilo. — Você levou uma surra dos anões que teria sido perfeitamente evitável se tivesse eliminado o primeiro alvo com uma facada de longe, para depois subjugar quem você queria interrogar.

Kalannar torceu a cara ao ouvir o termo *surra*. Ele não escondeu nada de Gizar sobre o embate com os anões, até para entender os erros que cometeu, mas ela sabia como fustigá-lo para incentivar melhores resultados. A desuayfar veria o que era uma surra assim que ele enfrentasse os kobolds.

O exercício que Kalannar estava prestes a realizar consistia em invadir um covil daquelas criaturinhas reptilianas desprezíveis e matar o maior número possível delas, de preferência uma quantidade igual às doze facas de arremesso que ele

portava. Os kobolds seriam alvos bem difíceis, pois eram pequenos e ariscos — e, vencido o susto, formariam uma massa caótica que poderia avançar contra Kalannar no desespero de fugir, visto que a gruta em que se encontravam não tinha saída.

A prova ocorreu como Gizar esperava. Ela havia escolhido uma caverna funda, para exigir ao máximo da pontaria de Kalannar, e ficou satisfeita com o que viu. Seu aluno tinha uma mira impressionante, mas precisava melhorar alguns fundamentos. Kalannar acertou quase todas as facadas, mas errou feio nos alvos em maior movimento, correndo à procura de abrigo atrás de pedras ou de outros kobolds — que acabaram sendo alvejados por tabela. Quando, como previsto, um pequeno grupo avançou aos guinchos contra Kalannar, a desuayfar interveio antes que ele sacasse as roperas, abatendo quatro criaturas que corriam caoticamente com uma saraivada de facas tão rápida que o pupilo mal conseguiu acompanhar.

Ele olhou indignado para Gizar, que foi à frente a fim de recuperar as facas lançadas — por ela e por Kalannar — para que os kobolds não se armassem e cogitassem se rebelar. Ele seguiu a instrutora e começou a arrancar as armas dos corpos. Diante da aproximação dos dois svaltares, os kobolds se encolheram no fundo da caverna e facilitaram o trabalho deles.

— Você tem talento para arremesso de facas, tenho que admitir — afirmou Gizar enquanto tirava a faca do peito de um kobold —, porém precisa treinar mais. E dominar o conceito de *ponto futuro*. Kobolds são muito rápidos, e quando se tem um alvo assim, é preciso lançar a faca no lugar onde ele vai estar de acordo com a trajetória que está seguindo e não onde se encontra, pois no momento que a faca partir da sua mão, o alvo já não estará mais ali. É preciso visualizar o próximo passo dele e acertá-lo naquele ponto.

Ela foi até Kalannar, que havia acabado de recolher as armas. Os kobolds agora formavam uma massa tão compacta que ele imaginou ser capaz de matar três com um único arremesso de faca.

— Você é muito preciso contra alvos estáticos — continuou a desuayfar —, mas necesssita melhorar contra alvos em movimento. Vamos para outra caverna trabalhar nisso.

Seguindo sem falar nada pelos túneis tomados pelo mau cheiro do muzluk, Kalannar novamente começou a pensar sobre a missão na superfície. Angustiado, ele resolveu romper o silêncio.

— Esse impasse com os anões está me consumindo.

— A passagem por Fnyar-Holl? — perguntou Gizar.

— Sim, ou melhor, *não* termos uma passagem por Fnyar-Holl. — Kalannar suspirou de cansaço. — Os anões jamais colaborariam conosco da forma como estão fazendo com os humanos.

Os dois voltaram a caminhar em silêncio, mas a mente da assassina também tinha começado a trabalhar. Pouco depois, Gizar deteve o companheiro colocando a mão no braço dele.

— Você está partindo de velhos preconceitos, Kalannar. E, acredite, de preconceito eu entendo por ser plebeia. Mas deixe de lado nossa antipatia natural contra anões e considere o seguinte: e se for possível contar com a colaboração deles?

— Como eu falei, eles jamais fariam isso — afirmou Kalannar com um tom inflexível na voz.

Gizar resolveu insistir e disse:

— Então parta do próprio preconceito: anões são extremamente gananciosos, pois só vivem para o ouro, segundo o que prega a religião deles, certo? Sendo assim, os anões podem ser comprados.

Kalannar finalmente se deixou levar pelos argumentos da instrutora.

— Superar a oferta feita pelos humanos? — cogitou ele erguendo a sobrancelha. — Isso considerando que *foi* feita uma oferta em ouro.

— Só há uma maneira de saber: buscando informações. E eu já falei para você sobre a importância de embasar qualquer plano com informações.

Kalannar acenou com a cabeça enquanto nutria uma ideia que desafiava o bom senso. Gizar respeitou o silêncio dele, sabendo que o pupilo estava considerando a sugestão. Ela se sentiu empolgada, parte de algo maior do que simplesmente treinar o rajar como futuro assassino e ser sua amante. Gizar estava contribuindo com o futuro dos svaltares — e, quem sabe, poderia ir à superfície e ajudar no extermínio dos alfares. Matar os inimigos ancestrais ao lado de Kalannar era um sonho que motivava todas as aulas que ela dava para ele.

Gizar esperou a resolução de Kalannar, mas nunca em sua longa vida teria imaginado ouvir algo assim.

— Eu tenho que ir a Fnyar-Holl então, para espionar os anões — disse ele categoricamente. — E você vai comigo.

Mesmo sendo uma assassina treinada, a desuayfar não conseguiu esconder toda a surpresa do rosto.

— Mas isso não será apenas uma questão de infiltrar Fnyar-Holl — falou Gizar. — Vamos levar tempo... e será muito arriscado.

Kalannar sorriu para ela.

— É exatamente por isso que você vai comigo. Seremos dois pares de olhos e ouvidos para diminuir os riscos e acelerar a espionagem. — Ele parou e abriu o sorriso. — E teremos um tempo juntos, só nosso, fazendo o que mais gostamos.

Gizar continuou se surpreendendo a cada palavra. Reticente, ela parecia querer sabotar a própria felicidade chamando o amante e pupilo à razão.

— Kalannar... de novo, o tempo para uma operação dessas... e o resto do plano de invadir a superfície?

Ele fez um gesto com a mão, rejeitando os argumentos da desuayfar.

— *Esse é o pior impasse* — explicou o svaltar. — Enquanto o Devenar não vier com uma solução, nossas tropas não terão como cruzar todo aquele deserto desgraçado até o Brasseitan. Enquanto isso não se resolver, eu tenho todo o tempo do mundo.

Kalannar fez uma pequena pausa e continuou:

— Vou deixar o Regnar tomando conta disso, enquanto eu... enquanto *nós* investigamos Fnyar-Holl e vemos se há um jeito de conseguir a colaboração dos anões. Com sorte, removemos os dois obstáculos de uma vez e podemos levar o plano adiante.

Gizar concordou com a cabeça, tomada por uma excitação que fez o corpo tremer. Ela quis pular em cima de Kalannar ali mesmo, mas o muzluk era fétido demais. Aquela ideia precisava de uma comemoração especial a dois. Mas havia outra coisa tão boa quanto sexo para fazer com ele.

— Vamos matar alguns kobolds então. Você tem uma lição a concluir.

Os dois trocaram sorrisos cruéis. Eles entraram em uma nova gruta e, dessa vez, Kalannar acertou quase todos os alvos em movimento.

Fnyar-Holl, Cordilheira dos Vizeus

Elas eram vizinhas nas profundezas da terra — e completamente diferentes uma da outra. Zenibar era uma cidade formada por labirintos naturais, mergulhada na escuridão, um lugar onde ocorriam coisas inomináveis. Fnyar-Holl era uma cidade construída pelas mãos dos anões, iluminada pelo fogo das forjas, um lugar onde aconteciam coisas incríveis. Zenibar era uma experiência intimista, enquanto que Fnyar-Holl era um evento grandioso. Zenibar era dividida em túneis e cavernas que eram controlados por determinadas linhagens; já Fnyar-Holl tinha distritos definidos em formato de semicírculos, todos dispostos em patamares do interior irregular de uma caverna de dimensões gigantescas. Zenibar vivia em silêncio, mas Fnyar-Holl ecoava com cantorias, missas, conversas aos berros — tudo somado ao ruído incessante de forjas e máquinas fantásticas, como os vagonetes que cruzavam a cidade em cima de trilhos ou suspensos em cabos.

Nesse ambiente tão contrário ao seu habitat natural, Kalannar e Gizar espreitavam os anões, usando a arquitetura opulenta que oferecia muitos esconderijos para não serem vistos. A barulheira era tanta que eles conseguiam

conversar em tom baixo sem risco de serem ouvidos. Ao menos havia *uma* semelhança entre as duas cidades que a dupla de svaltares estava usando a seu favor: Fnyar-Holl também tinha a sua versão do muzluk, um distrito decrepito que abrigava escravos e elementos indesejáveis da sociedade anã. Os cânones da religião de Midok Mão-de-Ouro castigavam quem não acumulasse riquezas; o anão pobre era considerado um fracassado e amaldiçoado pelo deus. Havia um bairro murado e isolado do complexo de Fnyar-Holl destinado à massa de kobolds escravizados e aos anões miseráveis excluídos do convívio social. Eles viviam de pequenas doações feitas às escondidas, em sigilo vergonhoso, por familiares que foram forçados a abandonar os parentes que não juntaram ouro suficiente. O lugar, chamado de *azin-maralik*, que significava "distrito da vergonha" na língua anã, virou a base de Kalannar e Gizar, longe do agito da cidade principal, mas perto o suficiente para incursões pontuais. Era um ponto perfeito para viver dos donativos sem levantar suspeitas — muitos anões pobres morriam de fome mesmo, sem serem notados, e alguns acabaram morrendo para as facas dos svaltares, igualmente despercebidos.

O casal de assassinos ficou indo e voltando de Fnyar-Holl para Zenibar durante anos, percorrendo a distância de mais de um mês de viagem várias vezes, estudando a estrutura de poder na sociedade anã para melhor explorá-la. Enquanto isso, na cidade svaltar, quase nenhum avanço tinha sido feito em relação aos outros obstáculos ao plano. Vragnar continuava recluso, considerando uma forma de reverter a anulação de magia causada pela fortaleza humana e esperando o período de aproximação da dimensão demoníaca, que demoraria anos para ocorrer. E Devenar não conseguia desenvolver alguma solução alquímica que neutralizasse os efeitos mortais dos raios solares. Um primeiro teste de poção anulante foi dado a um batedor plebeu que tinha sido despachado para o mundo exterior, mas o sujeito mal conseguiu colocar os pés na superfície — ele voltou cego e com o corpo parcialmente carbonizado. O mestre-alquimista disse que trabalharia em cima desse erro para resolver o problema. Regnar, o responsável por essa parte da operação, estava cético, assim como não considerava que a espionagem de Kalannar fosse render frutos, especialmente por estar acompanhado de uma plebeia. Nos anos que se seguiram, sempre que o primogênito retornava de Fnyar-Holl, os dois irmãos discutiam. Regnar não acreditava que os anões fossem aceitar alguma proposta svaltar, enquanto que Kalannar continuava confiando na intuição de Gizar —, mas não ousou revelar para o irmão que a ideia tinha vindo de alguém de sangue impuro. Quanto mais Kalannar convivia às escondidas com a ganância dos anões, mais sabia que faltava pouco para encontrar o elemento certo que pudesse ser comprado a fim de deixar as tropas de Zenibar passarem pelos túneis controlados por Fnyar-Holl.

Seu instinto de assassino indicava que ele acabaria achando um alvo.

CAPÍTULO 6

Salão dos Registros, Fnyar-Holl

Embora fosse extremamente religiosa e dada a encantamentos de origem divina, a sociedade anã era pouco mágica em si. Se estivessem em Zenibar, Kalannar e Gizar teriam enfrentado proteções mais místicas do que físicas para se infiltrar em Fnyar-Holl, especialmente nos setores internos da cidade — reservados aos anões do alto clero e da alta nobreza — e na Fortaleza de Kro-mag, o palácio real. Visitantes da superfície eram recebidos apenas nos anéis mais exteriores; no caso, os humanos de várias localidades que faziam comércio direto com Fnyar-Holl, como Tolgar-e-Kol, na fronteira de Korangar com a Faixa de Hurangar; Jokkar, na Caramésia; e Vizelia, em Krispínia. Com a frequência de visitas à cidade anã ao longo dos anos, Kalannar e Gizar notaram um aumento no fluxo de humanos, invariavelmente grupos fortemente armados trazendo baús bem guardados e levando pouca coisa em troca. Os dois svaltares julgaram que eles estavam fazendo pagamentos, e não compras.

A suposição foi confirmada no Salão dos Registros, um grande prédio anexo à Catedral de Midok, a construção mais opulenta de Fnyar-Holl — mais ainda do que a Fortaleza de Kro-mag, que impressionava pela austeridade e robustez. A catedral era a grande caixa-forte da cidade; como todo edifício dedicado ao deus anão, ela exercia a dupla função de templo religioso e instituição bancária. E a documentação tanto da catedral quanto do palácio ficava arquivada ali no Salão dos Registros — uma mina de ouro para os dois espiões de Zenibar. Kalannar sempre invadia o prédio à noite, entrando pelos janelões altos, via levitação (que funcionava em toda Fnyar-Holl, como ele agradeceu após a experiência traumática no Brasseitan), e levando Gizar nos braços. Na primeira incursão ao prédio feita daquela forma, houve uma pequena mágoa escondida no comentário que ela fez sobre o bayaba ser um poder muito cômodo para um assassino, ainda que seu tom fosse de admiração pelo amante. Era naqueles momentos que Gizar tinha noção do abismo que separava plebeus e nobres na sociedade svaltar. Inconscientemente, Kalannar reagiu com uma expressão de superioridade e orgulho pela própria linhagem pura.

Foram vários anos de pesquisa naquele templo à burocracia, cheio de estantes de metal que arquivavam óstracos, tábuas de pedra e pergaminhos de pele de bode-das-escarpas onde os anões registravam praticamente tudo que ocorria em Fnyar-Holl. Levando em consideração a existência milenar da sociedade anã e sua fixação com registros de todos os pormenores históricos, genealógicos, religiosos e

tecnológicos, além do idioma estrangeiro, os dois svaltares teriam levado uma vida inteira pesquisando aqueles registros. Gizar se ateve primeiro aos textos religiosos — também presentes na biblioteca palaciana, na Catedral de Midok e em qualquer residência anã, como obrigava a lei — e depois foi ajudar Kalannar a destrinchar a complexa documentação comercial e política de Fnyar-Holl. Depois de muita leitura, foi encontrado o registro da negociação com os humanos para a construção de uma fortaleza no Brasseitan (chamada de Otya-mag, em anão, e "Fortim do Pentáculo" no difícil idioma humano). Era uma quantia fabulosa, que estava sendo paga por quatro reinos humanos — Dalínia, Nerônia, Ragúsia e Santária — e também pelos próprios anões, que contribuía com a mão de obra e material no rateio dos custos. Aquilo intrigou os dois svaltares.

— Por que tanta generosidade da parte dos anões? — indagou Kalannar ao mostrar o registro para Gizar. — Dizem que eles têm a mão tão fechada que transformam carvão em diamante e que jamais deixam de cobrar uma dívida ou um favor.

— Todas as decisões recentes do *dawar* atual — disse a assassina, citando o título dado ao líder dos anões e apontando para uma estante do outro lado do salão — estão arquivadas ali. Vamos dar uma olhada.

Nas próximas visitas a Fnyar-Holl, os dois se dedicaram a examinar os atos e determinações de Bramok, o dawar de Fnyar-Holl. Entre centenas de documentos, havia um antigo registro de sua ida à capital dos humanos, a Morada dos Reis, para uma reunião com vários monarcas onde foi decidida a construção do tal Fortim do Pentáculo. Em outros arquivos da mesma época, esses referentes às sessões do conselho real em Fnyar-Holl, Bramok expôs à alta nobreza o duplo motivo de sua generosidade: um sentimento de culpa por ter deixado as forças demoníacas liberadas pelo Brasseitan devastarem os reinos humanos de Reddenheim e Blakenheim (que eram históricos parceiros comerciais dos anões) e uma aposta na boa vontade do novo monarca humano, o Grande Rei Krispinus, em dobrar o fluxo de comércio com Fnyar-Holl em detrimento da cidade rival, Unyar-Holl, mais ao sul da Cordilheira dos Vizeus. Na ocasião, quase todo o conselho anão apoiou o dawar na questão, a não ser um nome: Torok.

— Gizar — falou Kalannar —, pesquise esse nome enquanto releio tudo isso aqui. Estou tendo uma ideia.

— Eu também — Ela deu um sorriso cruel para ele. — Acho que é a mesma que a sua.

Se havia uma coisa que um svaltar sabia usar dentro de sua sociedade feita de tramas e intrigas era a manipulação de descontentes.

Gizar levou um tempo até achar o registro referente a Torok e digeriu todas as informações enquanto Kalannar absorvia novamente os detalhes da antiga ata da

negociação com os humanos e da proposição do dawar perante os nobres.

— Esse Torok é o *diveldo*, algo como grão-construtor, o líder da facção dos construtores de Fnyar-Holl — informou Gizar com um ar triunfante.

— O anão que tem mais a perder com a decisão generosa do dawar — argumentou Kalannar. — No entanto, um voto contrário não faz de ninguém um grande opositor. Temos que ver o histórico dele em relação ao Bramok.

Os dois começaram a pesquisar outras atas de reunião do conselho. No total, a maioria das votações de Torok foram contrárias ao dawar. Eles então recuaram ainda mais nos registros e chegaram à coroação de Bramok como líder de Fnyar-Holl — e encontraram o nome de Torok como um dos que concorreram originalmente ao cargo.

— O Bramok está muito ligado aos humanos para aceitar traí-los por ouro — disse Kalannar. — Aliás, nem o prejuízo imediato de ajudar a bancar a construção da fortaleza parece incomodá-lo.

— Mas já seu principal opositor pode pensar diferente... — Gizar passou a mão languidamente pelo óstraco com os dados sobre Torok.

— Temos nosso alvo — falou Kalannar categoricamente.

— Sim — concordou a desuayfar. — Mas ter definido o alvo é apenas o primeiro passo. Agora é preciso estudá-lo e observá-lo até sabermos quantas vezes ele arrota ao beber esse intragável vinho anão.

— E aí nós atacamos — disse Kalannar com um sorriso cruel.

— E aí nós atacamos — falou Gizar repetindo as palavras e a expressão ferina.

Sala do Trono, Fortaleza de Kro-mag

Durante vários meses, entre idas e vindas a Fnyar-Holl, Kalannar e Gizar continuaram a investigar Torok e passaram a observá-lo na corte anã. Essa foi a parte mais perigosa de toda a operação: frequentar às escondidas o grande palácio da cidade subterrânea, evitando guardas, criados e cortesãos. Àquela altura, os dois svaltares já estavam bem acostumados com a estrutura arquitetônica dos anões e sabiam usá-la como camuflagem da mesma forma que se valiam da barulheira para encobrir eventuais ruídos. Na Fortaleza de Kro-mag, havia muitos corredores compridos com obras de arte que serviam de esconderijos e várias passagens de

serviço discretamente cobertas por tapeçarias decorativas. Foi uma dessas vias que se tornou o ponto principal de observação da Sala do Trono em si, após Kalannar e Gizar notarem que a passagem era raramente usada em relação a outras opções de deslocamento da criadagem. A instrutora guarnecia a entrada, enquanto o pupilo espreitava a corte atrás da tapeçaria.

Na última incursão ao palácio, Kalannar testemunhou o dawar Bramok exibir com ostentação para a massa de nobres e requerentes o pagamento mais recente realizado pelos humanos referente à construção do Otya-mag, ou Fortim do Pentáculo. Discursos e louvações a Midok Mão-de-Ouro e à própria figura do dawar foram feitos diante dos aplausos dos cortesãos, à exceção de um pequeno grupo de anões que estava mais afastado, com cara de poucos amigos e aos cochichos. O svaltar já havia identificado Torok no meio dos descontentes, mas foi bom saber que ele tinha apoiadores. Um argumento então se formulou na mente do assassino, uma compreensão que ele poderia usar para convencer Torok a abraçar a causa de Zenibar. Ele recuou pela passagem até Gizar, esperou pela confirmação de que o caminho estava livre, e cochichou para ela:

— Eu tenho o chamariz. É o momento de atrair a presa.

— Vamos visitar nosso amigo Torok então — respondeu Gizar.

Ambos já conheciam a residência do diveldo, haviam mapeado as entradas, saídas e cômodos, o vaivém de familiares e criados, o aparato de segurança. Os dois svaltares sabiam que, após os afazeres na corte, Torok sempre passava na Catedral de Midok antes de ir para casa. A igreja era o lugar mais bem guardado de Fnyar-Holl, e Kalannar e Gizar evitaram invadi-la durante os anos de investigação, pois certamente haveria proteções místicas de teor divino; assim sendo, não tinham como saber o que o grão-construtor fazia na Catedral — se tratava de assuntos espirituais ou financeiros, ou ambos. Pelo menos a dupla de Zenibar teria tempo suficiente para invadir a moradia de Torok e cuidar para que tivessem uma reunião sossegada — ou o quanto isso fosse possível entre inimigos ancestrais, naquelas circunstâncias. O diveldo tinha duas esposas e três filhos, o que era pouco para um anão do status dele. A maioria dos nobres mantinha um grande harém e uma prole numerosa. Ao menos isso facilitaria o serviço de Kalannar e Gizar — a moradia de Torok era enorme, considerando a família diminuta.

Naquela noite, a casa ganharia mais dois habitantes que nunca em sua longa vida Torok teria imaginado receber.

Residência de Torok, Fnyar-Holl

Diziam que um anão furioso não precisava de picareta para quebrar pedras; bastava pisar em cima delas. Pela passada de Torok, Merok — seu amigo, assistente e segurança pessoal — podia acreditar que aquele adágio exagerado era verdadeiro. Mesmo em meio ao barulho constante de Fnyar-Holl, os passos irritados do grão-construtor ecoavam pelas ruas. Torok vinha desfiando uma ladainha de reclamações desde que os dois deixaram a Catedral de Midok a caminho da casa dele.

— É muito fácil fazer caridade com a riqueza dos outros! — reclamou o diveldo. — Eu estou sangrando ouro, e o maldito Bramok fica sorrabando o rei dos humanos como uma rampeira no cio! E ninguém levanta a voz naquele conselho!

Era a quarta vez que Torok reclamava do conselho só naquela calçada, mas era uma triste verdade. O grão-construtor vinha perdendo voz diante dos partidários de Bramok.

— O grão-ouvidor Lemok bem que poderia propor uma moção contra essa medida do dawar de bancarmos a fortaleza humana — disse Merok, já sabendo que era um argumento inútil, mas rezando para Midok que conseguisse apaziguar o ânimo do amigo.

Foi uma reza em vão.

— Bá! Esse aí não honra a barba que tem! E o Lemok não vai mover uma pedra enquanto a filha dele estiver prometida para o filho do Bramok. — Torok parou por um instante, bufou e falou em tom mais baixo: — Midok está vendo essa injustiça cometida contra a mim! Ele vai enviar um milagre. Eu tenho sido paciente e um fiel exemplar!

Merok pensou "a não ser em relação ao acúmulo de ouro", mas não teve coragem de falar na cara do amigo e patrão. Em vez disso, achou mais sensato citar uma sabedoria contida nos *Apontamentos de Midok*.

— "A forja prova o ouro, o ouro prova o anão". Isso é só uma atribuição que Midok está lhe enviando.

— Que suas palavras cheguem aos ouvidos do Mão-de-Ouro, Merok — suspirou Bramok, que finalmente retomou o passo para casa, agora com menos ímpeto e raiva.

A dupla chegou à residência do diveldo e nem se deu conta do silêncio. Geralmente, Torok era recebido com festa pela família como todo anão trabalhador, mas, diante do mau humor dos últimos meses, as esposas e os filhos do patriarca preferiam deixá-lo chegar em paz, extravasar a fúria sozinho ou acompanhado de amigos como Merok, para depois então procurá-lo. Os dois tomaram o elevador no saguão principal e foram para o gabinete do diveldo, que se dirigiu para o aparador a fim de pegar bebidas enquanto o assistente...

... enquanto o assistente era imobilizado por um vulto que saiu detrás da porta e colocou uma faca embaixo da barba dele, antes que Merok sequer pudesse

sacar seu *zupak*, o martelo-picareta na cintura.

Outro vulto surgiu da tapeçaria ao lado do aparador e se deteve diante de Torok apontando uma espada fina e curta a dois dedos de um de seus olhos.

A espada fina e curta de um svaltar!

— Todo mundo calmo aqui — disse a criatura branca como um fantasma em um anão quase sem sotaque. — Se quiséssemos matá-los, vocês dois já estariam mortos. Viemos conversar um assunto de mútuo interesse.

— Não há mútuo interesse com svaltares — rosnou Torok. — Deixe-me pegar meu *zupak*, e nós acertamos isso aqui e agora.

— Esse aqui está muito agitado também — falou o outro invasor com uma voz feminina; Torok percebeu, pelo rabo de olho, que se tratava de uma fêmea svaltar. — Precisamos do guarda-costas para a negociação?

— Acho que o Diveldo Torok ficaria triste de perder o amigo e confidente Merok, e não contaríamos com a boa-vontade dele em nos escutar.

O sujeito falou com sarcasmo, e o grão-construtor não deixou de notar que ele conhecia seu cargo e detalhes de sua vida. Subitamente, Torok se lembrou das esposas e dos filhos.

— O que vocês fizeram com a minha família?

— Nada, na verdade — respondeu o svaltar. — Eles gozam de plena saúde e continuam com a rotina normal pela casa. O Sidok, o Korok e a Leruki estão nos aposentos deles, e suas esposas... Nanoki e Elikí, certo? Elas estão orientando a criadagem, como sempre fazem antes de você chegar.

O anão sob a ponta da espada acusou o golpe e tremeu ao ouvir o nome das esposas e dos filhos.

— Se mantivermos a conversa rápida e em tom de voz civilizado — continuou o elfo das profundezas com um sorriso irritante que Torok queria arrancar a marteladas —, vamos sair daqui todos contentes e com um futuro próspero pela frente. Ou então *nós* teremos futuro, e você e sua família, não.

— Se é ouro que você quer, *elfo* — ele falou a última palavra com ódio e nojo —, eu não guardo aqui.

O que era uma grossa mentira, como Kalannar sabia. Com dificuldades financeiras ou não, um nobre anão daquele status nunca deixaria de ostentar riquezas pela casa. Mas ele aproveitou a deixa de Torok mesmo assim.

— E pelo visto não guarda ouro em lugar nenhum. Você está falindo com as novas diretrizes do dawar. — Ele encarou mais intensamente o grão-construtor. — Eu não quero seu ouro. Eu vim lhe *dar* ouro.

— Bá! Eu não preciso de ouro de svaltares. — Torok fez uma expressão de desafio.

— Precisa *sim*. Você vai falir bancando a construção da fortaleza encomendada pelo dawar. — Kalannar se valeu então da compreensão que teve na sala do trono. — O Bramok não está sendo generoso com os humanos; o dawar está tentando *arruiná-lo* porque você é o único opositor direto que ele tem no conselho.

Aquilo fisgou Torok. Ele vinha considerando esse argumento, mas amigos, colegas e familiares não compartilhavam da mesma opinião. Eles acreditavam que o dawar estava trabalhando pela prosperidade de Fnyar-Holl a longo prazo, que a empreitada seria boa para o grão-construtor, no fim das contas. Mas esse svaltar desgraçado — que invadiu sua casa para ameaçar sua vida — enxergava a questão como ele.

— Por que você quer me dar ouro? — perguntou Torok, menos beligerante.

— Finalmente, aos negócios! Zenibar está disposta a pagar a parte dos anões referente à obra do Otya-mag se Fnyar-Holl deixar que nossas tropas passem pelos seus túneis.

Torok ficou perplexo diante daquela proposta absurda e explodiu:

— Mas eu não controlo os túneis!

— *Cuidado com o tom de voz*. Você vai controlá-los, caso se torne o dawar — argumentou Kalannar. — É o que você sempre quis. Use o nosso ouro para chegar ao poder, compre correligionários, dê um golpe de estado, faça o que for necessário... e ainda revogue o acordo com os humanos e receba o que deve pela fortaleza. Você sairá ganhando várias vezes com nosso acordo. Basta aceitar o ouro e chegar ao poder.

— E para que Zenibar quer passar suas tropas por nós? — indagou o anão.

— Não, não, não — falou o svaltar novamente com sarcasmo. — Ainda não estamos nesse estágio da negociação. Talvez, *talvez* mais adiante isso seja revelado, mas fique certo de que não é uma invasão contra Fnyar-Holl. Zenibar está de passagem.

— Esses elfos desgraçados querem atacar Unyar-Holl! — berrou Merok, que finalmente conseguir dar vazão à fúria por estar imobilizado, mas se calou ao sentir a ponta da adaga de Gizar no pescoço.

— Se for isso mesmo — disse Kalannar, se aproveitando da boa ideia —, Fnyar-Holl ainda eliminará um rival histórico sem sujar as mãos de sangue e você será um dawar de uma cidade anã sem concorrência no âmbito comercial. Mas, *repito*, o motivo de Zenibar não vem ao caso agora. Eu só quero saber se podemos dar início às negociações?

Ele abaixou a ropera levemente, mas Gizar não aliviou a pressão contra o outro anão, que era, afinal de contas, um segurança.

Torok ficou olhando fixamente para o rosto maléfico e sem barba do invasor. Do inimigo ancestral. Todo aquele cenário era ruim, não se fazia acordos

com svaltares, porém o que foi dito pela criatura fazia sentido e soava como uma esperança.

Ou melhor, soava como um milagre.

Considerando que Midok Mão-de-Ouro entalhava certo em tábuas irregulares, o grão-escultor respirou fundo e respondeu:

— Sim. — Ele olhou para Merok e fez um gesto para que o amigo não interviesse; o outro anão relaxou o corpo e deixou de oferecer resistência à invasora.

— Ótimo. — Kalannar baixou ainda mais a ropera. — Vamos acertar alguns pontos preliminares e combinar um lugar mais discreto para outros encontros.

Os dois então começaram uma conversa inédita — e impensável — nos séculos de história de Zenibar e Fnyar-Holl.

CAPÍTULO 7

Furnas do Rajar, Zenibar

O clangor de espadas ecoava pelo complexo de cavernas que compunham os aposentos de Kalannar, chamado de Furnas do Rajar. Em uma grande gruta usada para treinamento pessoal, dois adversários duelavam com uma intensidade impressionante. Kalannar e Regnar sempre se enfrentavam quando os afazeres permitiam. Eram duelos físicos e verbais, movidos pelas constantes divergências sobre o andamento do plano — que entrou num compasso de espera que já durava anos. A tomada de poder em Fnyar-Holl estava sendo construída lentamente por Torok, que pretendia derrubar o Dawar Bramok por meio de uma acusação de heresia que Kalannar não conseguia entender. Ele já não era muito afeito a religião, e os cânones e pormenores da crença dos anões eram complexos demais para sua cabeça. Se dependesse de Kalannar, desde que Torok finalmente ocupasse o trono, qualquer forma de golpe de estado estaria valendo.

No lado místico do plano, Devennar acreditava que conseguiria apresentar uma solução contra a maldição dos alfares dali a alguns meses — só que aquilo bem que poderia levar mais um ano ou dois. Pelo menos os testes com poções para que as tropas compostas por plebeus resistissem ao sol deixaram de apresentar resultados catastróficos como nos últimos anos — os testes eram apenas insatisfatórios agora. Alguns svaltares já conseguiam durar dias na superfície, expostos à claridade, mas o tempo era insuficiente para a longa jornada, e a maioria dos indivíduos ainda reagia mal à beberagem preparada pelo imar. Mesmo que chegassem à fortaleza humana, os soldados não estariam aptos para o combate. Da parte de Vragnar, o arquimago dizia que ainda esperava por uma "mudança na conjunção planar" que permitisse agredir a barreira mística que protegia o Brasseitan, mas não especificou quando isso ocorreria.

Estavam todos frustrados com a demora de bem mais de uma década, especialmente os pais e o irmão de Kalannar, como se ele fosse responsável pela espera causada pelos outros. Porém o primogênito sabia que esse era o preço (injusto, a seu ver) da liderança — a culpa era sempre dele. Enquanto os impasses não se resolviam, Kalannar e Regnar extravasavam as frustrações duelando — o guerreiro e o assassino, cada com um repertório diferente de manobras, mas sempre seguindo a filosofia svaltar de dois golpes, um para incapacitar, outro para finalizar.

O embate que ocorria nesse momento estava sendo muito aguardado por Kalannar. Ele finalmente estava estreando a loriga de couro de *zimoi*, uma espécie de ogro que vivia nas profundezas dos Vizeus, só que em um ponto bem distante de

Zenibar. Por isso mesmo aquele era um material muito raro na cidade svaltar, e ainda havia passado por um tratamento alquímico por parte da equipe de Devenar que deixara a armadura tão resistente quanto aço, porém com a mesma flexibilidade de couro comum. Era a proteção digna de um ayfar — após tanto treinamento, Kalannar estava prestes a ser sagrado o mestre dos assassinos da família.

Os irmãos trocavam golpes e farpas com igual velocidade. Eles tinham a mesma semelhança familiar e compleição svaltar, ainda que Regnar fosse nitidamente mais forte por treinar como soldado e tivesse um rosto mais vincado que o deixava com uma aparência mais velha, apesar de ser o caçula. Talvez o fato de já ter um filho contribuísse para essa percepção. Zeknar, para desgosto do pai, idolatrava o tio — até copiava o mesmo corte de cabelo arrepiado que Kalannar ostentava. Pela vontade de Regnar, o filho seguiria a carreira militar e manteria um cabelo curto ou a cabeça praticamente raspada, mas Zeknar parecia interessado apenas nos feitos de Kalannar e na diversão chamada de *haladsei*, um passatempo entre os jovens de Zenibar que consistia em seguir o rastro de um *si-halad* (um verme gigante) para atraí-lo quem fugisse do monstro. De fato, Regnar tinha motivos para estampar no rosto a preocupação com o filho.

— Pare de pular, desgraçado — reclamou ele diante de outro golpe que acertou o vazio.

— Mire melhor e reclame menos — retrucou Kalannar enquanto estocava um ponto aberto na defesa do irmão, mas sendo prontamente aparado.

— Eu não sou uma das presas fáceis que sua rampeira ensina a matar — disse Regnar se posicionando para compensar o deslocamento do irmão e finalmente acertá-lo.

Kalannar sabia que, quando Regnar apelava para xingar Gizar, ele estava se cansando das evasivas e queria descontrolá-lo. E sempre conseguia, por mais que Kalannar tentasse manter a cabeça fria. Nesses momentos, ele se arrependia de não ter matado o caçula no berço, como era seu direito como primogênito da família, segundo as tradições svaltares. Kalannar rangeu os dentes e se preparou para avançar — e cair na armadilha do irmão — quando os dois ouviram uma voz conhecida e animada entrar no recinto e distraí-los.

— Pai, tio! — Zeknar chegou fazendo uma algazarra. — Foram cinco escravos na última haladsei! Cinco!

— Estamos treinando, você não está vendo? — ralhou Regnar, se afastando de Kalannar, que também parou de lutar e aproveitou a pausa para recuperar o controle. — Essa não foi a educação que lhe dei.

— Em trio ou solo? — perguntou o tio, sabendo que o irmão não gostava que o filho praticasse haladsei; era hora de irritá-lo e dar o troco pelo insulto a Gizar.

— Em trio — informou Zeknar, ignorando a bronca do pai.

— Está um pouco melhor que a média, mas o haladsei de verdade ocorre sozinho — falou Kalannar. — Só assim você...

— Pare de incentivar meu filho com essa besteira. — Regnar ergueu as roperas outra vez. — Trate de ter o seu próprio para estragar.

Kalannar também se posicionou para o combate e não deixou barato:

— Você só está irritado porque nunca passou de três no haladsei solo. O recorde em Zenibar continua sendo meu, aliás.

— Sete escravos abatidos fugindo de um si-halad — citou Zeknar, obviamente impressionado com os números do tio. — E treze em trio!

— Teria sido um número maior, se seu pai não fosse tão ruim e tivesse atrapalhado a mim e ao Jasnar — provocou Kalannar novamente.

— Nós vamos ficar *falando* ou *duelando*? — rosnou Regnar.

— Na verdade — respondeu Kalannar, baixando ligeiramente as roperas, mas se mantendo em guarda —, temos muito o que conversar.

Ele vivia sendo cobrado por Regnar em relação aos anões e ao reconhecimento do terreno entre Zenibar e a fortaleza humana diante dos pais; agora era o momento de fazer o mesmo, na frente do sobrinho, e devolver a pressão na mesma moeda.

— Você deveria apressar o Devenar — continuou Kalannar. — Daqui a pouco teremos um caminho para a superfície garantido pelos anões, mas nenhuma maneira de colocar as tropas sob o sol.

Impaciente, Regnar embainhou as roperas e foi na direção do filho. Ele sabia o que o irmão estava fazendo, mas dominava aquele jogo de acusações muito bem.

— Ele disse que precisa de humanos para fazer uma poção nova ou algo do gênero. Estou organizando uma expedição para capturar espécimes. — Regnar se voltou para o jovem svaltar. — Quer vir, Zeknar?

— Claro, pai! — Os olhos negros ficaram enormes de empolgação. — O senhor vem também, tio?

Kalannar guardou as armas e fez um gesto negativo para o sobrinho.

— Eu tenho negócios a tratar com um anão. — Ele se voltou para Regnar. — Cuidado com a região da superfície que vai escolher. Não chame a atenção dos dasannares. Não vá aonde eles capturam escravos.

— Eu sei o que faço, mas seria mais fácil incursionar no mundo exterior se você não estivesse perdendo nossos batedores — retrucou o caçula.

— Precisamos de outras rotas mais curtas pela superfície — respondeu Kalannar. — Você não esteve lá fora, não visitou aquela região desgraçada que os humanos estão chamando de Ermo de Bral-tor, segundo o Torok. Precisamos

mapear *todos* os caminhos possíveis até o Brasseitan, caso a incursão dê errado. E há muita coisa que pode dar errado nessa operação.

— Você está *matando* nossos batedores com esse excesso de zelo. — Regnar apontou um dedo acusador para o rajar. — Sequer sabemos ainda se vamos conseguir invadir a superfície. E nem vou falar da quantidade de ouro que estamos gastando com esse anão!

— Batedores e ouro são recursos que a família tem para gastar. Você quer investir em uma empreitada dessas sem arriscar nada? Fale como isso é possível, e serei o primeiro a apoiá-lo. — Kalannar esperou pela resposta que não veio; Regnar apenas o encarou com raiva. — Mas não é o caso, é? Você pensa com as roperas. Sempre foi um imediatista que quer tudo correndo.

— E você parece nosso pai. Lento e hesitante ao tomar decisões — disparou Regnar, se arrependendo no mesmo momento; ele não gostava de criticar o salar diante de Zeknar.

O guerreiro fez uma pausa e decidiu retomar o assunto.

— Vamos acabar ficando sem batedores e tendo que depender dos dasannares.

— Meu plano continua restrito à família — disse Kalannar em tom categórico. — A glória de retomar a superfície será da Casa Alunnar.

— Finalmente concordamos em alguma coisa — falou Regnar. — Mas podíamos enganar os samannares, usar os si-halads para abrir um caminho para o mundo exterior e nos poupar do envolvimento com anões sujos.

A Casa Samannar era responsável por adestrar espécimes menores de vermes gigantes para abrir túneis no entorno de Zenibar, com o intuito de expandir a cidade, e também para usá-los como arma de guerra contra inimigos; os grandes si-halads eram evitados pela dificuldade de controle e pelo alto risco de provocar desabamentos e abertura de abismos. Porém, os samannares conseguiram destruir meia Fnyar-Holl há séculos quando soltaram um espécime monstruoso na cidade anã — e ainda saíram de lá com a filha do dawar da época como prisioneira. Esse feito e o fato de os si-halads serem uma impressionante força da natureza sob o comando da Casa Samannar faziam da família a segunda mais poderosa de Zenibar.

— Os túneis abertos pelos si-halads são impressionantes — disse Zeknar. — Seria um jeito bem simples de sair de Zenibar sem ninguém saber.

— Seria ótimo de fato, sobrinho... — falou Kalannar em um tom realmente pesaroso. — Mas os samannares saberiam dos novos túneis e, se desconfiassem de alguma coisa, mesmo sendo enganados como seu pai sugeriu, acabariam por descobrir. O risco de vazamento de informações é muito grande. Com os anões, elas estão contidas. Eu desgosto tanto quanto você de envolvê-los, Regnar.

Os três svaltares ficaram em silêncio. Zeknar queria contribuir com alguma sugestão, mas era jovem demais e nunca participava das grandes decisões da família. Sabia do plano como todos os nobres da linhagem sabiam, especialmente por ser neto do Salar Fernnar, porém não tinha muito o que dizer. Já estava contente em seguir o pai na incursão pela superfície, que era sua primeira participação de fato na questão. Kalannar ao menos conseguiu extravasar parte da fúria que sentiu pela provocação do irmão, mas estava ansioso para retomar o combate e testar de vez a nova armadura. Talvez deixasse entrar um golpe menos perigoso para ver se era dura como aço como os alquimistas de Devenar prometeram. A conversa, começada por ele, já tinha cumprido seu propósito. Kalannar pretendia dá-la como encerrada, mas Regnar certamente tinha outra intenção.

— O imar está confiante que os humanos são a solução para o dilema da incursão na superfície — disse ele. — Mas eu ando com outra ideia na cabeça, que pode dispensar o imar: talvez nem precisemos das tropas para tomar a fortaleza nesse tal "Ermo de Bral-tor". Se os anões estão do nosso lado, eles seriam capazes de construir uma passagem secreta nas muralhas. Podemos infiltrá-las por ali, levando o místico, com um pequeno grupo de nobres. As tropas andando sob o sol seriam dispensáveis. Toda fortaleza tem um acesso assim, para emergências.

No meio do argumento Kalannar já estava fazendo um gesto negativo, o que irritou Regnar.

— O problema, irmão, é que o rei humano, o tal Krispinus, exigiu que não houvesse *nenhuma* entrada secreta — explicou ele. — Eu vi os planos do que eles chamam de Fortim do Pentáculo. Os construtores do Torok não podem fazer algo assim ou levantariam surpresas.

— Malditos anões! Malditos humanos! — esbravejou Regnar.

Kalannar foi se dirigindo para o meio do recinto e pousou as mãos nos cabos das roperas, como um convite claro para os dois retomarem o duelo. Agora com Zeknar assistindo, ele faria de tudo para não cair nas provocações e derrotar o irmão diante do sobrinho. Pelo olhar empolgado do rapaz, ele parecia estar ansioso para ver o combate entre o pai e o tio.

— Não adianta xingar, Regnar — falou Kalannar. — Eu faço isso toda vez que vou me encontrar com o Torok. A vontade é matá-lo ali mesmo, mas temos que trabalhar com as dificuldades impostas. Que não são poucas.

Ele sacou as roperas e deu um sorriso cruel de lado para o sobrinho. Regnar andou até o irmão e fez o mesmo. Eles se lançaram um contra o outro, estocando, aparando, fintando, evadindo, acertando, provocando. Empolgado, ainda que longe de ter a experiência dos dois adultos, Zeknar sacou as próprias armas e se convidou a participar do exercício.

Os três herdeiros da Casa Alunnar passaram o resto da noite naquele momento de comunhão e violência, acumulando vitórias e derrotas.

Seria o último momento de união da linhagem.

CAPÍTULO 8

Furnas do Rajar, Zenibar

Diante de Kalannar havia um objeto para o qual o idioma svaltar não tinha nome. Era uma coleção de pergaminhos amarrados e contidos por placas finas de madeira e cobertas por couro, que servia de repositório de conhecimento para os humanos. Os svaltares seguiam a mesma tradição oral dos alfares, mas às vezes mantinham registros também usando pergaminhos e tábuas, como os anões faziam, ou gravavam textos nas paredes das cavernas, em murais gigantes ricamente trabalhados, geralmente encontrados nos salões subterrâneos das casas mais importantes. Aquela forma humana de organizar pergaminhos, porém, era inédita para Kalannar — e impressionante. Ele desdenhava de qualquer outra espécie que não fosse a sua, como um bom elfo das profundezas, mas tinha que admitir que aquele formato era prático e... *charmoso*. O objeto fascinava Kalannar, mas o conteúdo provocava dor de cabeça. O rajar da Casa Alunnar estava tentando aprender o idioma humano naquele objeto que a incursão mais recente de Regnar trouxera da superfície. Como eles invadiriam uma fortaleza humana, Kalannar considerava estratégico entender o que o adversário dizia e compreender qualquer documento que fosse apreendido no ataque — registros, mapas — para ganhar vantagem sobre o inimigo, mas era uma empreitada difícil.

Um gemido tirou Kalannar da terceira tentativa de decifrar um trecho complexo.

O svaltar olhou para a fonte do som: um humano acorrentado à parede de pedra, um espécime velho e frágil, mas que detinha uma habilidade rara entre seus pares: sabia ler e escrever. Era um mercador, segundo Regnar. A parte da velhice Kalannar inferiu por si só: o sujeito parecia mais *gasto* que os demais da espécie. Os svaltares amadureciam e avançavam nos anos, mas não envelheciam no sentido de definharem como os humanos. Ele não saberia dizer a idade do prisioneiro, mas em breve aquilo seria o tema de mais uma aula que o infeliz ministraria compulsoriamente, sob tortura. Incensos entorpecentes mantinham o humano vivo e dócil o bastante para ensinar Kalannar, mas às vezes era preciso incentivá-lo a cooperar quando os efeitos começavam a passar.

Ele cogitou consultar o mercador sobre a passagem indecifrável quando uma silhueta inconfundível surgiu na porta da câmara. Aquelas curvas, aquele cabelo, aqueles movimentos — Gizar era única em toda Zenibar. E era de Kalannar, plebeia ou não, de casta inferior ou não. Ele sabia que os comentários maldosos da família eram pura inveja.

E, após a missão na superfície, o primogênito pretendia calar alguns familiares pelas insolências.

Ela foi até a mesa do amante e olhou o objeto com curiosidade. Gizar sabia que ele vinha lutando para dominar o idioma humano; era engraçado ouvi-lo falar aquela língua esquisita, mais até do que quando Kalannar falava anão, engrossando a voz normalmente sibilante. Por algum motivo, Gizar se divertia quando ele contorcia o belo rosto esguio para acertar uma pronúncia.

— Eu tenho uma proposta que vai acelerar seus estudos linguísticos — disse ela, com um ar enigmático.

Kalannar fechou o objeto (ele achava aquilo sua melhor funcionalidade, muito mais prático do que enrolar os pergaminhos) e voltou a atenção para a desuayfar, que continuou:

— Mas antes eu trouxe um presente. Na verdade, *presentes*. — Ela tirou um tubinho metálico da algibeira juntamente com um estojo de couro. — Você tinha perdido o seu *juha* em Fnyar-Holl, e um assassino não pode ficar sem um.

Kalannar pegou o pequeno objeto e abriu um sorriso para Gizar.

— Obrigado — agradeceu ele. — Eu estava irritado comigo mesmo por ter perdido o meu. Matei um criado do palácio anão com o *juha* e devo ter perdido naquele momento.

Kalannar vinha espionando Fnyar-Holl novamente, sem informar Torok, para verificar o andamento do golpe de estado. A corte anã andava agitada por conta de rumores a respeito do Dawar Bramok, mas até agora nada de concreto havia acontecido. Devenar, por outro lado, havia finalmente entregado uma poção que protegia os soldados plebeus dos efeitos mortais do sol; e Vragnar dissera que a conjunção planar propícia estava se formando para reabrir o Brasseitan. Aquele túnel estava chegando ao fim, como se dizia em Zenibar, mas ainda faltavam elementos para o plano poder ser posto em ação — como a questão da barreira mística na fortaleza humana.

— E, segundo a tradição — falou Gizar —, um novo *juha* merece um conjunto de venenos frescos.

Ela entregou o estojo para um Kalannar ainda mais sorridente. Dentro estavam acondicionados, de maneira meticulosa, vários frasquinhos e setas.

— Venenos contra alfares, anões... e humanos — indicou a svaltar dando uma olhadela rápida para a pobre criatura acorrentada. — O que me leva à proposta para acelerar seus estudos linguísticos, como falei.

Ela parou propositalmente para fazer suspense, e Kalannar, finalmente atento após examinar os presentes fascinantes, cobrou uma resposta dela.

— Diga logo. Qualquer coisa para que eu finalmente domine esse idioma desgraçado.

— Você conhece Tolgar-e-Kol? — perguntou Gizar.

— Nunca estive lá — respondeu ele —, mas sei mais ou menos onde fica. É uma cidade humana bem ao norte, certo? A Casa Ceannar mantém laços comerciais com ela.

— Exato. E os ceannares pretendem *cortar* esses laços. Ou pelo menos um deles. Um mercador de Tolgar-e-Kol vem prejudicando os negócios com a Casa Ceannar. Como estão sem um ayfar, eles entraram em contato com a Casa Alunnar requisitando um assassino para matar o sujeito com *extrema* violência e dar um recado aos demais comerciantes da cidade. Ninguém engana um svaltar, muito menos um humano.

Gizar fez outra pausa dramática e completou:

— Fui destacada pelo salar para escolher o enviado e pensei em mandar *você*. Será sua missão de formatura como ayfar da Casa Alunnar.

A mente do primogênito disparou com a proposta inusitada. Kalannar sempre pensara que o teste final fosse ser um serviço interno — um desafeto importante da família, alguém da nobreza de uma linhagem rival — ou algum líder alfar aquartelado em uma comunidade florestal na superfície. Mas um *humano* em uma cidade *humana* que ele não conhecia? Os preparativos, a infiltração, a identificação do inimigo, a execução... aquilo seria um desafio e tanto. Por dentro, ele se sentiu inseguro, duvidando da capacidade de realizar a empreitada; por fora, o rosto era uma máscara de frieza, como se fosse a coisa mais fácil do mundo. Kalannar encarou Gizar com naturalidade, mas, pelo visto, ela o conhecia muito bem e não se deixou enganar.

— Não fique ansioso — disse ela. — Tolgar...

— Eu não estou ansioso — reclamou Kalannar.

— Está sim. Voltando: Tolgar-e-Kol não nos considera inimigos, como Fnyar-Holl. Será mais fácil entrar lá do que na cidade anã; os humanos negociam abertamente com os ceannares, afinal de contas. Porém, ainda há a questão do idioma e todos os outros pormenores de um assassinato. Mas... — ela abriu um sorriso cruel para o pupilo e amante — você foi muito bem instruído. Confio plenamente que voltará triunfante e que vou poder informar ao salar que seu primeiro filho está apto a ser o ayfar da Casa Alunnar.

Kalannar estava assustado e empolgado ao mesmo tempo. Essa missão o afastaria da cidade svaltar por um período indeterminado; ele sentiu uma pontada de responsabilidade por seu papel de rajar da família.

— Isso me deixaria longe de Zenibar por muito tempo — falou ele, dando voz aos pensamentos.

Gizar, conhecendo o companheiro, já tinha previsto esse argumento e elaborado uma resposta, que ofereceu prontamente:

— Sim, mas você retornaria um líder mais bem preparado para enfrentar nossos inimigos imediatos, que serão os humanos, estou correta?

Sim, ela invariavelmente estava, pensou Kalannar.

— E o místico ainda precisa de tempo para resolver a questão da defesa mágica, pelo que você me disse — continuou a desuayfar.

Kalannar torceu o rosto. Ele odiava que uma svaltar inteligente e perigosa como Gizar fosse tão supersticiosa quanto o resto da raça, tendo receio de falar o nome do zavar da família em voz alta. Ela estava acima desse misticismo barato.

— Sim, o *Vragnar* — Kalannar fez questão de mencioná-lo — continua sem apresentar uma solução para isso. Da última vez que cobrei uma posição dele, o zavar citou um acordo com um demônio que seria capaz de possuir um humano *dentro* da fortaleza, a fim de sabotá-la. Depois disso, mais nada.

Ele se levantou da mesa de estudos e ponderou em silêncio por um longo tempo, olhando o juha, o estojo com venenos e o objeto oriundo da superfície que organizava pergaminhos. Depois fitou o prisioneiro, com a decisão já tomada.

— Pelo visto vou ter que acelerar minhas lições básicas da língua humana — disse Kalannar levando a mão a um punhal. — Gostaria de assistir?

Gizar deu um sorriso cruel.

— Eu adoro uma boa aula.

Furnas do Salar, Zenibar

A câmara pessoal de Noimar era o local mais cintilante de toda Zenibar. As luzes de velas multicoloridas eram refletidas em uma centena de penduricalhos cujo significado Regnar jamais compreendeu, por mais que a mãe explicasse e justificasse a utilidade de cada berloque místico. Uma coisa era certa: ninguém na cidade subterrânea dos svaltares conseguiria entrar ali sem a permissão expressa da sacerdotisa. Se diziam que coisas inomináveis aguardavam quem invadissem os aposentos de Vragnar, Regnar desconfiava que algo pior aconteceria com visitas indesejadas na caverna particular da mãe.

Ele encontrou Noimar em um estado de aflição ainda maior que o normal. Ela esfregava freneticamente as mãos miúdas e muito brancas. Há mais de duas décadas o marido andava enfermo e necessitava do kifili para se recuperar; porém, sempre teimoso, Fernnar se recusava a se recolher ao Sono Sagrado até que o Brasseitan fosse aberto e os alfares comesçassem a ser massacrados na superfície. A esposa sacerdotisa vinha tentando de tudo, fazendo rituais em que até a própria saúde corria risco, mas o salar não dava sinais de melhora.

Noimar decidiu convocar o caçula, visto que o filho mais velho não atendia às suas convocações mais recentes.

Regnar ouviu uma sucessão de queixas em relação ao irmão que ele mesmo tinha — a demora em executar a invasão ao Brasseitan, a necessidade de confirmações e medidas de contingência, a confiança demasiada no plano que envolvia os anões —, mas ficou surpreso quando a mãe trouxe um elemento diferente à discussão.

— Os alfares estão sendo trucidados pelos humanos; eu *vi* com meus próprios olhos nas brumas dos defumadores — disse Noimar em tom de desespero apontando para os objetos que esfumaçavam o ambiente. — Não teremos a oportunidade de realizar nosso direito de *vingança*.

A mãe frisou a última palavra, mas não era necessário. A vingança era uma questão de honra na sociedade svaltar; uma retaliação podia demorar séculos, podia atravessar gerações, mas jamais podia deixar de ser executada — o preço era a vergonha eterna e a perda de prestígio entre os elfos das profundezas. A Casa Alunnar ruiria se os alfares fossem extintos pelas mãos de outra raça que não os svaltares.

Ainda assim, a princípio, Regnar não acreditou na histeria mística da mãe. Os humanos eram uma laia inferior, pareciam com os morcegos das câmaras superiores de Zenibar — guinchavam muito, faziam uma grande algazarra, mas fugiam voando ao menor sinal de perigo. Os humanos eram, a seu ver, pouco melhor que kobolds. Porém...

Ele começou a ponderar sobre aquela informação. Sim, algo fazia sentido. Regnar esteve várias vezes na superfície, no território a leste dos Vizeus, para capturar os humanos que o Imar Devenar precisava para a poção. Não encontrou nenhuma comunidade alfar. Viu florestas devastadas. Humanos se expandindo. Humanos se *militarizando*. Sua mãe poderia estar certa.

Regnar olhou para os defumadores e todo o aparato místico que decoravam a câmara em volta. Ele nunca colocou muita fé nos poderes do círculo de altas sacerdotisas que a mãe comandava, acreditava mais no aço e na violência como solução tangível para qualquer problema, porém fazia parte de uma sociedade altamente mágica — e não havia como negar os feitos sobrenaturais dos svaltares ao longo dos séculos. Somando a visão de Noimar com o que ele testemunhou, Regnar passou a acreditar, naquele momento, que os humanos derrotariam os alfares.

Os humanos derrotariam os alfares *antes* dos svaltares.

Aquilo era absolutamente inconcebível. Jamais aconteceria, não enquanto ele estivesse vivo.

A mãe continuou a falar enquanto a mente de Regnar disparava.

— Se não invadimos a superfície *agora*, não teremos como executar nossa vingança. — Noimar ficou mais aflita. — Não vai adiantar esperar por outra conjunção planar, que pode muito bem ocorrer quando os filhos do *Zeknar* governarem a Casa Alunnar. Os alfares estarão extintos até lá.

— Sim. — Foi só o que Regnar conseguiu dizer.

A sacerdotisa pegou nas mãos do filho mais novo.

— Regnar, faça um apelo à razão do Kalannar. Ele tem que começar a incursão na superfície imediatamente.

— Farei o possível, mãe — respondeu o guerreiro, agora encarando intensamente os olhos completamente negros de Noimar. — Mas, e se ele continuar irredutível e teimoso?

Ela se acalmou um pouco e falou em um tom frio, que não condizia com a emoção que demonstrara até aquele momento.

— Então faça o que você considerar melhor em nome de nossa família. Por mim, pelo seu pai, pelo *Zeknar*.

Regnar se despediu da mãe e foi resoluto em direção às Furnas do Salar.

Quando chegou aos aposentos do irmão, Regnar viu Kalannar se preparando para partir. Sem dúvida, o rajar deveria estar de saída para *Fnyar-Holl* novamente. Desta vez, para o bem de Kalannar, ele esperava que o irmão finalmente trouxesse a notícia de que os túneis dos anões estavam liberados para a passagem das tropas de *Zenibar*.

Qual não foi a surpresa de Regnar ao ouvir que Kalannar estava a caminho da cidade humana de *Tolgar-e-Kol*, sem previsão de retornar tão cedo. O rosto ficou azul de raiva, e ele finalmente explodiu:

— E o plano de abrir o Brasseitan, Kalannar? Foi esquecido?

— O plano não está pronto para ser executado, Regnar — respondeu o irmão mais velho, friamente. — Quantas vezes vou ter que repetir isso?

— É só o que você sabe falar ultimamente — sibilou o outro.

— Vou explicar de novo, então: o *Torok* ainda não conseguiu tomar o poder em *Fnyar-Holl*. Não temos passagem livre para a superfície.

Regnar rangeu os dentes e sentiu mais raiva ainda ao ver Kalannar continuando a se aprontar calmamente, como se tudo estivesse bem. Mas nada estava bem: o pai se encontrava enfermo após uma espera de duas décadas para entrar no kifili, a mãe vivia em desespero por causa disso, e os humanos iriam

conquistar os alfares antes dos svaltares. Ainda assim, ele tentou argumentar usando a informação que tinha acabado de receber de Noimar.

Kalannar encarou o caçula com ceticismo, como se ele tivesse dito algum absurdo.

— Os humanos mal conseguem construir uma fortaleza sem pedir ajuda aos anões — retrucou Kalannar. — Como então venceriam os alfares numa guerra?

Pelo visto, o irmão estava tão cego pelo preconceito quanto ele esteve, pensou Regnar. Mas o guerreiro tinha visto provas, ou pelo menos bons indícios, de que aquilo era possível. Como aquele argumento não deu certo, Regnar tentou outra abordagem.

— Kalannar, o zavar vem dizendo que a conjunção planar está em andamento e que em breve perderemos a chance de os demônios nos ajudarem a romper o selo místico da fortaleza. O plano depende disso, ou a invasão à superfície será em vão.

— Não — disse o assassino, categoricamente. — O plano depende de *vários* pontos que precisam estar coordenados. Você não tem visão para enxergar isso.

Regnar se enfureceu novamente e ficou diante de Kalannar, que finalmente parou de organizar seu equipamento de viagem como se o irmão não estivesse ali.

— Eu estou pronto para sacrificar o sigilo da operação e liderar as tropas saindo daqui mesmo, pelos túneis de Zenibar — falou o caçula. — Dane-se que as outras casas saibam. Elas não têm como intervir a essa altura. A glória da conquista da superfície será nossa, de uma forma ou de outra.

— Eu ouvi mal? — Kalannar se permitiu um riso irônico ao devolver o olhar intenso do irmão. — *Você* liderando as tropas? Eu serei o *sardar* da operação, Regnar. Você será meu segundo-em-comando, como cabe a um bom guerreiro.

Regnar não acreditou no que ouviu. Ele sentiu vontade de sacar as roperas, mas preferiu agredir o outro svaltar com indignação e ironia.

— Quantos cargos você quer acumular, Kalannar? — perguntou Regnar abrindo os braços em um gesto dramático. — Primogênito, futuro mestre dos assassinos e agora comandante militar da família? Devemos dispensar o Devenar também e colocar *você* como responsável pela alquimia?

— O plano é meu, a execução é minha. — Kalannar se afastou do irmão e retomou a arrumação dos pertences. — E volto a dizer que ele não está pronto para ser executado. Estamos em compasso de espera enquanto o Torok não assumir o trono. Vou aproveitar esse tempo para resolver assuntos em Tolgar-e-Kol. Enquanto isso, o Devenar pode trabalhar em outra alternativa à poção que ele criou, para uma possível emergência, e também pretendo despachar mais batedores a fim de observar a rotina da fortaleza humana.

— Kalannar, com mil maldições, já temos todos os relatórios que precisamos! E a poção funciona!

— É sempre bom termos opções para qualquer contingência — retrucou o irmão.

Regnar parou de ouvi-lo; no lugar das palavras de Kalannar, eram as da mãe que ecoavam na mente.

Faça o que você considerar melhor em nome de nossa família. Por mim, pelo seu pai, pelo Zeknar.

Ele ainda decidiu dar uma última chance para o rajar da linhagem. Talvez o motivo da ida à cidade humana fosse fundamental para o plano.

— Por que você está indo para Tolgar-e-Kol? — perguntou Regnar.

— Vou realizar a missão de assassinato que vai me sagrar como ayfar da Casa Alunnar — respondeu Kalannar, finalmente com orgulho e interesse na voz.

Como se apenas aquilo importasse, considerou Regnar. Kalannar sempre em primeiro lugar. O resto que se danasse.

Inclusive o dever ancestral dos svaltares de vingar a maldição lançada pelos alfares.

— Muito bem — disse Regnar secamente. — Sucesso na viagem. Que sua ropera sempre seja certa. Quando você voltar, provavelmente estará tudo pronto para seguirmos adiante com a operação.

— É o que eu espero — falou Kalannar. — Está tudo dentro do meu planejamento.

Regnar saiu em silêncio, mas parou na porta dos aposentos do irmão e deu aquela que seria última olhada para Kalannar.

Não haveria medida de contingência para o que ele, Regnar, planejava no momento.

CAPÍTULO 9

Cavernas na Cordilheira dos Vizeus

Kalannar nunca tinha ido tão ao norte de Zenibar. Ele não conhecia aqueles túneis, mas felizmente havia marcações discretas feitas pela Casa Ceannar para guiar os mercadores da família. Outro svaltar não teria notado os sinais, mas Kalannar fora bem instruído por Gizar. "Um plano começa e termina nos detalhes; eles são a brecha por onde o fracasso entra e o sucesso escapa", dizia ela. A amante o acompanhava na mente, naquela longa jornada solitária; cada avanço pelas câmaras subterrâneas o aproximava mais do objetivo de se tornar o ayfar da Casa Alunnar e consagrar os ensinamentos que ela lhe passou. Quando não estava pensando em Gizar, Kalannar repassava os fundamentos do idioma humano na memória, as frases mais comuns para pedir informações e localizar alguém, as palavras mais úteis para tentar captar em uma conversa. Às vezes, no silêncio absoluto do caminho, ele arriscava dizê-las em voz (não tão) alta.

Outro pensamento o consumia na viagem tediosa: a informação dada por Regnar de que os humanos se encontravam em guerra com os alfares e estavam prestes a vencê-los. Será que aquilo era mesmo verdade ou apenas um argumento desesperado do irmão, que estava impaciente para colocar a conquista da superfície em andamento quando ainda havia tanta coisa a ser feita? Eles não podiam simplesmente invadir o mundo exterior às pressas, não sem a passagem por Fnyar-Holl estar garantida, não sem Vragnar confirmar que as defesas místicas do Fortim do Pentáculo podiam ser derrubadas.

A mente podia estar ocupada, mas os ouvidos de Kalannar estavam sempre atentos: eles notaram a passagem de um zimoi bem antes de um encontro que teria sido mortal. O svaltar se escondeu em um túnel lateral, passando por uma fenda que seria apertada demais para o ogro-das-cavernas entrar para persegui-lo, e esperou o som da criatura sumir ao longe, sinal de que tinha ido embora. E decidiu aguardar mais um tempo; às vezes, zimois caçavam em duplas, e poderia haver outro monstro à espreita.

E havia, mas não era outro zimoi.

A cautela de Kalannar salvou sua vida. Da passagem principal, do caminho por onde ele tinha vindo, surgiram dois vultos furtivos, porém inconfundíveis: svaltares. Certamente existia animosidade entre as linhagens, mas não havia um conflito declarado, e, portanto, Kalannar não precisava exatamente *temer* um encontro com outros moradores de Zenibar. Porém, seu instinto de assassino e a grande distância da cidade fizeram com que ele redobrasse o cuidado naquele

momento. A dupla também devia ter ouvido o zimo; daí o avanço sorrateiro e a postura corporal de caçadores. Seriam escravagistas da Casa Dasannar? Oculto, Kalannar observou os *svaltares* que passavam quase invisíveis — eles não portavam nenhum apetrecho para a captura de escravos, e sim muitas facas nas lorigas de couro leve. Os rostos brancos estavam pintados com camuflagem, e as capas negras eram presas por broches... broches com o símbolo da lua.

Aqueles eram noguiris da Casa Alunnar, integrantes da tropa especial de assassinos da linhagem.

Será que Gizar havia despachado os dois para testá-lo? Aquilo parecia um exagero: a prova na cidade humana de Tolgar-e-Kol seria difícil o suficiente, e ele já havia passado da época dos exercícios de furtividade e combate. Não. Aquilo era outra coisa. E a conclusão era óbvia, pelo caminho que os dois recém-chegados seguiam — os noguiris foram enviados para matá-lo. A mente de Kalannar logo culpou o primo Jasnar, que também cobiçava o posto de ayfar e deveria ter descoberto, por meio de Gizar, que ele estava em missão para conquistar o título de mestre dos assassinos da família. Que bom que o próprio Jasnar não teve a coragem de ter vindo matá-lo, pensou Kalannar, dando um sorriso cruel nas sombras. Agora ele teria que eliminar *três* indivíduos por causa disso.

Kalannar observou o segundo noguiri, o mais próximo, que ainda estava na distância de ser abatido pelo juha. Infelizmente, ele não tinha preparado as setas com venenos para *svaltares*. O ângulo da entrada apertada da fenda também não permitia arremessar uma faca; seria preciso sair para o corredor e atacar dali. Kalannar sacou a arma e foi sorrateiramente para o túnel principal, sem fazer nenhum barulho, com o corpo encolhido contra o paredão... e mesmo assim foi notado pelos dois assassinos.

Eles eram bons.

A faca na mão de Kalannar foi imediatamente lançada antes que os noguiris se recobrassem da surpresa — o que não durou nem um piscar de olhos. A arma pegou em cheio o inimigo mais próximo, que também já estava arremessando uma adaga com um reflexo impressionante. Mas a facada de Kalannar fez com que o sujeito perdesse a mira, e a arma do noguiri se alojou na capa preta do primogênito. O outro adversário, a alguns passos à frente do colega, se esquivou para o lado, e a segunda facada de Kalannar passou no vazio. Enquanto o *svaltar* abatido agonizava no chão, o companheiro foi rápido ao devolver o ataque de Kalannar e também atirou uma faca. A arma acertou sua loriga de couro de zimo como se fosse um soco — mesmo sem penetrar na couraça alquimicamente tratada, Kalannar acusou o golpe e cambaleou para trás. Ao recuperar o equilíbrio, ele teve que sacar as roperas para aparar às pressas as estocadas do inimigo.

Foi uma troca de golpes veloz e intensa, o clangor do aço ecoou alto no túnel, mas Kalannar tinha a vantagem de ter duelado por muitos anos com um espadachim muito superior àquele noguiri: Regnar, o próprio irmão. Porém, um assassino de elite possuía recursos diferentes em um combate: o sujeito fez uma finta, Kalannar antecipou o truque e deixou passar o golpe, mas a intenção do inimigo era exatamente essa. A ropera furou a capa de Kalannar ao lado da adaga do outro noguiri que estava presa ali, e o adversário puxou o pano com força para atrapalhar as defesas do alvo; sua próxima estocada resvalou no braço desprotegido de Kalannar, acima da braceleira, provocando um ferimento leve que estaria longe de ser preponderante na briga... se não fosse pelo fato de a lâmina estar envenenada. E com um veneno específico para svaltares.

O braço de Kalannar pareceu pegar fogo, depois ficou dormente como se estivesse congelado; o torpor se espalhou pelo corpo, e as pernas cederam. O assassino observou o efeito por um instante e puxou o braço para trás, a fim de estocar a vítima no pescoço, na área desprotegida pela armadura. Com a visão turva, Kalannar assistiu ao movimento, impotente.

E viu o inimigo desmoronar como uma torre de blocos de yigin.

Por trás do noguiri abatido, surgiu o vulto gigante de um zimoi.

Com mais de três metros de altura, um couraça nodosa meio cinzenta, meio esbranquiçada, e braços parrudos que pareciam colunas de pedra, o ogro começou a esmurrar o svaltar caído e reduzi-lo a uma polpa de carne, ossos e sangue. Kalannar se aproveitou que o monstro estava entretido e começou a se arrastar para longe dele, quase sem sentir o próprio corpo. Parou a alguns passos da cena perturbadora — Kalannar sabia que seria a próxima vítima se não agisse rápido — e tateou numa bolsinha do cinto à procura de um antitóxico genérico, do tipo que todo assassino carregava para a eventualidade de se ferir ao aplicar venenos nas armas. Ele tomou a beberagem de um gole só, ciente de que era apenas um paliativo. Ainda que tivesse entrado pouco veneno no organismo pela ferida de raspão, Kalannar precisaria de um antídoto mais específico, ou o efeito mortal seria apenas retardado. Ele se obrigou a ficar de pé e voltou a entrar na fenda que o abrigaria do zimoi novamente; pouco tempo depois, a criatura veio atrás de Kalannar e, sem conseguir alcançá-lo, urrou de raiva algumas vezes e retornou para o svaltar morto a fim de comê-lo.

Kalannar ficou ali dentro suando frio, lutando contra os efeitos do veneno, e ouvindo os sons terríveis do banquete macabro. Quando o repasto do zimoi acabou e suas passadas pesadas indicaram que ele tinha ido embora, Kalannar se arriscou a sair do esconderijo, nutrindo uma única esperança: que o primeiro noguiri abatido por ele ainda estivesse ali. Talvez o sujeito tivesse o antitóxico para aquele veneno, que ele desconfiava que fosse de *gushka*, uma rã de lagos subterrâneos. Kalannar só

viu o rastro de sangue a partir do ponto onde o noguiri havia caído — o zimoi devia tê-lo levado para sua toca, a fim de devorá-lo mais tarde. Do primeiro adversário, só sobrara a adaga que ainda estava presa à capa de Kalannar; do outro assassino, aquele que tinha duelado com ele e o envenenara, havia pedaços por todos os lados, e um equipamento esmagado e inutilizado. Kalannar recuperou as roperas que deixara cair no túnel e tirou a faca da capa, jurando usá-la para matar Jasnar.

Para consumir a vingança, ele precisava retornar a Zenibar, isso se o veneno permitisse. Kalannar começou a refazer o caminho de volta, cambaleando, se sentindo fraco. Além do ódio que o consumia por quem havia encomendado sua morte, ele se martirizava por ter caído na finta óbvia do noguiri e por não ter trazido um conjunto completo de antídotos. Aqueles pensamentos raivosos sustentaram um longo avanço até a cidade natal, mas o corpo finalmente começou a perder a luta para o veneno. Ele se encostou no paredão e foi desmoronando até o chão. Lágrimas se formaram nos olhos negros, um sentimento de desespero por morrer ali, sozinho, esquecido e derrotado, com tanta coisa para fazer ainda em vida... tendo sido morto pela mesquinha e inveja de um primo medíocre. O plano não seria realizado, o mundo da superfície continuaria inalcançável por Gizar, eles jamais matariam alfares juntos. A mente passou a girar em torno da imagem da desuayfar, a ponto de os olhos lacrimosos imaginarem que ela estava ali, ao lado dele em seus momentos finais. Até os ouvidos estavam delirando, escutando a voz de Gizar ali naquele túnel vazio.

— Beba isso.

Um líquido entrou à força pela boca de Kalannar, goela abaixo, e ele se sentiu amparado por mãos que não deveriam estar ali. A morte, a quem Kalannar apresentara para tantas criaturas, era irônica, pois havia assumido a aparência de Gizar para recebê-lo em seus braços. Ao menos ele morreria bem acompanhado.

— Você não vai morrer.

— Não? — perguntou Kalannar começando a separar o delírio da realidade.

— O antídoto já vai fazer efeito.

Ele pestanejou e, de fato, ali estava Gizar agachada. Kalannar notou bandagens embaixo da capa e do capuz preto, bandagens molhadas de sangue.

— Você está ferida — balbuciou ele. — Está sangrando.

— Eu não tenho tempo para sangrar. Preciso salvar você.

A mão de Gizar ofereceu outro gole, e ele desta vez bebeu de forma mais consciente.

— Mas o quê...?

— Eu fui atacada durante uma aula — explicou ela. — Dois noguiris. Um deles sobreviveu por tempo suficiente para contar que o mesmo ia acontecer com você. Eu vim correndo tentar evitar, mas cheguei tarde.

— Quem? — Kalannar queria fazer perguntas mais elaboradas, mas era tudo que conseguia dizer no momento.

— O Jasnar... a mando do Regnar.

O nome atingiu Kalannar como uma nova facada. Ele se sentiu ainda mais estúpido por ter considerado o primo, e não o irmão caçula, como único mandante do assassinato. Os sinais se acumularam, ano após ano, mês após mês, até a última conversa que tiveram. A raiva deu a Kalannar a força que ele precisava para falar mais.

— Eu devia tê-lo matado no berço — rosnou.

Um urro distante deixou os dois svaltares em alerta.

— Vamos — disse Gizar dando apoio para que Kalannar ficasse de pé. — Aqui é território de zimois. Não estamos em condições de enfrentar um.

Kalannar se levantou e tomou a terceira bebida oferecida pela desuayfar, desta vez uma poção tonificante. Ele se sentiu com quase todo o vigor recuperado e pensou que foi justamente a presença na área habitada pelos ogros-das-cavernas que salvara sua vida. Com os sentidos funcionando outra vez, Kalannar observou melhor o estado de Gizar — ela certamente estava muito ferida e havia poupado as poções para ele. Agora que o companheiro estava visivelmente bem, Gizar se permitiu tomar uma beberagem mágica.

— Obrigado — agradeceu ele.

— Eu não queria perder meu melhor aluno — disse ela ao terminar de beber a poção. — Vamos logo.

— Sim — concordou Kalannar, segurando com força o cabo da adaga que o noguiri lançara contra ele.

O rajar da Casa Alunnar jurou que usaria aquela arma para matar o irmão.

— Temos muita gente para matar — falou ele.

Havaksenak, Cavernas na Zenibar

O Grande Salão Nobre, ou Havaksenak, era a segunda maior câmara dentro do complexo de cavernas habitado pela Casa Alunnar; a primeira era reservada para as tropas da família. O Havaksenak abrigava as reuniões da nobreza, servia como palco de anúncios importantes para a elite da linhagem. Estavam todos presentes ali — até o normalmente recluso Vragnar —, à exceção de Kalannar. Sua ausência, na verdade, era o que motivava aquele encontro. Mais do que a ausência, aliás: a *morte* de Kalannar era a principal razão para todos os nobres alunnares estarem ali reunidos.

Regnar, ao lado do pai em uma plataforma de pedra, observava a massa de parentes que se aglomerava e cochichava no piso da grande gruta. Fernnar era a imagem da saúde, graças a um esforço em conjunto do Imar Devenar e das sacerdotisas comandadas pela esposa. Aquela seria a última aparição pública do salar, que já havia anunciado no início da reunião a decisão de entrar no kifili e deixar o comando da Casa Alunnar para Regnar. A determinação do líder da família gerou espanto e burburinho entre os nobres no Havaksenak, até que o filho mais novo de Fernnar fez a seguinte declaração:

— O Rajar Kalannar está morto. Ele morreu pelos crimes tramados em conluio com sua concubina plebeia, crimes de lesa-linhagem, nos quais o rajar sabotava propositalmente o grande plano do Salar Fernnar de espalhar as trevas pela superfície para podermos invadi-la e executar nosso direito ancestral de vingança contra os alfares. A Casa Alunnar se livrou de um traidor, e agora o Salar Fernnar poderá entrar no Sono Sagrado ciente de que eu conduzirei nossa família à glória. Nós vamos abrir o Brasseitan, mergulhar o mundo exterior numa noite eterna e exterminar a nação alfar.

Ele esperou para que os familiares absorvessem a notícia e repetiu num brado, com as roperas sacadas e formando um xis diante do tronco:

— Eu conduzirei nossa família à glória!

O salão explodiu em comemoração, que depois foi silenciada pelo braço erguido de Fernnar, um pouco atrás de Regnar. Ele acenou para Noimar, que veio puxando uma longa fila de sacerdotisas. Elas entraram na plataforma entoando cantos sagrados e brandindo incensários e defumadores, enquanto Noimar guiava a procissão segurando uma túnica negra com tons de cinza, similar àquela usada pelo marido. Eram as vestes cerimoniais do salar, com símbolos e inscrições arcanas em volta da representação de uma lua prateada. Ao se aproximar do filho mais novo, Noimar esperou que ele se ajoelhasse e vestiu a túnica sobre a armadura de guerreiro. O ritual das sacerdotisas durou algum tempo até que Fernnar tocou Regnar simultaneamente na cabeça e no símbolo da lua nas vestes, passando de vez o cargo. A seguir, Dolonar, o skalki da família, chegou perto do agora ex-salar para conduzi-lo aos seus aposentos, onde ele finalmente entraria no kifili depois de uma espera de décadas. A mãe e as outras sacerdotisas também deixaram Regnar sozinho diante dos nobres, que entoaram o final da liturgia da passagem de comando da linhagem.

— Sai um salar, entra um salar. Sai Fernnar, o Forte, e entra...

— Regnar, o Conquistador — respondeu ele, escolhendo seu título de reinado.

— Sai um salar, entra um salar. Sai Fernnar, o Forte, e entra Regnar, o Conquistador! — disse a nobreza reunida da família. — Que sua ropera sempre seja

certeira. Que a lua ilumine seu caminho.

— E esse caminho será de glória, eu repito! — falou Regnar. — Para todos nós!

A câmara do Havaksenak continuou reverberando com a vibração da Casa Alunnar. A agitação chegou a um nicho no alto da grande caverna, onde dois vultos assistiam à cerimônia, escondidos. Kalannar e Gizar compartilhavam o espaço com o corpo do guarda que patrulhava aquele acesso e tinha sido morto ao flagrar os dois. A desuayfar se dividiu entre o espetáculo lá embaixo e observar as reações no rosto de Kalannar, que virou uma máscara de fúria. Quando não suportou mais, ele se voltou para Gizar.

— Eu tenho que matar o Regnar. Não só ele, como o resto da família.

Gizar fez um gesto negativo ao olhar novamente para a multidão em delírio.

— É impossível, Kalannar — disse ela. — O golpe de estado está dado. Veja por si mesmo. Ele conta com o apoio da ala mística, tanto dos feiticeiros quanto das sacerdotisas.

— Com você ao meu lado, eu consigo, Gizar — argumentou Kalannar.

Gizar quis sorrir com o elogio, mas era um delírio megalomaniaco da parte do amante. Ela voltou o olhar outra vez para o Havaksenak em festa e falou:

— Mesmo que você sobrevivesse, que atraísse o Regnar sozinho, sem proteções, você reassumiria uma linhagem em ruínas, sem ter o apoio de ninguém. Aos olhos de todos, você é um traidor.

As palavras de Gizar martelaram a mente de Kalannar. Por mais lógicos que fossem os argumentos, ele não queria acreditar. Por anos, Kalannar pensou que matar era a solução simples para qualquer problema. Mas mesmo que assassinasse um por um os envolvidos, o estrago estava feito: a Casa Alunnar não era mais sua casa, Zenibar não era mais seu lar. O posto de salar fora usurpado, o plano de domínio e vingança fora confiscado. Kalannar era um traidor morto aos olhos de toda a família.

Talvez fosse melhor continuar assim.

— Eu tenho que matar o Regnar... — insistiu ele, sem muita convicção por trás das palavras.

— Não, Kalannar. — Gizar tocou no braço do companheiro e ponderou um pouco antes de voltar a falar. — Às vezes, não se mata uma pessoa *fisicamente*, mas

sim por dentro, destruindo seus sonhos e esperanças. Melhor que matar o Regnar é sabotar o plano dele de conquistar a superfície.

Kalannar olhou para ela com um fio de alegria perversa, o primeiro alento desde que todo aquele pesadelo começou.

— Sabotar o *meu* plano de conquistar a superfície para ver o Regnar fracassado e arruinado — disse ele devagar, como se a cada palavra a ideia fizesse mais sentido.

— E aí sim, matá-lo *de verdade* — complementou Gizar —, quando ele tiver sofrido a derrota e o abandono de seus pares. Você deveria assassinar o Torok, para inviabilizar o plano de usar os túneis controlados por Fnyar-Holl.

— Não. O Regnar simplesmente sairia marchando de Zenibar. Ele mesmo me disse que estava disposto a abandonar o sigilo da missão; porém... — Kalannar fez uma pausa, raciocinou um pouco e concluiu: — Sem batedores e mapas, o Regnar ficará perdido lá fora naquele deserto desgraçado, e provavelmente toda a incursão morrerá com ele. Temos que matar nossos dois principais batedores, Fallar e Velinar, e dar sumiço aos mapas e anotações que eles reuniram.

— Ou trocá-los por mapas e anotações de mentira — sugeriu Gizar com um sorriso cruel — e ver a expedição de Zenibar se perder e morrer baseada em informações falsas.

Kalannar ficou empolgado, mas a festa da nobreza ainda comemorando a ascensão de Regnar e a imagem do próprio irmão recebendo toda aquela bajulação fizeram com que ele pensasse em outro problema: seu inevitável exílio... e a companhia de Gizar.

— Depois da questão dos mapas — disse ele —, nós temos que procurar abrigo em outra cidade svaltar. Quem sabe em Enzari...

— Eu não sobreviveria à jornada pela superfície para chegar até lá, Kalannar — falou ela, resignada.

— Talvez pudéssemos nos estabelecer em Tolgar-e-Kol — sugeriu Kalannar. — Se roubássemos a poção do Devenar... a viagem seria mais curta para você do que até Enzari.

— Mesmo que essa beberagem mágica funcionasse durante toda a jornada, o que eu faria quando ela acabasse de fato, Kalannar? Como viveria? Escondida dentro de uma casa humana, só saindo à noite? Eu seria uma prisioneira.

— Se o Brasseitan for aberto, você não precisaria passar a vida assim — disse ele, reconsiderando a ideia de deter o irmão.

— Não, Kalannar. Eu mesma sugeri isso e não vou voltar atrás: o plano tem que ser sabotado, o Regnar precisa sentir o gosto do fracasso antes de morrer. Essa é a vingança que *eu* quero contra ele. Não só porque o Regnar mandou matar você, mas porque encomendou a *minha* morte também.

Ele ficou novamente calado, ponderando alguma solução para Gizar. Tinha que haver alguma saída para ela. Kalannar não queria desistir, não queria abandoná-la à própria sorte enquanto se empenhava em ver a ruína do irmão traidor.

— Talvez... se você migrasse para outra casa... — arriscou ele.

Gizar fez outra expressão de resignação. Kalannar se revoltou ao vê-la naquele estado; ela era tão guerreira e determinada. Talvez todo aquele espetáculo tivesse minado as forças da companheira mais ainda do que as dele.

— Você sabe que não posso — falou ela. — É impossível para um plebeu trocar de casa; isso só vocês, nobres, podem fazer, mediante casamentos e alianças. Eu sou propriedade da Casa Alunnar, e fui sumariamente descartada.

Ali estava o cerne da questão, enxergou Kalannar. Ela estava se deixando vencer pela derrota.

— Você não é uma simples plebeia, Gizar. É uma assassina extremamente competente. Qualquer outra linhagem mataria para ter você em suas fileiras.

Ele fez outra pausa e, a seguir, abriu um sorriso cruel para a companheira.

— A Casa Ceannar entrou em contato para realizar um assassinato em Tolgar-e-Kol, não foi? — perguntou Kalannar. — Eles estão sem um ayfar, pelo que você me disse.

Ela respondeu que sim, sem entender aonde ele queria chegar com aquilo.

— Pois então — continuou Kalannar. — Meu pai passou para *you* a incumbência de destacar um assassino, e eu fui o designado para a missão. Se eu cumpri-la em *seu* nome, você não poderia exigir abrigo entre os ceannares como pagamento? Teoricamente, com meu pai no kifili e o golpe dado pelo Regnar, uma vez que você e eu estamos *mortos*, não há ninguém para realizar o assassinato.

Gizar recuperou o brilho nos olhos negros, mas ainda soou reticente.

— O problema de eu ser plebeia continuaria...

— Você está morta para a sociedade, Gizar — riu Kalannar, se divertindo com o próprio plano. — Proponha isso à Casa Ceannar, diga que vai cumprir o assassinato contratado mesmo com a saída do meu pai do poder... e eu executo o alvo lá em Tolgar-e-Kol por você. Por *nós*. E depois dou cabo de destruir o Regnar aos poucos.

Gizar encarou o amante fixamente, com a cabeça tão em polvorosa quanto a dele. Ela já estava com tudo perdido mesmo àquela altura, por que não tentar a sugestão de Kalannar? A outra opção era o exílio fora de Zenibar, na solidão das câmaras subterrâneas, sobrevivendo como uma eremita.

— Eu teria que viver sob outra identidade...

— A Casa Ceannar só pensa em ouro e negócios, e sua proposta é ótima. Eles estão sem matadores e vão adquirir a melhor assassina de Zenibar sem custo, e sem que a Casa Alunnar saiba. — Kalannar optou por ser insensível e implacável

para finalmente convencê-la; usar sua arrogância de nobre para colocá-la em seu devido lugar. — E que importa outra identidade? Para a nobreza, um plebeu é apenas uma ferramenta sem nome. Só não permitimos mobilidade entre as linhagens para não perdermos o controle sobre nossos plebeus. Mas, repito, você já está morta aos olhos da Casa Alunnar. Tanta faz para os ceannares acolhê-la ou não, assim como pouco importa para nós.

Ele parou e se corrigiu, sendo amargo e implacável consigo mesmo também.

— Pouco importa para a Casa Alunnar.

Kalannar voltou os olhos para o espetáculo revoltante lá embaixo, para a família que o descartou. Nobre ou não, ele se sentiu tão sem valor quanto Gizar.

Isso mudaria, jurou Kalannar, segurando firme o cabo da adaga do assassino despachado para matá-lo.

Gizar voltou a falar, aparentemente sem ter ficado ofendida com o que ele dissera, porém certamente convencida e com mais determinação na voz.

— Eu topo seu plano, por mais louco que seja. Mas, antes de qualquer contato com a Casa Ceannar, precisamos começar a sabotar os sonhos do Regnar.

Os dois localizaram Fallar e Velinar lá embaixo e saíram do esconderijo para invadirem a caverna onde o casal de batedores nobres morava, antes que retornassem da sagração de Regnar como o salar.

CAPÍTULO 10

Estrada para Tolgar-e-Kol, Grande Reino de Krispínia

Já eram duas noites seguidas de aguaceiro andando naquele descampado horrível. Kalannar já tinha pegado chuva antes na longa vida, do lado de fora de Zenibar, na Cordilheira dos Vizeus — onde havia abrigo abundante embaixo dos paredões de pedra e nas grutas que levavam para o mundo subterrâneo. Lá atrás, existia a opção de querer ou não se molhar, mas ali, na estrada que ligava as montanhas às Cidades Livres de Tolgar-e-Kol, nem sempre as árvores e pedras que acompanhavam a via forneciam a proteção adequada ao volume de chuva que caía.

E, naquele momento, parecia estar caindo o mundo sobre a cabeça do assassino svaltar.

Ele agradeceu, pelo menos, por estar usando a grossa capa de viagem alquimicamente tratada de Fallar. Após matá-lo, Kalannar ficou com o equipamento especializado daquele que tinha sido o melhor batedor da Casa Alunnar; Gizar herdou o espólio da esposa dele, Velinar. Na gruta onde morava o casal assassinado, Kalannar e Gizar fizeram sexo pela última vez, em meio aos mortos. Dali, os dois se separaram — a desuayfar ficaria escondida fora de Zenibar até que Kalannar realizasse o assassinato encomendado em Tolgar-e-Kol e ela pudesse tentar a sorte na Casa Ceannar, tomando para si o crédito pela missão. Eles não tinham mais como se comunicar; Gizar confiava no amante, deixaria passar um tempo cabível e arriscaria tudo com os ceannares. Durante o trajeto, Kalannar se martirizava pelo destino dela depender de um plano tão frágil, mas foi o melhor que deu para fazer diante das circunstâncias desesperadoras e urgentes. Para ele, que tanto gostava de um planejamento minucioso (o que lhe rendeu uma tentativa de assassinato e o exílio de Zenibar), ter que seguir uma ideia concebida às pressas tinha lá um sabor de sarcasmo cruel. Kalannar até chegou a rir algumas vezes diante da ironia, mas não naquele exato momento, ensopado na estrada.

Ao menos a via era fácil de seguir, mesmo sob chuva torrencial. A estrada tinha sido feita pelos anões de Fnyar-Holl como uma rota comercial entre a cidade deles e Tolgar-e-Kol, que ficava na fronteira entre os territórios humanos de Krispínia, Hurangar e Korangar. A pavimentação era excelente, parecia nova mesmo sob o trânsito intenso de caravanas, e havia marcos de distância tanto no sistema de medição dos anões quanto na contagem dos humanos. Não tinha como Kalannar se perder, mesmo sem nunca ter estado tão longe de casa; bastava evitar as bifurcações que se transformavam em vias claramente feitas pelos humanos, sem o esmero dos anões. Elas levavam a outros territórios onde a figura de um svaltar

seria encarada como a de um inimigo ou monstro a ser abatido; Tolgar-e-Kol era mais cosmopolita e recebia bem todas as raças — desde que elas gerassem dinheiro para a poderosa Câmara de Justiça e Comércio.

Ainda assim, para evitar transtornos na jornada (e também não encarar a incômoda claridade), Kalannar só viajava à noite e se abrigava à margem da estrada durante o dia, contando com o equipamento de Fallar para criar um esconderijo camuflado. Foram poucos percalços até então, facilmente contornáveis pela furtividade do assassino svaltar. Ele sequer precisara matar alguém até aquele momento.

Talvez essa situação mudasse de figura com o surgimento de uma construção ao longe na estrada, um ponto iluminado na escuridão chuvosa. Kalannar sabia o que era aquilo: uma casa de abrigo para viajantes, segundo seu "professor" do idioma dos humanos, o pobre comerciante prisioneiro. O local podia ser chamado por três nomes na língua deles — pousada, hospedaria e estalagem. Aquilo irritava o svaltar, cujo idioma tinha apenas uma palavra para cada coisa. Ele memorizou apenas hospedaria por conta da associação com a palavra *hóspede* e deixou de lado as outras duas.

Kalannar parou para ponderar se devia entrar ou não. Os últimos marcos indicavam que ele estava se aproximando de Tolgar-e-Kol, e aquele lugar podia vir a calhar como um teste para se cercar de humanos *fora* do ambiente confinado de uma cidade desconhecida. Se houvesse algum problema, sempre era possível escapar para o breu da noite com a chuva torrencial como cobertura. Falando nela, o svaltar estava sem paciência e energia para continuar prosseguindo sob aquele toró. Os pés doíam dentro das botas molhadas, o equipamento pesava, e mesmo a visão sobrenatural não conseguia ir muito além da cortina d'água que caía do céu. Um abrigo seco viria a calhar.

Ele se aproximou da construção e avaliou tanto os detalhes em comum quanto os diferentes da arquitetura anã, que privilegiava prédios circulares. Ali também havia portas e janelas, ainda que com outros formatos e dimensões. Uma estrutura separada abrigava veículos de transporte ("carroças") e animais de carga ("cavalos", tudo com *ca*, aparentemente, assim como "caravana"). Pelo visto o local estava cheio, o que não era de admirar com um mau tempo como aquele. Kalannar viu a placa com o nome do estabelecimento — Pousada (*por que não hospedaria?*) do Cansado. Ele nunca tinha visto a segunda palavra, mas seguindo seu raciocínio sobre *ca*, provavelmente "cansado" devia ser outro nome para comerciante ou viajante.

Kalannar abriu a porta e trocou o barulho intenso e monocórdio da chuva por um ataque de ruídos variados — falatório, canecas e pratos sobre mesas, madeira sendo arrastada sobre madeira, passos pesados e música. Ninguém prestou

atenção à sua entrada, a não ser o humano por trás do balcão, que devia ter um ouvido especialmente treinado para captar isoladamente aquele som de porta se abrindo em meio ao caos sonoro. Tirando o tom das vozes e o barulho de móveis de madeira, uma vez que os anões preferiam mobília de ferro, de resto tudo parecia com uma típica festa em Fnyar-Holl. Os olhos completamente negros do svaltar vasculharam o ambiente — rotas e pontos de fuga, aglomerações, possíveis antagonistas, focos de luz, altura do teto — enquanto andava até o balcão. Para qualquer observador naquele ambiente de penumbra esfumada e cheio de gente, Kalannar era apenas um viajante esguio com uma capa pesada de viagem que havia acabado de chegar da chuva.

— Eu quero *quatro* — disse ele ao encontrar um ponto vazio do balcão para falar com o humano que parecia o responsável pelo estabelecimento.

— Quatro do quê? — indagou o sujeito.

— Eu quero *um* quatro — falou Kalannar, corrigindo o erro que acreditava ter cometido.

— Quatro do quê? — repetiu o humano agora prestando mais atenção às feições nitidamente élficas e na pele tão branca que reluzia dentro do capuz negro.

Kalannar repetiu o pedido em voz alta, pausadamente, e começou a gesticular para se fazer entender, mas o indivíduo o ignorou e berrou para o salão.

— Ei, Wayne, tem um *elfo* aqui!

Kalannar virou o rosto para o ambiente cheio de mesas e humanos. De uma delas, justamente daquela que ele havia identificado como possível fonte de problemas, um sujeito alto e robusto se levantou, acompanhado por outros dois não muito menores. O trio usava lorigas de escamas, capas de viagem e espadas curtas um pouco parecidas com as *kambas* dos alfares. Túnica com o mesmo símbolo sobre as armaduras indicavam que eles eram parte de alguma tropa.

— O que esse merda está fazendo aqui? — vociferou o que humano que devia ser o tal Wayne.

— Deve ter se perdido de algum bosque — disse um dos amigos, rindo.

Sem acreditar muito que conseguiria demovê-los de alguma intenção violenta, Kalannar ainda assim tentou:

— Eu não quero *contusão*.

Wayne gargalhou e tocou no ombro do amigo risonho; o terceiro permanecia mudo, examinando Kalannar com atenção.

— *Contusão* é o que você vai ter, elfo desgraçado — falou o sujeito alto, que sacou a espada curta e apontou para Kalannar. — Eu perdi muitos colegas para a sua laia em Sang-dael.

— Por Krispinus, vamos arregaçar esse puto — ameaçou o segundo humano, também sacando a espada.

— Pessoal — disse o terceiro indivíduo, finalmente se manifestando —, ele é um *svaltar*!

A massa de humanos que acompanhava a cena com atenção e apetite por violência reagiu com um suspiro de medo coletivo diante da palavra *svaltar*. Alguns chegaram a se levantar e se afastar.

— Cubram os olhos! — berrou uma voz assustada. — Ele suga a alma se olhar para você!

Wayne e os dois amigos não pareceram intimidados, nem serem supersticiosos.

— Estou olhando para esse cretino e nada aconteceu. É só um elfo... e vai morrer como um!

Sem entender muito bem as palavras berradas, mas compreendendo a intenção agressiva por trás delas, Kalannar decidiu que já tinha ouvido demais e que a melhor defesa seria atacar primeiro, antes que *toda* a hospedaria (ou pousada, ou como quer que aquela raça desprezível chamasse o estabelecimento) se voltasse contra ele. Com um gesto, Kalannar soltou os equipamentos e a pesada capa de viagem encharcada que só iria atrapalhá-lo e se revelou por inteiro na penumbra: o corpo esguio em uma loriga de couro preto repleta de facas, adagas e punhais; a cabeça e braços extremamente brancos e fantasmagóricos, as orelhas pontudas e os olhos que eram buracos negros no ambiente mal-iluminado. Alguns presentes voltaram a soltar um suspiro de susto; o trio agressivo perdeu um momento distraído com a aparição completa do inimigo.

Um momento que Kalannar soube aproveitar.

De ambas as mãos do *svaltar* brotaram facas de arremesso que cruzaram o espaço entre ele e os três humanos, enquanto o próprio Kalannar corria atrás das armas. Ele deu um pulo, pisou em uma mesa para ganhar impulso, acionou a flutuação inerente à linhagem nobre, rodopiou no ar e caiu com as roperas sacadas diante de Wayne. No momento que seus pés tocaram no piso, um dos companheiros do humano também chegava ao chão com a faca do *svaltar* cravada na garganta, provocando um esguicho de sangue que espirrou nas pessoas próximas. O terceiro sujeito cambaleava com a arma presa na loriga de escamas; ferido, mas não abatido.

Kalannar só teve tempo de fechar as roperas em um xis para aparar o golpe da espada curta de Wayne, que continuou a atacar violentamente se valendo da força e compleição física superiores. O *svaltar* desviou uma vez, aparou outra, mas notou que a disposição de mesas e cadeiras impediria os rodopios que ele executava nas câmaras de Zenibar. Uma estocada passou pelas defesas de Wayne, mas tanto a loriga de escamas quanto o calor do combate amorteceram o golpe. O terceiro inimigo começou a se recuperar, ainda com a faca enfiada pela metade na armadura e sangrando, pegou uma cadeira e atacou o corpo do *svaltar*. O couro duríssimo de

zimoí manteve Kalannar ileso, mas não fez nada pelo seu equilíbrio: o svaltár foi jogado contra uma mesa — o que impediu que ele caísse no chão — e soltou as roperas com o impacto. Um cliente se sentiu corajoso para atacar com uma faca a criatura aparentemente indefesa, mas Kalannar, ainda com as costas sobre a mesa, sacou dois punhais, cravou-os no torso do pobre infeliz, e usou o corpo do falecido como escudo contra o avanço de Wayne. Agora era a vez do humano parrudo perder o equilíbrio — e descobrir o preço de fazer isso diante de um assassino svaltár treinado. Assim que se livrou do cadáver entre ele e o adversário com um empurrão, Wayne viu um punhal ser cravado embaixo do queixo e trespassar o cérebro.

Kalannar vasculhou o ambiente atrás do terceiro agressor, aquele que resistira à facada inicial, e viu o sujeito continuar cambaleando, à procura da proteção de uma mesa. Com um olhar intimidador para os demais clientes, o svaltár aproveitou para demover a massa de novas ações hostis, recolheu as roperas e foi na direção do humano. O adversário desistiu de se esconder e começou a tatear a cintura, a fim de sacar a própria espada curta, sentindo as forças se esvaírem pelo ferimento no tronco. Kalannar atacou a mão dele com uma ropera antes que o sujeito pegasse no cabo da arma, e a outra espada svaltár entrou em sua boca aberta. Um golpe para ferir, e outro para matar, seguindo a tradição de sua raça.

O barulho do inimigo morto caindo no chão foi o único ruído que rompeu o silêncio que tomara conta da Pousada do Cansado. Todos os clientes estavam encolhidos e afastados; os outros guerreiros no meio da massa avaliaram o massacre em volta — e o executor svaltár em especial — e decidiram que não valia o risco de enfrentá-lo. Um único humano entre todos os presentes, no entanto, passou pelas mesas e parou a uma distância relativamente segura do elfo das profundezas — ou que ele inocentemente considerava segura.

— Ei, você matou meus homens — reclamou o sujeito, colocando as mãos na cintura.

A expressão corporal parecia de indignação, não de agressão, mas Kalannar ainda não compreendia bem o gestual e inflexões dos humanos.

— Eu posso fazer isso a noite inteira — respondeu ele, ofegante. — Será um prazer. Você é o próximo da *filha*?

O humano — um indivíduo baixo e gordo, com trajes mais extravagantes que os demais em volta — soltou um risinho.

— Não, eu não tenho o menor interesse de morrer por esses idiotas. Mas você matou meus seguranças.

— Eu só queria um *quatro* para descansar — respondeu Kalannar.

O gordo riu de novo.

— Um *quarto*, você quer dizer. Quatro é isso aqui. — Ele mostrou quatro dedos da mão e depois apontou para os mortos. — Esses *três* acabaram de vagar o

quarto que paguei pra eles. Ele é seu, se você concordar em ser meu guarda-costas até chegarmos a Tolgar-e-Kol.

Kalannar olhou um pouco intrigado para o humano esquisito diante dele.

— Meu *segurança* — falou o sujeito, percebendo que o svaltar não tinha ficado desconfiado ao ouvir aquela palavra antes. — Você me deve isso por ter matado os homens que contratei, mas o cargo é seu, sem maiores problemas. Você certamente vale mais do que três merce... seguranças.

Ele decidiu não abusar do vocabulário do elfo das profundezas, que parecia ser limitado.

— Meu nome é Dom Serleone — continuou o gordo.

— Kalannar.

— Estamos acertados? — perguntou Dom Serleone.

O svaltar olhou para os mortos, para a massa de gente em volta e depois para o homem atrás do balcão. O humano gordo diante dele pareceu ter entendido.

— Nibius! — berrou Dom Serleone na direção do balcão. — Essa confusão foi culpa dos meus homens. Creio que um barril de vinho de Nerônia pague pelo transtorno... e pela remoção dos corpos.

O taverneiro, ainda assustado e incomodado pela matança em seu estabelecimento (ainda que provocada por sua língua grande), começou a sair do choque ao se lembrar do valor de um barril de vinho de Nerônia naquelas bandas tão ao norte. Se aguisse as doses, ele teria um bom lucro por muito tempo. Com certeza valia o transtorno daquela noite. Nibius assentiu com a cabeça para Dom Serleone.

O humano gordo se voltou para Kalannar e estendeu a mão, mas não obteve uma resposta imediata.

— Eu não vou entregar minhas armas para você — disse o svaltar.

Dom Serleone voltou a rir.

— É assim que selamos... é assim que *fechamos* um acordo, Kalannar. Você aperta a minha mão, e estamos acertados.

O assassino ponderou toda aquela situação enquanto a chuva intensa lá fora reverberava pelas janelas. A hospedaria inteira esperava em silêncio a resolução daquela cena. Ao preço de um combate rápido (e da dor de uma cadeirada), ele tinha um contato humano que o levaria a Tolgar-e-Kol — um contato aparentemente influente. Ele se lembrou de uma velha sabedoria svaltar — "em Enzari, faça como os enzarianos" — e estendeu a mão para o tal Dom Serleone.

Na manhã do dia seguinte, Kalannar embarcaria na viagem que mudaria sua vida de vez.

CAPÍTULO 11

Ano Trinta do Reinado do Grande Rei Krispinus, o Deus-Rei

Palácio dos Ventos, Ermo de Bral-tor

Nas ameias do Palácio dos Ventos, Kalannar vasculhava o céu com uma expressão preocupada à procura de demônios. Ele mal havia sobrevivido a uma investida de criaturas infernais aladas (*maldita tapeçaria anã!*), e o castelo voador inteiro estava sob tensão nervosa, esperando um novo ataque de demônios oriundos do Brasseitan. A mente do svaltar tentava encontrar uma saída táctica caso aquilo ocorresse outra vez, mas nada de bom lhe ocorria. O grupo de humanos — e um adamar — era bem limitado: eles não enxergavam no escuro, nem tinham armas mágicas que conseguissem varar a proteção sobrenatural dos demônios. Em breve o Palácio dos Ventos entraria na área de trevas sobrenaturais que emanava do Brasseitan, e todos, à exceção de Kalannar, estariam cegos e indefesos contra os monstros do inferno. O feiticeiro de Korangar, Agnor, dissera que resolveria esse problema, mas o sujeito tinha a empáfia comum aos zavares de Zenibar — ele se daria bem com Vragnar. Ou não, repensou Kalannar. Agnor e Vragnar eram indivíduos que não se davam bem com ninguém.

Pensar no arquimago da Casa Alunnar fez com que a mão pegasse no cabo da adaga que Kalannar estava reservando para a ocasião especial em que mataria o irmão, Regnar. Quanto mais ele se aproximava da fortaleza humana tomada pelos nobres de sua linhagem, o tal "Fortim do Pentáculo", mais Kalannar sonhava com o reencontro com os parentes que o traíram, em especial o caçula. O assassino tinha certeza de que a grande maioria dos nobres estaria lá — pelo menos Jasnar, Devenar, Vragnar e Zeknar comporiam o círculo interno de Regnar. Kalannar sentiu uma pontada de tristeza ao pensar que teria que matar o sobrinho, que sempre gostou dele. Mas seria ótimo fazê-lo diante do irmão, provocando mais sofrimento em Regnar antes de finalmente torturá-lo longamente.

Ele apertou a adaga outra vez, a arma de um dos assassinos enviados pelo irmão. O sujeito era um anônimo morto há muito tempo, mas sua adaga era o bem mais precioso que Kalannar possuía. Foi com ela que ele cumpriu a missão de assassinato em Tolgar-e-Kol, se autoproclamando ayfar como Gizar queria. Não importava que Kalannar não fizesse mais parte da Casa Alunnar — ele era um mestre dos assassinos como tinha sido treinado para ser pela amante. E o próximo alvo era o svaltar responsável por sua queda, e quem mais estivesse em conluio com ele.

Ao pensar em Gizar, a mente de Kalannar deixou os pensamentos de vingança de lado e se fixou na imagem da bela e sensual desuayfar. Assim que colocou os pés em Tolgar-e-Kol, ele nunca mais voltara para Zenibar. Kalannar não tinha como saber se Gizar tinha sido aceita pela Casa Ceannar, se havia se exilado nas profundezas, se sequer estava viva ou morta. Ele sempre se convenceu de que não queria mais ver o antigo lar, que confiava na capacidade da companheira, que era melhor viver na claridade de Tolgar-e-Kol como um assassino respeitado e temido do que como um pária na escuridão de Zenibar, mas a verdade sufocada por Kalannar era que ele não saberia como reagir se de fato descobrisse que ela tinha morrido. Naquele momento, naquele lugar impossível — o lendário castelo voador dos anões de Fnyar-Holl, sobrevoando o mundo exterior —, Kalannar finalmente encarou os fatos como eles eram.

Ele não teve coragem de saber o que aconteceu com Gizar.

A maior ironia era que ela poderia estar ao seu lado agora. O plano original de Kalannar havia funcionado — Torok assumiu como dawar, as tropas alunnares passaram pela cidade anã e pelo Ermo de Bral-tor, e o Brasseitan foi aberto, espalhando trevas pela região — e tinha sido executado pelo irmão. Com a noite eterna que se espalharia pela superfície, Gizar estaria a salvo. Kalannar chegou a olhar para as ameias e imaginou a svaltá ali, sob o céu negro e estrelado. Pela primeira vez, uma dúvida o acometia. Se ele deixasse as coisas como estavam, se não colaborasse com o grupo reunido por Ambrosius para fechar o Brasseitan, o mundo mergulharia na escuridão, e Gizar, caso estivesse viva, poderia se juntar a ele na superfície. E, melhor ainda, os dois poderiam executar a vingança ancestral dos svaltáes contra os alfares.

Não. Kalannar sacudiu a cabeça. Um dos últimos desejos de Gizar era ver Regnar arruinado *primeiro*, e depois morto. "Às vezes, não se mata uma pessoa fisicamente, mas sim por dentro, destruindo seus sonhos e esperanças". As palavras dela ecoaram na mente do assassino. A própria Gizar abdicou da chance de viver na superfície em nome da vingança contra Regnar. Não havia nada mais lindo, nada mais svaltá do que isso. Kalannar se martirizou por sequer ter duvidado do que tinha que ser feito. Em nome dele. E em nome dela.

Uma voz humana retumbante tirou o assassino dos devaneios.

— Kalannar! — chamou Baldur, que havia subido às ameias. — O Od-lanor pediu uma ajuda com os mapas lá embaixo. Eu assumo a vigia aqui.

O svaltá olhou para a massa blindada do humano grandalhão. Desde o ataque dos demônios, Baldur passava quase todo o tempo ali fora, de armadura completa, como uma sentinela dedicada a proteger todos eles. A inocência do cavaleiro sempre divertia Kalannar, que sabia que o objetivo estava próximo, mas não podia revelar a verdade para aquele bando de ingênuos.

Antes de descer, o svaltar lançou um olhar para o horizonte tomado pelas trevas sobrenaturais.

Em breve chegaria o momento de enfrentar o irmão e o Brasseitan.

Em breve chegaria o momento de matar Regnar e fechar os Portões do Inferno.



APÊNDICE

TERMINOLOGIA DE ZÂNDIA

Em um mundo coabitado por várias raças, o excesso de termos particulares e sua apropriação indevida por uma ou por outra cultura podem confundir qualquer um, do viajante ocasional ao erudito da corte. Essas são definições com as quais a maioria dos bardos, magos e estudiosos concorda, ainda que haja distorções e inverdades, dependendo da fonte.

Alfar

Elfo da superfície. Ver "Elfos".

Apontamentos de Midok Mão-de-Ouro

Conjunto de leis que regem a sociedade e a religião anãs, deixadas pelo deus Midok antes de partir em busca de Eldor-Holl, a lendária cidade feita de ouro.

Azin-maralik

"Distrito da vergonha", no idioma anão. Gueto de Fnyar-Holl onde moram os pobres da sociedade anã, que lá dividem o espaço com os escravos.

Ayfar

Título conferido ao mestre dos assassinos das casas nobres de Zenibar. Nem todas, porém, mantêm um ayfar em suas fileiras; isso varia de geração para geração e dos interesses das famílias de acordo com o momento. É comum que uma linhagem sem ayfar disponível contrate os serviços do mestre dos assassinos de outra.

Bayaba

O poder de levitação das linhagens nobres dos svaltares.

Bezjaskinia

"A grande caverna sem fim", termo poético svaltar para o céu, incorporado ao idioma como sinônimo do firmamento.

Brasseitan

O nome dos Portões do Inferno em svaltar. "Bra" foi herdado do adamar "bral", inferno.

Calendário

Na cultura humana, a contagem do tempo oficial toma como marco zero a sagração de Krispinus como Grande Rei. O calendário anterior seguia a contagem determinada pelos adamares, cujo império ruiu há 430 anos antes da posse de Krispinus. Por mais de quatro séculos, a civilização humana, na forma de novos reinos e regiões, simplesmente deu continuidade à contagem adamar. O atual calendário é dividido em a.K. (antes de Krispinus) e d.K. (depois de Krispinus).

Cordilheira dos Vizeus

Grande cadeia de montanhas a leste de Zândia que incorpora três comunidades subterrâneas: a cidade svaltar de Zenibar e as cidades anãs de Fnyar-Holl e Unyar-Holl.

Dael

Sufixo alfar para designar "lugar".

Dawar

"Aquele que aguarda", em anão. É o título dado ao monarca dos anões, basicamente um rei em exercício que espera o retorno de Midok Mão-de-Ouro, considerado o único e verdadeiro monarca dos anões.

Desuayfar

A instrutora de um ayfar. Ver "Ayfar".

Desuydo

Área de treinamento marcial de uma casa svaltar, que pode compreender várias grutas interligadas ou uma única caverna grande.

Diveldo

"O mestre de todos os construtores", termo anão para o líder da facção dos construtores de Fnyar-Holl. Também traduzido como grão-construtor.

Elfo

É o termo humano que engloba, no mesmo conceito, tantos os alfares (os elfos da superfície) quanto os svaltares (os elfos das profundezas). Estudiosos humanos reconhecem as duas espécies, mas o grosso da população usa apenas "elfo" de maneira pejorativa. Curiosamente, o termo svaltar acabou virando sinônimo de assombração ou de "elfo mau", ainda que a sociedade humana considere mau qualquer tipo de elfo, seja originalmente alfar ou svaltar.

Ermo de Bral-tor

Terra de ninguém que resultou da devastação dos reinos de Blakenheim e Reddenheim pelas forças demoníacas saídas dos Portões do Inferno. O termo Bral-tor se refere à antiga ruína da civilização adamar que manteve os Portões do Inferno fechados por séculos. As obras para renovar o antigo fortim causaram inadvertidamente a primeira abertura da passagem dimensional. A segunda abertura foi provocada por uma invasão svaltar oriunda de Zenibar.

Fortim do Pentáculo

Fortaleza encomendada pelo Grande Rei Krispinus para defender os Portões do Inferno, com defesas mágicas que anulavam qualquer encantamento ou propriedade sobrenatural dentro das muralhas em formato de pentagrama. O fortim foi construído pelos anões de Fnyar-Holl e é guarnecido por uma tropa rotativa formada por homens dos reinos de Dalínia, Nerônia, Ragúsia e Santária, que servem no isolamento do Ermo de Bral-tor e são rendidos após três anos por uma nova leva de cavaleiros, chamados de pentáculos. O nome em anão é Otya-mag. Ver “Otya-mag”.

Fnyar-Holl

Reino anão a noroeste de Unyar-Holl, também na Cordilheira dos Vizeus.

Furnas

A divisão dos aposentos de uma casa nobre dentro de uma cidade svaltar. Há as "furnas do rajar", por exemplo, que equivalem aos apartamentos do primogênito, e as "furnas do salar", a moradia do líder da família.

Gushka

Espécie de rã de lagos subterrâneos da Cordilheira dos Vizeus. O veneno é especialmente letal para um svaltar.

Haladsei

Diversão praticada pela juventude svaltar que consiste em seguir o rastro de um verme gigante para atraí-lo quem foge do monstro. Estar *haladseigni* significa estar praticando o haladsei. Ver "Si-halad".

Havaksenak

Grande Salão Nobre, em svaltar.

Imar

Título conferido ao mestre de alquimia das casas nobres de Zenibar.

Incenso

Svaltares usam incensos para marcar a passagem de tempo. As marcações ("marcas") são uniformes e equivalem a quinze minutos; um incenso inteiro leva uma hora para queimar. Certas fragrâncias estão associadas a determinadas ocasiões, festividades ou mesmo atividades corriqueiras da sociedade svaltar.

Juha

Pequeno tubo metálico que os assassinos svaltares sopram para disparar setas envenenadas.

Kamba

Espada parecida com um facão de mato usada pelos alfares.

Kifili

O Sono Sagrado dos anciões alfares e svaltares, uma forma de suportar a monotonia da imortalidade, dar espaço para uma nova geração de elfos, sonhar com futuros possíveis e comunar plenamente com a natureza. Embora adormecidos, os anciões mantêm um certo grau de consciência com os eventos do mundo em geral, que acabam permeando seus sonhos.

Korangar

Reino fundado em 474 a.K. após o êxodo de escravos da Morada dos Reis, em 507 a.K., no interior da região que ficou conhecida como "Grande Sombra". Korangar também é chamado de Império dos Mortos e Nação-Demônio, pela quantidade de desmorts e pelos pactos mantidos com criaturas infernais.

Muzluk

"Lugar imundo e miserável", em svaltar; o termo é usado para as cavernas habitadas pelos escravos e também para o buraco em seus lares onde os svaltares fazem necessidades. "Estar no muzluk" é uma expressão para se encontrar em uma situação ruim ou estar indefeso.

Neshera

Garra de escalada com pegada especial no cabo para encaixe de roperas.

Noguiri

Uma das duas tropas de forças especiais dos svaltares, com ênfase em infiltração e assassinato. Os soldados usam loriga leve de couro negro e tintura, máscara, capuz ou pano preto no rosto branco para camuflagem na escuridão. Os noguiris trabalham em conjunto com os raguiris, a tropa coirmã, dentro da tática svaltar de dois golpes. O treinamento dos melhores homens fica a cargo do ayfar. Ver “Raguiri”.

Otya-mag

"Fortaleza das Cinco Pontas", o nome no idioma anão para o Fortim do Pentáculo. Ver "Fortim do Pentáculo".

Palácio dos Ventos

Fortim anão criado pelo Dawar Tukok para ser usado como arma na Grande Guerra dos Dragões, em 430 a.K. Foi instalado em uma grande rocha flutuante criada em conjunto pelos senhores elementais da terra e do ar para celebrar a paz entre eles, mediada pelo Dawar Bokok em 748 a.K.

Raguiri

Uma das duas tropas de forças especiais dos svaltares, com ênfase em intimidação e extermínio em massa. Os soldados usam gibanetes de cota de malha e capas esvoaçantes brancas que recebem tratamento alquímico para refletir a luz de maneira sobrenatural, além de maquiagem para distorcer as feições. Os raguiris trabalham em conjunto com os noguiris, a tropa coirmã, de acordo com a tática svaltar de dois golpes. O treinamento dos melhores homens fica a cargo do ayfar. Ver “Noguri”.

Rajar

O primogênito de uma casa svaltar.

Ropera

Espada fina e curta dos svaltares, feita essencialmente para estocar nos ambientes confinados do subterrâneo.

Salar

"Aquele que guia" em svaltar. Título dos patriarcas das linhagens svaltares. Há uma semelhança com o *salim* dos alfares; porém, o termo para os elfos da superfície é dado a um único indivíduo entre todas as linhagens, enquanto os elfos das profundezas não elegem uma figura isolada que represente toda a raça. Um

conselho de salares rege a complexa política interna das cidades svaltares. Ver "Salim".

Salim

"Aquele que guia" em alfar. É o mais alto título entre os alfares, sempre conferido ao líder, e, portanto, equivale ao rei dos humanos.

Sardar

"Aquele que lidera" em svaltar. O comandante.

Sieni

Tipo de cogumelo amarelado que os humanos chamavam de prego-na-pedra e tem propriedades analgésicas.

Si-halad

Verme gigante que habita as profundezas da Cordilheira dos Vizeus. Eles têm corpo cilíndrico e translúcido; a cabeça possui uma enorme boca circular cheia de dentes e uma antena que emite uma luz branco-azulada para se guiar. Si-halads são capazes de abrir túneis ao passar por rocha sólida, e muitos espécimes de pequeno e médio porte são treinados para essa finalidade pela linhagem Samannar de Zenibar.

Skalki

Título conferido ao senescal das casas nobres de Zenibar.

Svaltar

Elfo das profundezas. Ver "Elfo".

Unyar-Holl

Reino anão a sudeste de Fnyar-Holl, também na Cordilheira dos Vizeus.

Zavar

Título conferido ao arquimago das casas nobres de Zenibar.

Zimoi

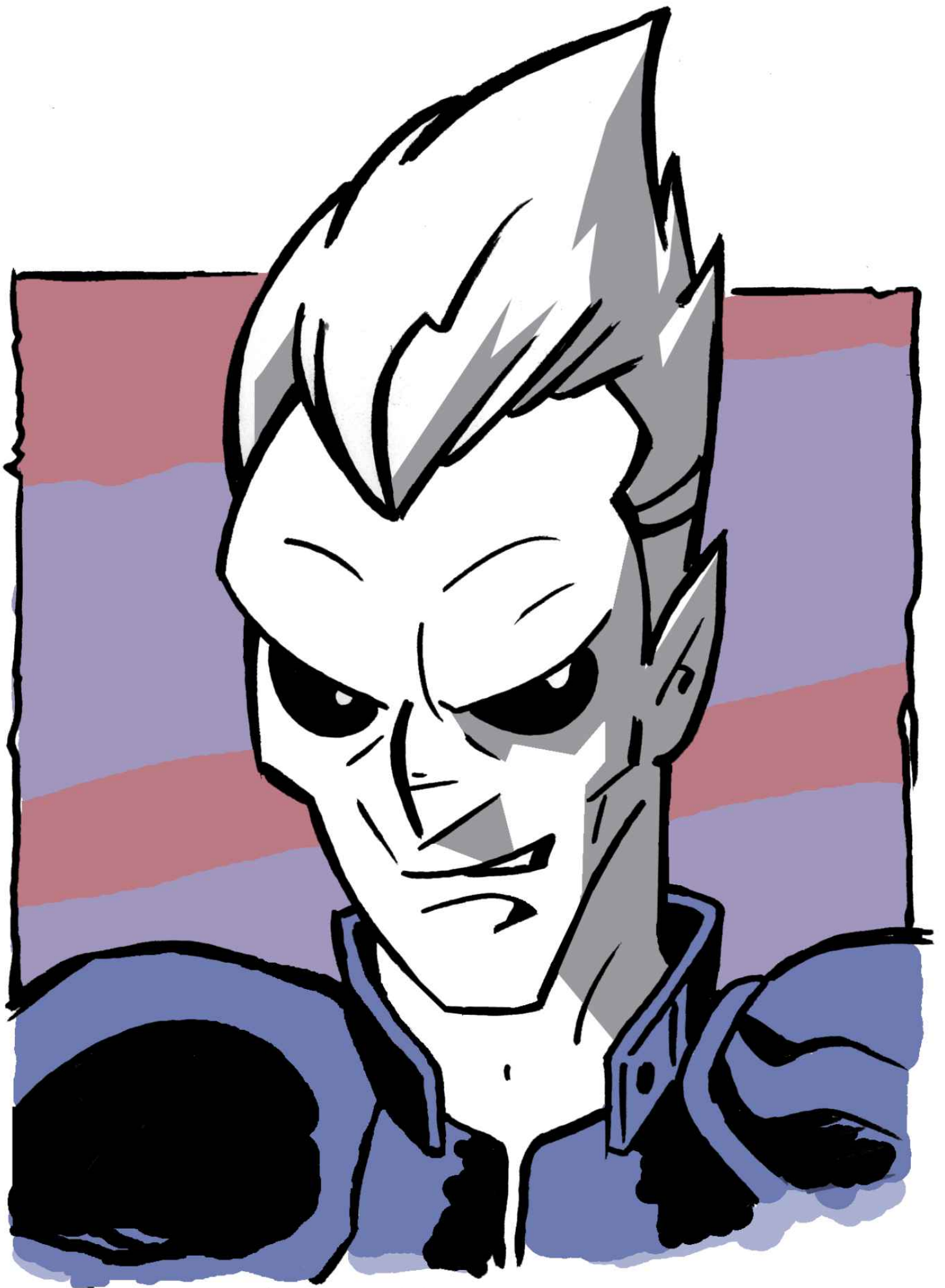
Termo svaltar para um ogro-das-cavernas.

Zupak

Martelo-picareta usado pelos anões de Fnyar-Holl tanto como arma quanto como ferramenta.

Yigin

Jogo svaltar de empilhamento de bloquinhos de pedra. O complexo conjunto de regras envolve rodadas com colocação e retirada dos blocos, cada um valendo uma pontuação diferente de acordo com a altura da torre.



PÓSFACIO

POR QUE KALANNAR?

Tudo começou por um fascínio pelos drows. E quem não era fascinado por eles ao jogar *Dungeons & Dragons*? Misteriosos, cruéis, manipuladores, excelentes guerreiros, místicos poderosos, os drows eram os vilões que amávamos odiar. Eu sempre quis jogar com um e tive a oportunidade na aventura iniciada por Zander Catta Preta que basicamente gerou o grupo de anti-heróis das **Lendas de Baldúria**, protagonistas de *Os Portões do Inferno* e *O Despertar dos Dragões*. Montei então a ficha do Kalannar, originalmente um drow pelo conceito de D&D, mas jogado pelo sistema de Gurps.

Eu sempre fui um jogador fortemente influenciado pelo audiovisual, sendo um cinéfilo, leitor de quadrinhos e de literatura fantástica na mesma medida. A primeira imagem do Kalannar, seus maneirismos e descrição vieram do papel interpretado pelo então desconhecido Tom Hardy em *Star Trek: Nêmesis*, o clone do capitão Picard criado nos subterrâneos do planeta Remus. A roupa extravagante de couro preto com design alienígena e a faca erguida compuseram o Kalannar original. Logo depois, fui influenciado pela atuação de Michael Rosenbaum como Lex Luthor em *Smallville* — outro manipulador e planejador do mal, sempre sob controle e querendo controlar os outros. Ambos me ajudaram no roleplay do Kalannar como um assassino *lawful evil drow* [drow leal e mau] em meio a um grupo de personagens basicamente bons. Foi um desafio em termos de narrativa, especialmente quando o Kalannar travou amizade com sua contraparte, o guerreiro humano *chaotic good* [caótico e bom] Baldur.

Logo de cara, eu quis desconstruir (a expressão está em moda hoje em dia) o conceito de D&D do drow, criado por Gary Gigax com algumas referências na mitologia (a palavra é um derivado escocês de troll, termo usado para uma variedade de espíritos malignos; o poema mitológico *Edda* registra a existência de “elfos negros”). A ideia de uma raça de seres malignos negros me soava um pouco racista e, pelo histórico de os drows estarem condenados a viver nas profundezas, a meu ver eles teriam que ser albinos com olhos completamente negros para enxergar no escuro, um pouco como os morlocks das versões cinematográficas de *A Máquina do Tempo* e os molóides, a raça criada pelo Toupeira, inimigo do Quarteto Fantástico — porém não com o aspecto bestial de ambos, mas sim mantendo o biotipo élfico tradicional.

Quando decidi romancear a campanha de RPG que acabei herdando do meu amigo Zander, agora simplesmente chamada de Baldúria pela minha mesa de jogadores, precisei mudar o nome drow, que era propriedade intelectual da Wizards

of the Coast, dona do *Dungeons & Dragons*. O termo svaltar nasceu de svartálfar, palavra de origem nórdica para os tais elfos negros. Outra coisa que eu quis evitar era toda a mitologia dos drows patenteada pela Wizards — a sociedade matriarcal temente à deusa maligna Lolth que, apesar de viver sob rígidos cânones religiosos e sociais (portanto *lawful/leal*), era inexplicavelmente *chaotic/caótica*. Preferi criar uma mitologia svaltar própria, mais explicitada neste volume do que em *Os Portões do Inferno*, onde eu tive que distribuir os detalhes da construção do mundo por todas as raças de Zândia.

Mas, voltando ao Kalannar, é impossível esconder que ele é meu personagem predileto de todos os que criei em quase trinta anos de RPG (a serem comemorados em 2021). O Kalannar é meu James Bond, o assassino/espião/infiltrador que realiza sozinho missões impossíveis com o máximo de eficiência. Nas páginas dos romances, consigo fazer com que ele brilhe muito mais do que na mesa de RPG, pois era difícil jogar como um agente solo dentro da estrutura cooperativa de um grupo de *Dungeons & Dragons*. A regra de ouro, afinal, é “não separe o grupo”. Mesmo assim, foram anos de assassinatos, espionagens e infiltrações que inspiraram as ações de Kalannar nas páginas das Lendas de Baldúria.

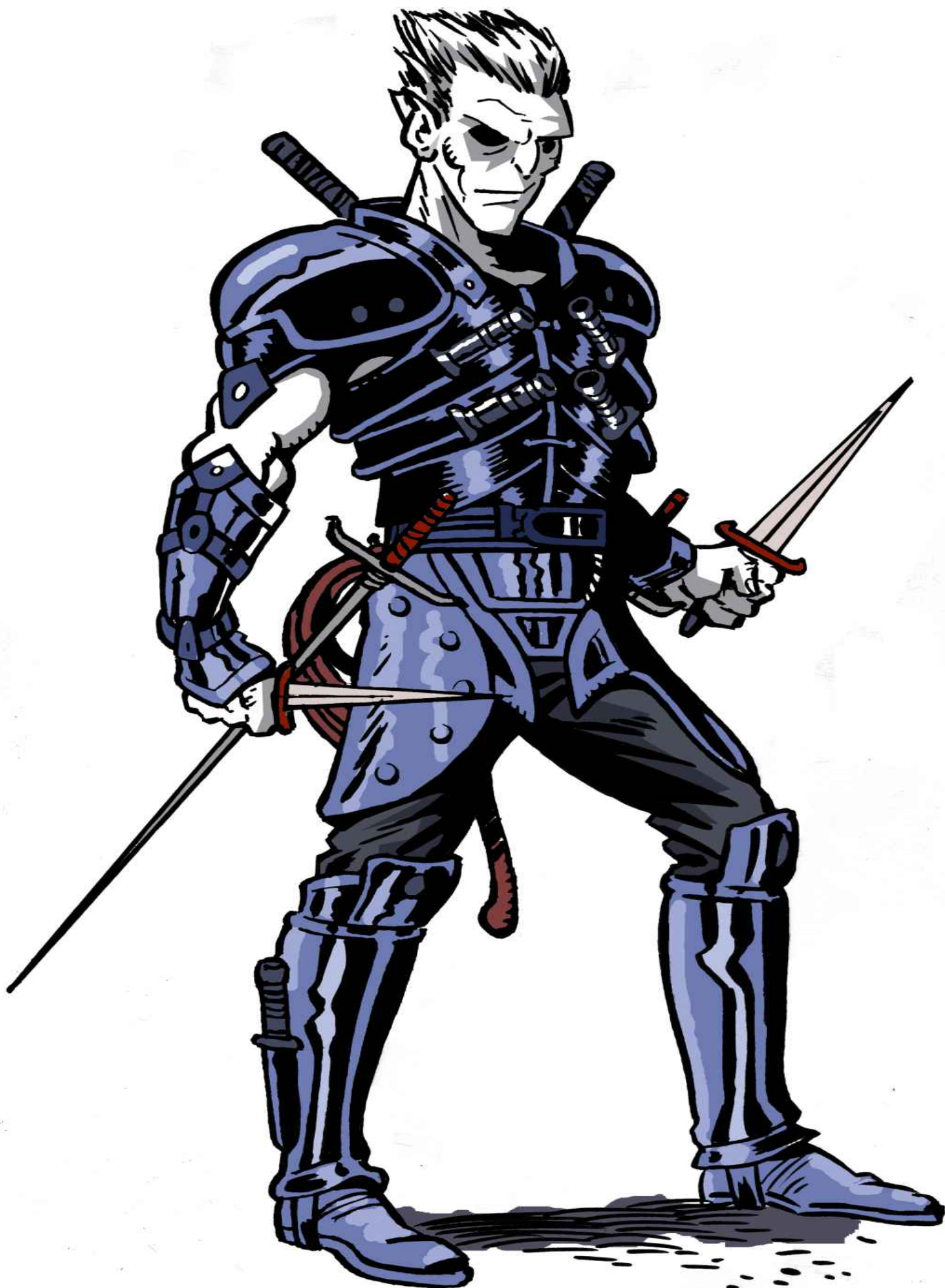
Em termos de personalidade, o Kalannar é muito parecido comigo, é o tipo de personagem em que o autor se projeta de forma idealizada, ainda que o svaltar tenha defeitos horríveis que, espero, eu não possua. Por isso ele perdeu a careca das versões de Tom Hardy e Michael Rosenbaum e ganhou cabelos arrepiados, como uso há anos, e hoje me inspiro no Tom Hiddleston, o Loki dos filmes da Marvel, para a voz e os maneirismos do Kalannar. Vejo sempre o ator londrino falar e atuar na mente antes de colocar as cenas do assassino no papel. O tal “sorriso cruel” certamente veio dele.

O contato com os leitores desde o lançamento de *Os Portões do Inferno*, em 2015, me proporcionou a grata surpresa de descobrir que o Kalannar se tornou o personagem favorito da maioria deles. Ainda que eu torcesse que isso fosse acontecer e até desconfiava que acabaria sendo realidade de certa forma, ainda assim apostei que o primeiro lugar no coração dos leitores ficaria com Derek Blak. Ambos tinham um ar de mistério e eram personagens de ação pragmáticos e violentos, mas, por ser humano, talvez o Derek gerasse mais empatia com o público do que uma criatura essencialmente alienígena, com um cardápio de emoções e atitudes tão literalmente desumano. Como autor pai-coruja, é extremamente gratificante ver a resposta do público em relação ao Kalannar — resposta essa que justamente me motivou a escrever o livro que você tem em mãos.

A ideia é que haja mais **Prólogos de Baldúria**; outros personagens do grupo merecem ter seu passado misterioso revelado, como Agnor e Od-lanor mais

explicitamente, porém o primeiro a abrir a porteira tinha que ter sido mesmo o Kalannar, e não só pela questão da popularidade. O surgimento do grupo em si está intimamente ligado a ele — o Ambrosius só reuniu aquele bando de aventureiros para resgatar o Dawar Bramok nas entranhas dos Vizeus porque o Kalannar colocou em movimento o golpe de estado que o derrubou. Subsequentemente, quando o grupo partiu para fechar os Portões do Inferno, eles estavam inadvertidamente fazendo parte do grande plano de vingança do svaltar contra seu irmão traidor.

Que a releitura do primeiro livro ganhe novo sabor com os acontecimentos narrados aqui.



AGRADECIMENTOS

Esse projeto nasceu de um convite da minha agente Alessandra Ruiz, da Authoria Agência Literária & Studio, para que eu me tornasse um autor do programa White Glove da Amazon KDP. Como eu não tinha em mente um projeto inédito fora das **Lendas de Baldúria**, considerei que essa seria uma oportunidade perfeita para explorar outras histórias do meu universo em uma nova casa editorial e em outra mídia, o e-book. Obrigado então, Alessandra, por ter me chamado. *Traição em Zenibar* não teria nascido sem você.

Como sempre, e mais do que nunca nesse caso, Zander Catta Preta também merece meus agradecimentos por ter me permitido criar o Kalannar na mesa de RPG e jogar com ele. Como expliquei no posfácio, não é comum deixar que um único jogador faça um personagem claramente mau dentro de um grupo com tendências relativamente boas. O Kalannar está aí, lépido e fagueiro, graças a você — e também aos amigos da mesa de Baldúria que toparam a premissa e fizeram com que o assassino svaltár crescesse como personagem junto com eles.

Outro agradecimento especial vai para Luiz Guilherme Figueiredo, que mesmo tendo interpretado uma versão bem diferente do Regnar em nossas sessões de RPG, acabou por inspirar a composição do personagem. Saiba que, no final das contas, acabei dando razão ao Regnar (foi uma surpresa ao escrevê-lo, aliás).

Muito obrigado a Oswaldo Chrispim Neto, o melhor leitor-beta do mercado, que ficou me policiando para que eu não tornasse o Kalannar um personagem invencível. As surras e derrotas sofridas pelo pobre svaltár foram motivadas por suas sugestões. Seu olho clínico também me deixou atento às necessidades de amarrar a trama do prólogo com a de *Os Portões do Inferno*. Qualquer falha nesse sentido, a culpa é minha (mas direi que é dele).

Agradeço ao Daniel de Almeida e Silva pela espetacular capa desse e-book, mais uma arte de uma série que ele vem produzindo para as Lendas de Baldúria, compondo um portfolio que sempre me emociona. Coisa de cartaz de cinema, como sempre sonhei ver.

Também merecem meus agradecimentos os ilustradores Daniel Lustosa e Manoel Magalhães, que sempre se dispõem a colocar seu talento a serviço do Kalannar, contribuindo com belos desenhos do svaltár. Dependendo da cena, é a versão de um deles que vem à mente quando escrevo. Muito obrigado a vocês dois por facilitar meu serviço. O Lustosa também é o autor do mapa que acompanha esse e-book, uma adaptação do mesmo que ele fez para *O Despertar dos Dragões*, o segundo volume das Lendas de Baldúria.

Muito obrigado a Guilherme Kroll, revisor e editor de mão cheia que veio ao meu resgate para espanar o texto desse novo projeto. Kroll já é cidadão honorário de Baldúria, tendo lido o manuscrito de *Os Portões do Inferno* lá atrás quando eu ainda tropeçava nos escritos (e continuo dando minhas topadas, aliás) e atuado também como revisor de *O Despertar dos Dragões*.

Graças à minha noiva Barbara Dawes, o Kalannar conheceu um pouco de amor, ainda que ao estilo svaltar. Se não fosse por ela, meus livros continuariam desprovidos de romance como tema central. Muito obrigado, amor. Gizar e Kalannar também agradecem.

E muito obrigado a Gary Gygax e R.A. Salvatore por todo o desenvolvimento dos drows de *Dungeons & Dragons*, e especialmente a Michael Moorcock, que me ensinou que uma raça cruel e um anti-herói implacável e impiedoso podiam ter protagonismo sem cair no chavão maniqueísta da vilania.



SOBRE O AUTOR

André Gordirro é jornalista, tradutor e escritor. Atualmente colabora com a revista de cinema **Preview** e mantém o programa de rádio **Geek Mix** (Mix Fm Rio, 102,1), além dos podcasts **Zona Neutra** e **Dado de 3**. É especialista em cultura pop, joga RPG desde 1991 e tem mais de trinta livros traduzidos. Baseado na própria campanha de *Dungeons & Dragons*, estreou como autor em 2015 com *Os Portões do Inferno* (Fábrica 231/Editora Rocco) e lançou a sequência *O Despertar dos Dragões*, em 2018, pela mesma editora. **Traição em Zenibar** é sua primeira publicação pela Amazon White Glove.

Twitter | @gordirro

Instagram | @gordirro

Facebook | www.facebook.com/andregordirro

Table of Contents

NOTA DO AUTOR

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

APÊNDICE

PÓS-FÁCIO

AGRADECIMENTOS

SOBRE O AUTOR